

# **METODOLOGIA DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA**

**BRASÍLIA-DF.**

## **Elaboração**

Magda Maria de Freitas Querino  
Maria Teresa Caballero Brügger  
Cecília Gomes Muraro Alecrim  
Denise Maria dos Santos Paulinelli Raposo  
Elias Alexandre Oliveira dos Santos  
Juliana Eugênia Caixeta  
Marcelo Moreira Campos  
Maurício Silva  
Maysa Ornelas

## **Produção**

Equipe Técnica de Avaliação, Revisão Linguística e Editoração

# Sumário

APRESENTAÇÃO.....	4
ORGANIZAÇÃO DO CADERNO DE ESTUDOS E PESQUISA .....	5
INTRODUÇÃO.....	7
<b>UNIDADE I</b>	
INICIANDO OS ESTUDOS.....	9
<b>CAPÍTULO 1</b>	
CONSTRUÇÃO DO PARÁGRAFO E CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM ACADÊMICA.....	9
<b>CAPÍTULO 2</b>	
MODALIDADES DE TRABALHOS ACADÊMICOS.....	26
<b>UNIDADE II</b>	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA EM METODOLOGIA DA PESQUISA .....	45
<b>CAPÍTULO 1</b>	
CONCEITOS E FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA.....	47
<b>UNIDADE III</b>	
PLANEJANDO O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	66
<b>CAPÍTULO 1</b>	
TEMA DE ESTUDO .....	66
<b>CAPÍTULO 2</b>	
PROBLEMA DO ESTUDO.....	68
<b>CAPÍTULO 3</b>	
FORMULAÇÃO DOS OBJETIVOS PARA O ESTUDO .....	74
<b>CAPÍTULO 4</b>	
JUSTIFICATIVA PARA O ESTUDO .....	76
<b>CAPÍTULO 5</b>	
REVISÃO INICIAL DA LITERATURA.....	78
<b>CAPÍTULO 6</b>	
METODOLOGIA.....	87
<b>CAPÍTULO 7</b>	
CRONOGRAMA.....	106

<b>CAPÍTULO 8</b>	
REFERÊNCIAS .....	107
<b>UNIDADE IV</b>	
CONSTRUINDO O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....	119
<b>CAPÍTULO 1</b>	
MONOGRAFIA .....	119
<b>CAPÍTULO 2</b>	
ARTIGO CIENTÍFICO .....	131
<b>CAPÍTULO 3</b>	
ESTUDO DO CASO .....	142
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>145</b>

# Apresentação

Caro aluno

A proposta editorial deste Caderno de Estudos e Pesquisa reúne elementos que se entendem necessários para o desenvolvimento do estudo com segurança e qualidade. Caracteriza-se pela atualidade, dinâmica e pertinência de seu conteúdo, bem como pela interatividade e modernidade de sua estrutura formal, adequadas à metodologia da Educação a Distância – EaD.

Pretende-se, com este material, levá-lo à reflexão e à compreensão da pluralidade dos conhecimentos a serem oferecidos, possibilitando-lhe ampliar conceitos específicos da área e atuar de forma competente e consciente, como convém ao profissional que busca a formação continuada para vencer os desafios que a evolução científico-tecnológica impõe ao mundo contemporâneo.

Elaborou-se a presente publicação com a intenção de torná-la subsídio valioso, de modo a facilitar sua caminhada na trajetória a ser percorrida tanto na vida pessoal quanto na profissional. Utilize-a como instrumento para seu sucesso na carreira.

Conselho Editorial

# Organização do Caderno de Estudos e Pesquisa

Para facilitar seu estudo, os conteúdos são organizados em unidades, subdivididas em capítulos, de forma didática, objetiva e coerente. Eles serão abordados por meio de textos básicos, com questões para reflexão, entre outros recursos editoriais que visam tornar sua leitura mais agradável. Ao final, serão indicadas, também, fontes de consulta para aprofundar seus estudos com leituras e pesquisas complementares.

A seguir, apresentamos uma breve descrição dos ícones utilizados na organização dos Cadernos de Estudos e Pesquisa.



## Provocação

Textos que buscam instigar o aluno a refletir sobre determinado assunto antes mesmo de iniciar sua leitura ou após algum trecho pertinente para o autor conteudista.



## Para refletir

Questões inseridas no decorrer do estudo a fim de que o aluno faça uma pausa e reflita sobre o conteúdo estudado ou temas que o ajudem em seu raciocínio. É importante que ele verifique seus conhecimentos, suas experiências e seus sentimentos. As reflexões são o ponto de partida para a construção de suas conclusões.



## Sugestão de estudo complementar

Sugestões de leituras adicionais, filmes e sites para aprofundamento do estudo, discussões em fóruns ou encontros presenciais quando for o caso.



## Atenção

Chamadas para alertar detalhes/tópicos importantes que contribuam para a síntese/conclusão do assunto abordado.



### **Saiba mais**

Informações complementares para elucidar a construção das sínteses/conclusões sobre o assunto abordado.



### **Sintetizando**

Trecho que busca resumir informações relevantes do conteúdo, facilitando o entendimento pelo aluno sobre trechos mais complexos.



### **Para (não) finalizar**

Texto integrador, ao final do módulo, que motiva o aluno a continuar a aprendizagem ou estimula ponderações complementares sobre o módulo estudado.

# Introdução

O presente Caderno de Estudos foi elaborado com o objetivo de propiciar conhecimentos acerca do contexto educacional com foco na Metodologia da Pesquisa e da Produção Científica. A cada capítulo, pensamos nas horas que você dedica ao trabalho destinado às atividades educativas bem como às práticas desenvolvidas no cotidiano de um ambiente universitário. Lembrando sempre que você é protagonista da história que estamos construindo a partir de agora.

Esperamos que, ao longo dos estudos, possamos aprofundar conceitos e dialogar de modo que você continue construindo o seu trabalho de conclusão de curso – TCC. Nesse período, você poderá se expressar em relação a diferenciadas situações educativas no que se refere aos temas propostos.

Para o aluno que estuda a distância, algumas ações são importantes, como o cumprimento do seu planejamento, um bom desenvolvimento do processo de aprendizagem e a interação com tutor e colegas.

Estaremos sempre a sua disposição. Bons estudos!

## Objetivos

- » Conhecer a construção do parágrafo e as características da linguagem acadêmica.
- » Compreender as modalidades de trabalhos acadêmicos utilizados em cursos de pós-graduação.
- » Conhecer conceitos e fundamentos teóricos sobre pesquisa científica.
- » Conhecer normas científicas na elaboração de trabalhos acadêmicos, tais como: projeto de pesquisa, artigo acadêmico, monografia, entre outros.
- » Compreender as etapas que regem o planejamento de pesquisa aplicado em diferenciados tipos de trabalhos acadêmicos.
- » Desenvolver atividades de elaboração de planejamento de pesquisa, apresentando autonomia intelectual e espírito investigativo.

## CAPÍTULO 1

### Construção do parágrafo e características da linguagem acadêmica

Falamos e escrevemos para expressar a vida, comunicar o vivido, fecundar o presente, gestar o futuro.

(SEVERINO BARBOSA; EMÍLIA AMARAL)

#### Arte de redigir

Não é apenas na Matemática que se efetuam demonstrações, todos os dias, na vida, nós temos de demonstrar por obras, palavras ou escritos, alguma coisa: a nossa inocência, a nossa justiça, a nossa verdade, a nossa virtude, a capacidade do nosso trabalho etc. Todas essas demonstrações se fazem com palavras, mas não são palavras loucas ou desordenadas: com palavras raciocinadas e ordenadas a um fim determinado. Serão vãs, inúteis e até contraproducentes todas as expressões que não forem devidamente escolhidas e conduzidas.

Aqueles que escrevem consideram sempre o mecanismo lógico e as regras a que devem obedecer? Sabem, porventura, formular uma hipótese? Sabem estabelecer, com rigor, uma indução ou dedução? Sabem estabelecer a analogia? Distinguem um axioma de um postulado?

Quando não pensa bem, o homem erra; quando não pensa bem, o homem escreve mal. O erro mental se transforma naturalmente em um erro de escrita. Ainda que um homem saiba todas as regras gramaticais, não poderá redigir corretamente se ignorar as leis básicas da Lógica.

A construção da frase não é tudo; para além dela há que se considerar a expressão e a alma das palavras, a perfeição dos raciocínios, o escrúpulo das demonstrações e o rigor das conclusões.

Para pensar e para escrever bem, torna-se indispensável que o indivíduo saiba tirar de si próprio tudo quanto o seu espírito lhe pode proporcionar. A meditação é essencial ao escritor, porque constitui um mergulho no seu próprio inconsciente.



O autor nos faz refletir sobre a importância da escrita na nossa vida; enfatiza a necessidade de se conjugar regras gramaticais e leis da lógica para possibilitar a meditação, a reflexão, o pensar. Assim, ao produzir trabalhos acadêmicos – exposições, por escrito, sobre temas discutidos em disciplinas de cursos de graduação ou pós-graduação, nos diversos níveis –, devemos aplicar a competência específica.

## **Estrutura do parágrafo**

Somos seres sociais, portanto, necessitamos comunicar ideias e sentimentos. Para tanto, utilizamos a linguagem oral ou escrita.

Na oral, a comunicação se efetiva com mais facilidade, pois lançamos mão de vários recursos extratextuais, como os gestos, as expressões faciais e outros meios que facilitam a interação entre emissor e receptor.

Na escrita, não contamos com esses recursos. Para que um texto seja bem-sucedido, deve ser um todo harmonioso, que se divide em que partes entrelaçadas denominadas parágrafos.

O parágrafo, então, constituirá um elemento básico na estruturação de um texto, pois “facilita ao escritor a tarefa de isolar e depois ajustar convenientemente as ideias principais da sua composição, permitindo ao leitor acompanhar-lhe o desenvolvimento nos diferentes estágios” (GARCIA, 1978).

Observe como o texto é realmente um todo significativo, elaborado em partes que se entrelaçam.

### **Aceleração da aprendizagem**

Uma proposta pedagógica de aceleração da aprendizagem necessita resgatar teorias educacionais bem-sucedidas e conjugá-las na prática pedagógica em favor dos alunos. Não se trata, portanto, de dogmatismos teóricos e, sim, de ecletismo responsável e consequente.

Destaca-se, nesse conjunto de princípios referenciais, o fortalecimento da autoestima dos alunos, para acelerar a aprendizagem daqueles que apresentam defasagem idade-série.

O trabalho voltado para o fortalecimento da autoestima começa por aquele olhar novo, vivificador, estimulador de todos os agentes da escola sobre os alunos, sobre todos os alunos. Mas, efetivamente, deve configurar-se em ações concretas, consistentes e coerentes, no sentido de desmontar qualquer sentimento de inferioridade em termos de aprendizagem, pela construção de uma prática de sucessos constantes.

Assim, essa autoestima será reconstruída pela própria via da aprendizagem. Isso significa que, no contexto do próprio processo pedagógico de desenvolvimento dos conteúdos escolares, o aluno pode elevar seu autoconceito, sentindo-se cada vez mais seguro para participar, questionar, refutar, argumentar, analisar, decidir.

(Texto adaptado – Nilcéa Lopes Lima dos Santos)

O texto-modelo compõe-se de quatro parágrafos, indicados por um afastamento da margem esquerda da folha.

Atualmente, com o advento da informática, passou-se a usar o parágrafo americano que não mais apresenta o afastamento da margem, porém se destaca no corpo do texto apenas por um espaço maior entre um parágrafo e outro.

Pode-se dizer que o parágrafo é uma unidade redacional. Serve para dividir o texto, que é um todo, em partes menores, tendo em vista os diversos enfoques.

O texto-modelo, por exemplo, distribui as suas ideias conforme apresentado a seguir.

No 1º parágrafo, observa-se a ideia principal – apresentação das características de uma proposta pedagógica específica.

No 2º e 3º parágrafos, constata-se o desenvolvimento da ideia principal:

- » 2º parágrafo – exposição de um dos princípios que fundamentam a proposta: fortalecimento da autoestima.
- » 3º parágrafo – detalhamento do que significa o fortalecimento da autoestima.

No 4º parágrafo, tem-se a conclusão da ideia principal – autoestima elevada propicia segurança no processo de ensino-aprendizagem.

Da mesma forma que o texto, o parágrafo também se estrutura em ideia principal, desenvolvimento e conclusão. O parágrafo, em escala menor, distribui as partes pelos períodos que o compõem.

Segundo Othon M. Garcia, o parágrafo constitui-se por um ou mais períodos, em que se desenvolve determinada ideia central ou principal; ou nuclear ou tópico frasal, a que se agregam outras secundárias, relacionadas pelo sentido e decorrentes dela.

Essa divisão, às vezes, corresponde mais ao aspecto semântico (de significação) do que propriamente ao aspecto sintático (de estrutura frasal).

Ao analisar o 3º parágrafo do texto citado, observa-se a seguinte estrutura:

- » **Ideia principal:** “O trabalho voltado para o fortalecimento da autoestima do aluno começa por aquele olhar novo [...].”
- » **Desenvolvimento:** “[...] vivificador, estimulador de todos os agentes da escola sobre os alunos, sobre todos os alunos. Mas, efetivamente, deve configurar-se em ações concretas, consistentes e coerentes [...].”
- » **Conclusão:** “[...] no sentido de desmontar qualquer sentimento de inferioridade em termos de aprendizagem, pela construção de uma prática de sucessos constantes”.

Evidentemente, não pode haver moldes rígidos para a construção do parágrafo, que depende, em grande parte, da natureza do assunto, do gênero de composição, das preferências de quem escreve, e, até (ainda menos frequentemente), de certo arbítrio pessoal. Tal possibilidade de variação não impede que se recomende aos estudantes o tipo de estrutura que assegura a unidade e a coerência do parágrafo.

Para alcançá-las, faz-se necessário não fragmentar em blocos distintos o conjunto constituído pela ideia-núcleo e suas ramificações. Daí decorre, naturalmente, não ter importância maior a extensão do parágrafo, que pode constar até de uma só linha ou estender-se por um número maior de linhas.

Assim, o parágrafo apresenta três partes: a ideia principal, o desenvolvimento e a conclusão.

## **Ideia principal**

A ideia-núcleo encontra-se, de modo geral e sucinto, no que se chama ideia principal. Por via de regra, o tópico frasal situa-se no início do parágrafo, mas, algumas vezes,

por motivos estilísticos, desloca-se dessa posição inicial. Pode ocorrer, também, que se dilua no parágrafo.

A ideia principal pode constar de uma declaração, uma pergunta, uma definição ou conter uma divisão.

» **Declaração** (afirmativa, negativa, duvidosa)

Ex.: Nenhuma comunidade linguística pode se considerar composta de indivíduos que falam uma língua em todos os pontos idênticos.

» **Pergunta**

Ex.: Será que a violência ignora que muitas vezes não lhe cabe outro destino do que o do bumerangue, voltando ao ponto de partida, com efeito oposto ao do arremesso com que partiu?

» **Definição** (frequente na linguagem didática)

Ex.: Os pulsares são estrelas que, dentro de uma fantástica periodicidade, emitem fortes lampejos de energia.

» **Divisão** (predomina, também, no discurso didático)

Ex.: A cadeira de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio divide-se em duas partes: LP I, em que se ensinam noções de gramática, e LP II, em que se prioriza o estudo de textos.

## Desenvolvimento

Consiste no desdobramento da ideia principal, na sua explanação no parágrafo.

Há diversas modalidades de desenvolvimento de parágrafo. Seguem as mais significativas.

» **Definição**

› **Essencial**

- Localiza-se o termo a ser definido no gênero a que pertence e identifica-se a diferença específica do termo em relação aos demais gêneros.

Ex.: Muitas vezes as pessoas fazem do hedonismo a sua meta existencial (ideia principal). Hedonismo é a doutrina filosófica que faz do prazer a finalidade da vida.

- Observe que é como se se perguntasse: o que é hedonismo? É uma doutrina filosófica (gênero). Qualquer doutrina filosófica é hedonismo? Não, apenas a que faz do prazer a finalidade da vida (diferença específica).

› **Descriitiva**

- Fornece características distintivas do termo definido.

Ex.: *PATHOS* é o drama, o drama humano (ideia principal). Portanto, é a vida, a ação, o conflito do dia a dia gerando conhecimentos. Mesmo na comédia temos o *pathos* do humor.

» **Fundamentação**

- › Faz-se uma declaração, e o desenvolvimento trata do porquê dessa declaração.

Ex.: Nesta busca, que chamamos de filosofia, muitos caminhos foram trilhados (ideia principal). São as diversas escolas, tendências, correntes filosóficas históricas. Desse modo, podemos dizer, para fugir do essencialismo, que não há a Filosofia, mas filosofias, no plural, situadas historicamente e levadas a cabo por homens concretos nas possibilidades condicionadas de seu tempo.

(CÉSAR APARECIDO NUNES)

» **Enumeração**

Ex.: Nenhuma comunidade linguística fala sua língua uniformemente (ideia principal). Haverá sempre variações concernentes à idade dos falantes, à região que ocupam dentro da comunidade e às classes sociais que representam.

» **Exemplificação**

Ex.: Certas palavras têm o significado errado (ideia principal). “Falácia”, por exemplo, devia ser o nome de alguma coisa vagamente vegetal. As pessoas deveriam criar falácia em todas as suas variedades. A Falácia Amazônica. A misteriosa falácia negra.

(LUIZ FERNANDO VERÍSSIMO)

» **Confronto** (comparação e contraste)

- › Permite que se fale sobre dois ou mais referentes, procurando os pontos comuns (semelhanças) ou pontos divergentes (diferenças) entre eles.

Ex.: O sertanejo é, antes de tudo, um forte (ideia principal). Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

(EUCLIDES DA CUNHA)

» **Causa e/ou efeito**

- › Demonstra o que gerou um fato e o que resultou de tal fato.

Ex.: Os candidatos ficaram insatisfeitos (ideia principal). A quebra do sigilo provocou a anulação da prova.

- › Causa e efeito podem estar simultaneamente em um mesmo parágrafo ou aparecer separados. Deve-se observar, também, que, algumas vezes, um fato é gerado por mais de uma causa. É, ainda, necessário frisar que nem sempre é fácil separar causa e consequência, por exemplo: a televisão é a causa do aumento da violência ou a violência na televisão é a consequência do aumento da violência na sociedade?

» **Alusão histórica**

- › É tipicamente um desenvolvimento analógico, muito usado em parágrafos dissertativos. Antes de introduzir o tópico, desenvolve-se uma ideia análoga registrada na história cultural. Algumas vezes, toda a alusão pode constituir-se em um parágrafo.

Ex.: Já não me lembro quem disse esta frase, mas foi, com certeza, alguém muito conhecido. Talvez tenha sido o próprio Abraham Lincoln. Disse ele: “Pode-se enganar todas as pessoas algum tempo... Mas não se pode enganar todas as pessoas todo o tempo” (ideia principal).

- › Algumas vezes, a alusão tem caráter mais popular. Nesse caso, a ideia analógica pode ser introduzida por uma anedota ou piada.

» **Narração**

Ex.: Numa dessas noites tive um sonho que acabou em pesadelo (ideia principal). Sonhei com o meu tio Juan. Não cheguei a conhecê-lo,

mas imaginava-o com feições de índio, forte, de bigode ralo e cabelo comprido. Íamos para o Sul, entre grandes pedreiras e mato bravo, mas essas pedreiras e esse mato eram também a Rua Thames. No sonho o sol estava alto. Tio Juan ia vestido de preto. Parou perto de uma espécie de palanque, num desfiladeiro. Tinha a mão debaixo do paletó, à altura do coração, não como quem está para puxar uma arma, mas como quem a está escondendo. Com uma voz muito triste me disse: Mudei muito. Foi tirando a mão e eu vi que era uma garra de abutre. Acordei gritando no escuro.

(JORGE LUÍS BORGES)

### » **Descrição**

Ex.: A sala estava uma desordem (ideia principal). As cadeiras haviam sido viradas de pernas para cima. Dois tapetes pequenos estavam sobre o sofá, que fora arrastado para perto da porta. Por fim, copos, pratos e talheres usados rodeavam duas revistas abertas no chão.

### » **Misto**

› Combinam-se diferentes tipos de desenvolvimento.

Ex.: Os incentivos classificam-se em essenciais e accidentais (ideia principal). Os essenciais obrigam o indivíduo a uma atividade para salvar a sua sobrevivência. Os accidentais recomendam uma atividade porque se ligam à sensação de agradável. O encontro com uma onça na floresta: a visão da fera a pequena distância e avançando contra nós é um incentivo essencial. Alguma atividade é necessária para salvarmos a vida. A visão de um cartaz de Coca-Cola é um incentivo acidental: essa bebida é perfeitamente dispensável, embora seja agradável ao paladar de muitos indivíduos.

(Adaptado)

Utilizou-se, no exemplo, desenvolvimento por enumeração e exemplificação.

## **Conclusão**

Arremata o parágrafo, dá fecho lógico ao desenvolvimento.

Às vezes, os parágrafos conclusivos dispensam o arremate lógico, a conclusão, como o que se segue.

Mas o tempo é o melhor remédio para curar desavenças (ideia principal). Com o passar das madrugadas, eles foram se entrosando, se entendendo e tornaram-se amigos. Chegavam, inclusive, a dividir responsabilidades, um tirando serviço para o outro, quando a clientela aumentava (desenvolvimento).

(LUIZ PUNTEL)

O parágrafo a seguir, denomina-se parágrafo-padrão devido à estrutura apresentada. Confira.

O esforço das autoridades para manter a diversidade cultural entre os índios pode evitar o desaparecimento de muita coisa interessante (ideia principal). Um quarto de todas as drogas prescritas pela medicina ocidental vem das plantas das florestas e três quartos foram colhidos a partir de informações de povos indígenas. Na área da educação, a língua tucana, apesar do pequeno número de palavras, é comparada por linguistas com a linguagem grega por sua riqueza estrutural – possui, por exemplo, doze formas diferentes de conjugar o verbo no passado (desenvolvimento). Permanece a questão de como ficará o índio num mundo globalizado, mas pelo menos já se sabe o que é preciso fazer (conclusão).

Os parágrafos requerem certos cuidados, como a clareza, a extensão, a unidade e a coerência, entre outros.

De acordo com o estilo atual, o texto expositivo privilegia a ordem direta, a clareza, evitando, assim, parágrafos longos com excessivos entrelaçamentos de incidentes e orações subordinadas que possam causar dificuldades à análise e ao entendimento dos leigos. É claro que algumas ideias exigem parágrafos maiores, mas deve haver um equilíbrio entre as ideias que se quer expressar e o desenvolvimento do período.

Por outro lado, não se afigura apropriado ao texto expositivo-argumentativo o “estilo picadinho”, encontrado em narrativas na moderna literatura, como, por exemplo:

Entrou. Puxou uma cadeira. Sentou-se. Veio o garçom. Pediu café. Serviu-se. Bebeu. Puxou um níquel. Pagou. Saiu.

Assim como a fala não consiste meramente de uma afirmação após outra, os parágrafos significam mais do que uma simples sucessão de sentenças, ou seja, unidade e coerência.

A unidade consiste em dizer uma coisa de cada vez, omitindo-se o que não é essencial ou não se relaciona com a ideia predominante no parágrafo.

A coerência diz respeito à relação de causa e/ou consequência entre a ideia predominante e as secundárias. Deve-se, portanto, planejar o desenvolvimento das ideias, pondo-as em uma ordem adequada ao propósito da comunicação e interligando-as por meio de conectivos, expressões e partículas de transição (conjunções, pronomes, advérbios, preposições...), porque as transições constituem os principais fatores da coerência.

O liame entre orações e períodos muitas vezes se faz implicitamente, sem a interferência dos conectivos: uma pausa adequada pode ser suficiente para interligar e inter-relacionar ideias.

Ex.: Estou muito preocupado. Há vários dias não recebo notícias dela.

O seguinte trecho peca pela falta de unidade e coerência:

Dizer que viajar é um prazer triste, uma aventura penosa, parece um absurdo. Imediatamente nos ocorrem as dificuldades de transporte durante a Idade Média, quando viajar devia ser realmente uma aventura arriscada e penosa.

Melhor seria:

Dizer que viajar é um prazer triste, uma aventura penosa, parece absurdo, pois imediatamente ocorrem as inúmeras e tentadoras facilidades de transportes, o conforto das acomodações, enfim, todas as oportunidades e atrações que fazem da *itinerância* tudo, menos um prazer triste.

Cada ideia principal deve corresponder a um parágrafo. Considerando esse princípio, são dois os tipos de erro de paragrafação.

- » **Mais de uma ideia principal no mesmo parágrafo**, pois elas ficam concorrendo entre si pela ligação com as ideias secundárias, o que dificulta o entendimento do parágrafo.
- » **Mesma ideia principal em mais de um parágrafo**, uma vez que é incorreto mudar de parágrafo enquanto não se termina o desenvolvimento de uma ideia.

Assim, faz-se necessário atenção ao expor a ideia principal e o seu desenvolvimento.

## Aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos característicos da linguagem acadêmica

Sabe-se que toda língua se compõe de quatro diferentes estratos (cada um dos níveis em que se organizam seus elementos): o fônico, o mórfico, o sintático e o semântico.

O fônico refere-se aos sons (fonemas) e as suas várias possibilidades de combinação para a formação dos vocábulos, e a parte da gramática que o normatiza se denomina fonética.

O mórfico refere-se aos vocábulos (palavras, signos linguísticos), suas estruturas, regras de formação, flexão, conjugação etc., e a parte da gramática que o normatiza corresponde à morfologia.

O sintático refere-se às várias formas de se combinarem as palavras, de acordo com as estruturas definidas pela língua, para se formar as frases, e a parte da gramática que o normatiza se denomina sintaxe.

O semântico refere-se à significação resultante da combinação dos três estratos anteriores, o que possibilita a comunicação entre os vários falantes de uma determinada comunidade linguística, e a parte da gramática que o analisa corresponde à semântica.

A linguagem acadêmica exige um emprego escorreito das normas gramaticais e, neste texto, se tratará de alguns aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos característicos dessa modalidade de linguagem.

Os principais requisitos da linguagem acadêmica correspondem à correção, à sobriedade e à propriedade.

A correção resulta do domínio da norma culta e da adequada estruturação sintática.

### Aspectos sintáticos

Observe alguns aspectos sintáticos exigidos na produção de textos acadêmicos.

#### Ponto de vista do discurso

A não ser que o texto acadêmico reflita uma experiência pessoal, em que se admite o emprego da 1<sup>a</sup> pessoa do plural, como indicativo da humildade intelectual, “nós”, deve-se utilizar um enfoque impessoal: pronomes e verbos na 3<sup>a</sup> pessoa do singular e referência à própria pessoa do autor como o “pesquisador” ou o “autor”. Não se usa

o discurso em 1<sup>a</sup> pessoa do singular. Assim, a descrição das ações desenvolvidas pode ocorrer nas seguintes formas:

- » “Realizamos a pesquisa *in loco*.”
- » “O pesquisador visitou os locais indicados...”
- » “Realizou-se a pesquisa *in loco*.”

Das três formas possíveis, recomenda-se a terceira, uma vez que reflete a impessoalidade do discurso. As referências ao trabalho ocorrem também de forma impessoal. Deve-se utilizar:

- » “O presente estudo...”
- » “Este trabalho...” etc. Exemplos:
  - » “O presente estudo objetiva analisar a influência da política econômica nas decisões de investimento.”
  - » “Neste trabalho, analisa-se a influência da política econômica nas decisões de investimento.”

### **Voz verbal**

Para se referir às ações realizadas na consecução do estudo, a voz verbal indicada, a passiva sintética, exige a correspondente concordância entre o verbo e o sujeito passivo.

Exemplos:

- » O presente trabalho foi realizado no período de agosto de 2002 a julho de 2003 (voz passiva analítica).
- » Realizou-se o presente trabalho no período de agosto de 2002 a julho de 2003 (voz passiva sintética). Forma adequada ao texto acadêmico.

Observe a concordância verbal:

- » Os dados foram analisados sob o enfoque crítico-social. (Passiva analítica. O sujeito passivo “Os dados” encontra-se no plural).

Ao se utilizar a passiva sintética, a mesma frase assume a seguinte estrutura:

- » Analisaram-se os dados sob o enfoque crítico-social. (Passiva sintética – O sujeito passivo “os dados” no plural exige que o verbo, apassivado pela partícula “se”, seja empregado no plural).

Outros exemplos:

**a. Passiva analítica** (deve-se evitar)

*A autenticidade dos dados foi comprovada.*

*Os trabalhos foram conduzidos* com êxito. A citação é *realizada* com correção.

*Os dados serão computados* ao final.

*A análise será realizada* no decorrer do estudo.

**b. Passiva sintética** (deve-se preferir)

*Comprovou-se* a autenticidade dos dados.

*Conduziram-se* os trabalhos com êxito.

*Realiza-se* a citação com correção.

*Computar-se-ão* os dados ao final.

*Realizar-se-á* a análise no decorrer do estudo.

## Estruturas frasais

O texto acadêmico, técnico ou científico, deve primar por estruturas frasais corretamente construídas, conforme a norma culta, e elegantemente elaboradas. Isso não significa complexidade nem ininteligibilidade; ao contrário, pressupõe coerência, clareza e concisão.

Quando se refere à correção e à elegância sintáticas, refere-se, na realidade, a cuidados especiais na elaboração do texto, o que significa que se devem evitar estruturas elementares, características da linguagem oral, coloquial.

Alguns requisitos devem ser observados quanto à fraseologia acadêmico-científica.

A seguir, relacionam-se algumas observações importantes para a construção sintática do texto acadêmico.

### Construção dos períodos

A sucessão de períodos constitui o parágrafo, estudado anteriormente. Cada período corresponde a uma frase, portanto, possui um pensamento completo. As frases constituintes do parágrafo traduzem o desenvolvimento lógico do pensamento, por isso aconselha-se que se dê preferência a períodos curtos.

Períodos longos, abrangendo inúmeras orações subordinadas, dificultam a compreensão do assunto, tornam o texto confuso, pesado. Somente aqueles que possuem um completo domínio sobre a norma culta podem utilizar períodos mais complexos.

Observe os exemplos a seguir.

Este trabalho, cujo autor pretende apresentar recomendações de política tecnológica ao governo brasileiro, procura identificar as principais áreas de atuação nas quais o governo do país pode atuar com o intuito de promover o progresso tecnológico do país e, em última instância, o crescimento do produto *per capita* e do padrão de vida da sociedade, procura também identificar as áreas de atuação de maneira geral, isto é, sem a preocupação de identificar a situação brasileira. [...]

(RENATO FONSECA, adaptado)

Este trabalho procura identificar as principais áreas de atuação nas quais o governo de um país pode atuar com o intuito de promover o progresso tecnológico do país e, em última instância, o crescimento do produto *per capita* e do padrão de vida da sociedade. O artigo é parte de um projeto que procura apresentar recomendações de política tecnológica ao governo brasileiro. Nesta etapa, procura-se identificar as áreas de atuação de maneira geral, isto é, sem a preocupação de identificar a situação brasileira. [...]

(RENATO FONSECA)

Agora, reflita:

- » Em qual dos exemplos, A ou B, o assunto se mostrou de mais fácil compreensão?
- » Em qual dos exemplos, A ou B, se evidencia a impessoalidade, exigida pelo texto acadêmico?

Se você concluir que, para as duas questões, a resposta mais adequada é a letra B, está absolutamente certo.

No exemplo B, identifica-se, com mais facilidade a impessoalidade (“procura-se”).

Atente-se para o fato de que o exemplo A não apresenta qualquer “erro” gramatical, portanto, possível de ser realizado. No entanto, sua estrutura sintática mais complexa dificulta a compreensão do assunto exposto e, em geral, exige duas ou mais leituras para que o leitor se intire de seu conteúdo. Já o exemplo B, mais claro e direto, favorece a compreensão. Uma única leitura basta para que o leitor o compreenda imediatamente.

### **Estrita observância às normas gramaticais**

Deve-se evitar o emprego de construções sintáticas de uso coloquial, ou seja, a colocação pronominal, a concordância (nominal e verbal), a regência (nominal e verbal) devem obedecer aos preceitos gramaticais. Não se abordarão aspectos gramaticais, já tratados em outro curso. Far-se-á referência, apenas, ao uso da mesóclise (que não existe na linguagem coloquial), quando esta se exigir gramaticalmente no futuro do presente e no futuro do pretérito, e ao emprego do pronome oblíquo, em determinado contexto frasal.

#### **Mesóclise**

Exemplos:

- » “No presente estudo, estimar-se-á o risco de algumas aplicações financeiras.”
- » “Sem estas análises, correr-se-ia o risco de perdas irreparáveis.”
- » “Diante do bom desempenho da empresa, valorizar-se-ão suas ações na bolsa de mercados futuros.”
- » “Definir-se-iam novos valores, caso o mercado assim o exigisse.”

Em todos esses casos, tratando-se de emprego em textos técnicos, científicos ou acadêmicos, o uso da mesóclise torna-se obrigatório.

#### **O pronome oblíquo na construção do período**

Outro emprego pronominal que exige atenção do autor de um texto acadêmico compreende a impossibilidade de se iniciar um período pelo pronome oblíquo (o que não ocorre na linguagem coloquial).

Compare os exemplos a seguir:

Quadro 1.

Uso coloquial	Uso padrão
» <b>Se comenta</b> muito sobre esse assunto.	» <b>Comenta-se</b> muito sobre esse assunto.
» <b>Se define</b> desta maneira o material analisado: cor, amarelo-cítrico; propriedade, sólido; natureza, mineral...	» <b>Define-se</b> desta maneira o material analisado: cor, amarelo-cítrico; propriedade, sólido; natureza, mineral...
» <b>Se divulgaram</b> na imprensa os últimos escândalos políticos.	» <b>Divulgaram-se</b> na imprensa os últimos escândalos políticos

## Aspectos morfológicos e semânticos

A sobriedade e a propriedade linguística, exigidas pelo texto técnico-acadêmico, referem-se aos aspectos morfológicos e semânticos. Relacionam-se à escolha do vocabulário e à forma de utilizá-lo.

### Sobriedade

Linguisticamente, significa linguagem enxuta, clara e precisa, ou seja, não se utiliza abundância de adjetivos qualitativos, apenas aqueles estritamente necessários à delimitação do significado do substantivo. Não deve haver floreios na linguagem acadêmica, o que é característico da linguagem literária.

Compare os exemplos a seguir:

Quadro 2.

Linguagem floreada (literária)	Linguagem sóbria (técnica)
» Incomensuráveis e aflitivos problemas foram detectados naquele pobre e sofrido vilarejo. » Ao final da experiência, os excelentes e maravilhosos resultados deixaram os pesquisadores felizes e gratificados. » A árdua e exaustiva tarefa dos pesquisadores foi entusiasticamente louvada pela imprensa.	» Detectaram-se graves problemas naquele povoado. » Ao final da experiência, os resultados positivos corresponderam às expectativas dos pesquisadores. » A imprensa noticiou a tarefa dos pesquisadores.

### Propriedade

A propriedade linguística relaciona-se à adequação semântica, ou seja, à linguagem denotativa na qual o signo linguístico (a palavra) possui um significado específico no contexto em que se emprega.

A terminologia técnico-científica caracteriza-se pela especificidade da área, ou seja, há um vocabulário apropriado a cada área do conhecimento. Essa adequação do

vocabulário a sua especificidade denomina-se propriedade linguística. Assim, para a área econômica, os termos apropriados compreendem: “capital”, para indicar o dinheiro ou recursos financeiros; “superávit”, para lucros ou ganhos financeiros; “aplicações”, “lucros”, “índices econômicos” etc.

Relacionam-se apenas alguns exemplos da “propriedade linguística”, uma vez que não constitui objetivo deste Curso apresentar vocabulários técnico-científicos.

Com relação ainda à propriedade linguística, outro aspecto a se considerar corresponde aos verbos que devem ser utilizados em substituição aos verbos de uso coloquial. Devem-se substituir alguns verbos muito corriqueiros por seus sinônimos para evitar uma linguagem cotidiana e, até mesmo, popular.

Por esse motivo, devem-se evitar verbos como “ser”, “estar”, “ter”, “fazer”, “falar”, “ver”, entre outros, que deverão ser substituídos por sinônimos mais condizentes à linguagem técnico-acadêmica.

Observe os exemplos a seguir.

Quadro 3.

Linguagem coloquial	Linguagem acadêmica
» Este estudo é resultado de pesquisas de campo.	» Este estudo resulta de pesquisas de campo. » Este trabalho constitui-se em resultado de pesquisas de campo. » Este trabalho compreende o resultado de pesquisas de campo.
» Os dados da pesquisa estão disponíveis à comunidade científica.	» Os dados da pesquisa encontram-se disponíveis à comunidade científica.
» Esta afirmação tem sérias implicações.	» Esta afirmação contém sérias implicações.
» O autor fez várias experiências sobre o fato.	» O autor realizou várias experiências sobre o fato.
» Falou-se sobre o tema em diversas oportunidades.	» Discutiu-se o tema em diversas oportunidades. » Referiu-se ao tema em diversas oportunidades.
» Viu-se que os resultados eram os esperados.	» Notou-se que os resultados apresentaram-se como esperados.
» Veja o comportamento do mercado.	» Observe o comportamento do mercado.
» Os cientistas viram os fenômenos com otimismo.	» Os cientistas constataram os fenômenos com otimismo.

Para dominar a propriedade linguística, aconselha-se que os estudantes habituem-se à leitura de textos de sua área de concentração. O hábito da leitura de textos técnicos e acadêmicos possibilita que, ao redigir, a linguagem flua com facilidade. Quem já se habituou a compreender a linguagem culta possui maior competência para empregá-la.

# CAPÍTULO 2

## Modalidades de trabalhos acadêmicos



Escrever é desvendar o mundo.

(SEVERINO ANTÔNIO M. BARBOSA)

### A palavra

De todas as artes, a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra. De todas as mais se entrelaça e se compõe. São as outras como ancilas e ministras: ela soberana e universal.

A estátua fala, mas fala como uma interjeição, que apenas expressa um sentimento vago, indefinido, momentâneo. A pintura fala, mas fala como uma frase breve em que a elipse houvera suprimido boa parte dos elementos essenciais. O edifício fala, mas fala como uma inscrição abreviada, que desperta a memória do passado sem particularizar os acontecimentos a que alude. A música fala, mas fala apenas à sensibilidade, sem que o entendimento a possa claramente discernir.

Só a palavra, nas artes que é matéria-prima, fala ao mesmo tempo à fantasia e à razão, ao sentimento e às paixões. Só ela, Pigmalião prodígio, esculpe estátuas que vão saindo vivas e animadas da pedra ou do madeiro, onde as delineia e arredonda o seu buril. Só a palavra, mais inventiva do que Zéuxis, sabe desenhar e colorir figuras e países, com que se ilude e engana a vista intelectual. Só a palavra, mais audaz que os Ictinos e os Calícrates, traça, dispõe, exorna e arremessa aos ares monumentos mais nobres e ideais que o Partenão de Atenas.

Só a palavra, mais comovedora e persuasiva do que o pletro dos Orfeus, encandeia à sua lira mágica estas feras humanas ou desumanas, que se chamam homens, arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas alucinações.

Latino Coelho

O autor exalta o valor da palavra, considerando-a a mais importante dentre todas as criações humanas. Compara-a às várias formas de expressão artística e às habilidades das divindades mitológicas, ressaltando sua superioridade.

A palavra escrita exerce função relevante em várias atividades humanas, principalmente na vida acadêmica, em que norteará as realizações dos estudantes.

## Análise e síntese de textos diversos

Entender e produzir textos constituem os dois lados de um único processo que envolve a capacidade de análise e síntese, do leitor ou escritor, em relação ao texto.



Analizar significa dividir um conjunto a fim de descobrir e revelar os elementos de seu todo, bem como especificar as relações desses elementos entre si.

O trabalho de análise aplicado à compreensão de texto implica na separação das ideias principais das secundárias. Isso envolve um trabalho cognitivo sobre as estruturas sintáticas, o vocabulário, a construção dos parágrafos e o conteúdo do tema em foco. Além disso, devem-se considerar aspectos ideológicos que se apresentam nos textos e o confronto do texto com outros que tratam do mesmo assunto. Em outras palavras, exige-se uma leitura analítica.

A leitura analítica corresponde a uma leitura reflexiva, pausada, com possíveis releituras, que visa apreender e criticar toda a montagem orgânica do texto, sua coerência informativa e seu valor de opinião. Diante de um texto, a leitura analítica busca a assimilação de novos conhecimentos a partir do somatório de conhecimentos prévios já acumulados pelo leitor.

Esse tipo de leitura compreende as seguintes estratégias simultâneas:

### Relações textuais

Encerram toda a organização do texto, compreendendo o título, os subtítulos (se houver), a estruturação dos parágrafos, as relações de coesão e coerência, enfim, o conteúdo lógico-semântico do texto.

Devem-se sublinhar as palavras-chave que traduzem as ideias fundamentais do texto, assim como observar as palavras relacionais que asseguram a estrutura lógica dos raciocínios, tais como: porque, em consequência, embora, mas etc.

### Relações contextuais ou pragmáticas

Compreendem as intenções explícitas ou implícitas do autor e as convenções socioculturais que repercutem na produção do texto.

Levam em consideração os interlocutores – quem fala, para quem – e o contexto de situação em que eles se inserem. Assim, a história e o papel individual dos interlocutores,

o contexto social que os envolve, as intenções no momento da enunciação devem ser considerados para a real compreensão do que se diz. Em suma, o significado social das afirmativas não constitui o conteúdo literal das frases, mas, a interpretação que os participantes vão oferecer às expressões. Por exemplo, a afirmativa “depois eu falo com você lá fora”, dependendo do contexto de quem diz, para quem diz e das intenções, poderá conter várias significações: uma conversa posterior, uma ameaça, a necessidade de um conchavo, uma evasiva para fugir a uma pergunta etc.

Não basta, portanto, que uma pessoa domine o código linguístico. É preciso, também, que ela domine o quadro de referências socioculturais necessárias à compreensão e à produção do discurso.

Em razão dessas exigências, alguns textos acadêmicos, editoriais de jornais, entre outros, podem ser lidos, mas não compreendidos em sua intenção argumentativa.

## Relações intertextuais

Todo texto possui antecedentes em relação ao qual se posiciona. Muitas vezes, essa correlação com outro texto vem explícita, como nos seguintes casos:

- » **Alusão:** referência rápida ao pensamento ou frase de autor bem conhecido.

Ex.: “*veni, vidi, vici.*” (Vim, vi, venci), de Júlio César.

- » **Citação:** passagem tomada de um autor, ou pessoa célebre, para ilustrar ou apoiar o que se diz.

Ex.: Disse Afrânio Silva Jardim: “Divergindo da doutrina majoritária, entendemos que a Lei nº 9.099/1995 não mitigou o princípio da obrigatoriedade do exercício da ação penal pública condenatória”.

- » **Epígrafe:** citação especial, de autor conhecido, a qual antecede um livro, um artigo, uma monografia, uma tese acadêmica.

Ex.: “Não há ciência isolada e integral; nenhuma pode ser manejada como mestra pelo que ignora todas as outras. Quando falham os elementos filológicos e os jurídicos, é força recorrer aos filosóficos e aos históricos, às ciências morais e políticas”.

(CARLOS MAXIMILIANO)

- » **Paráfrase:** reprodução das ideias de um texto em outro texto, isto é, por outras palavras.

Ex.: **Original:** Reina um clima geral em que se exige de todos e em todas as partes mudanças contínuas, transformando cada vez mais o conjunto da realidade operacional da empresa de modo exagerado, em tribunal. As discussões encontram-se sob o signo do excesso de exigências. As pessoas sentem-se encostadas à parede: “Justifiquem-se!”. Imaginem que não houvesse gestores. Os processos decorreriam de modo natural, autorregulado. Seria melhor? Ou pior? Segundo quais critérios? A gestão parece ser muitas vezes ela própria a crise que pretende superar.

(Reinhard K. Sprenger. **Sem passado não há futuro.** Mercado Global, Rede Globo)

**Paráfrase do texto original:** O movimento generalizado de mudanças permanentes transformam exageradamente o dia a dia de trabalho nas empresas num tribunal em que todos estão sempre sob julgamento, estão sempre pressionados a explicar-se, a justificar suas atitudes. Ora, e se não houvesse gestores? O trabalho aconteceria naturalmente, cada um decidindo sobre a própria conduta. As coisas melhorariam ou piorariam? De que ponto de vista? A gestão empresarial parece muitas vezes ser o problema, não a solução.

- » **Paródia:** apropriação de um texto primitivo com intenções críticas, humorísticas ou apelativas.

Ex.: Nossas flores são mais bonitas, nossas frutas mais gostosas, mas custam cem mil réis a dúzia.

(MURILO MENDES. Canção do Exílio)



Sintetizar significa reunir elementos relevantes de um conjunto e fundi-los num todo coerente, ou seja, retirar os fatos secundários, o acessório, em relação às ideias principais que constituem o núcleo semântico do texto.

A síntese ajuda os estudantes, nos seus trabalhos acadêmicos, a identificar as ideias principais de um texto e, ainda, colabora no fichamento de capítulos de livros, constantemente solicitado na vida universitária.

Propicia, também, o desenvolvimento da habilidade de sintetizar, exigência da vida profissional, enfim, da vida moderna.

O processo de síntese abrange o esquema, o fichamento, o resumo e a resenha que, embora ligados à síntese, têm características distintas.

## Esquema

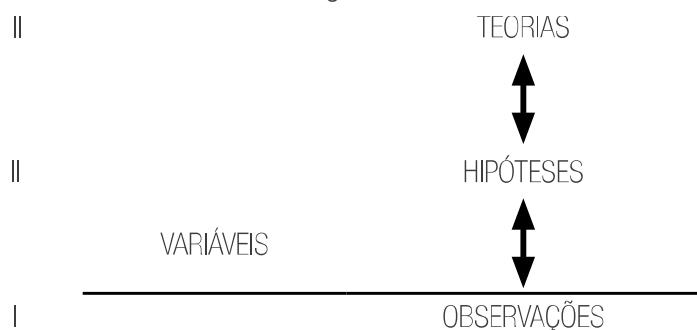
Trata-se de um processo de redução radical para a compreensão de um texto ou para orientação numa exposição oral, já que detém apenas tópicos essenciais de um assunto.

Corresponde à forma mais reduzida dos processos de síntese. Compõe-se somente de palavras, abreviaturas ou fórmulas, a partir das quais se resgatam as ideias principais.

Exemplo de texto esquematizado:

- » Pode-se imaginar o “universo” da ciência como constituído de três níveis: no primeiro, ocorrem as observações de fatos, fenômenos, comportamentos e atividades reais; no segundo, encontram-se as hipóteses; finalmente, no terceiro, surgem as teorias, as hipóteses válidas e sustentáveis. O que interessa, na realidade, é a passagem do segundo para o primeiro nível, o que ocorre por meio do enunciado das variáveis.

Figura 1.



## Fichamento

Para o autor de um trabalho acadêmico, a ficha apresenta-se como um instrumento de trabalho importante, uma vez que manipula material bibliográfico que, em geral, não lhe pertence. Utiliza-se, também, nas mais diversas instituições, para serviços administrativos, e nas bibliotecas, para consulta do público.

As fichas permitem a identificação das obras, o conhecimento de seu conteúdo, a utilização de citações, a análise do material e a elaboração de críticas.

Têm-se, então, fichas bibliográficas de resumo ou conteúdo, de citações, de análise ou comentário, entre outras.

Seguem alguns exemplos de fichamento, retirados da obra *Fundamentos de metodologia científica*, de Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, baseados na obra *Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista*.

## Exemplo de Ficha Bibliográfica.

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	
MARCONI, Marina de Andrade. <b>Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista</b> . São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.			
<p>Insere-se no campo da Antropologia Cultural. Utiliza documentação indireta de fontes secundárias e direta, colhidos os dados por meio de formulário. Emprega o método de abordagem indutivo e o de procedimento monográfico e estatístico. A modalidade é específica, intensiva, descriptiva e analítica.</p> <p>Apresenta a caracterização física do Planalto Nordeste Paulista.</p> <p>Analisa a organização econômica do planalto, descrevendo o aspecto legal do sistema de trabalho e das formas de contrato, assim como a atividade exercida e as ferramentas empregadas em cada fase do trabalho. Registra os tipos de equipamentos das habitações e examina o nível de vida das famílias. Descreve o tipo de família, sua composição, os laços de parentesco e compadrio e a educação dos filhos. Examina a escolaridade e a mobilidade profissional entre gerações.</p> <p>Apresenta as práticas religiosas com especial destaque das superstições, principalmente as ligadas ao garimpo. Discrimina as formas de lazer, os hábitos alimentares, de higiene e de vestuário.</p> <p>Leva em consideração o uso de uma linguagem específica; inclui um glossário.</p> <p>Conclui que o garimpeiro ainda conserva a cultura rurícola, embora em processo de aculturação. Exerce o nomadismo. É solidário. O traço de irresponsabilidade é mais atenuado do que se esperava.</p> <p>Apresenta quadros, gráficos, mapas e desenhos.</p> <p>Esclarece aspectos econômicos e socioculturais da atividade de mineração de diamantes na região rural de maior número de garimpeiros no Nordeste Paulista.</p> <p>» Indicado para estudantes de Ciências Sociais e para as disciplinas de Antropologia Cultural e Social.</p> <p>» Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade.</p>			

## Exemplo de ficha de resumo ou de conteúdo.

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	
MARCONI, Marina de Andrade. <b>Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista</b> . São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.			
<p>Pesquisa de campo que se propõe a dar uma visão antropológica do garimpo em Patrocínio Paulista. Descreve um tipo humano característico, o garimpeiro, em uma abordagem econômica e sociocultural.</p> <p>Enfoca aspectos geográficos e históricos da região, desde a fundação do povoado até a constituição do município. Enfatiza as atividades econômicas da região em que se insere o garimpo, sua correlação, principalmente, com as atividades agrícolas, indicando que alguns garimpeiros do local executam o trabalho do garimpo em fins de semana ou no período de entressafra, sendo, portanto, em parte, trabalhadores agrícolas apesar de a maioria residir na área urbana.</p> <p>Dá especial destaque à descrição das fases da atividade de garimpo, incluindo as ferramentas utilizadas. Apresenta a hierarquia de posições existentes e os tipos de contrato de trabalho, que diferem do rural, e o respeito do garimpeiro à palavra empenhada. Aponta o sentimento de liberdade de garimpeiro e justifica seu nomadismo, como consequência de sua atividade.</p> <p>A análise econômica abrange, ainda, o nível de vida como sendo, de modo geral, superior ao do egresso do campo e a descrição das casas e seus equipamentos, indicando as diferenças entre ranchos de zona rural e casas da zona urbana.</p> <p>Sob o aspecto sociocultural, demonstra a elevação do nível educacional e a mobilidade profissional entre as gerações: dificilmente o pai do garimpeiro exerceu essa atividade e as aspirações para os filhos excluem o garimpo. Faz referência ao tipo de família mais comum – a nuclear –, aos laços de parentesco e ao papel relevante do compadrio. Considera adequados a alimentação e os hábitos de higiene, tanto dos garimpeiros quanto de suas famílias. No que respeita à saúde, comprova a predominância da consulta aos curandeiros e dos medicamentos caseiros.</p> <p>Faz um levantamento de crenças e superstições, com especial destaque ao que se refere à atividade de trabalho. Aponta a influência dos sonhos nas práticas diárias.</p> <p>Finaliza com um glossário que esclarece a linguagem especial dos garimpeiros.</p>			

## Exemplo de Ficha de Citações.

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	
MARCONI, Marina de Andrade. <b>Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista</b> . São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.			
"Entre os diversos tipos humanos característicos existentes no Brasil, o garimpeiro apresenta-se, desde os tempos coloniais, como um elemento pioneiro, desbravador e, sob certa forma, como agente de integração nacional" (p. 7).			
"Os trabalhos no garimpo são feitos, em geral, por homens, aparecendo a mulher muito raramente e apenas no serviço de lavação ou escolha de cascalho, por serem mais suaves do que o de desmonte" (p. 26).			
" [...] indivíduos [os garimpeiros] que reunidos mais ou menos accidentalmente continuam a viver e trabalhar juntos. Normalmente, abrangem indivíduos de um só sexo [...] e sua organização é mais ou menos influenciada pelos padrões que já existem em nossa cultura para agrupamentos dessa natureza" (p. 47). (LINTON, Ralph. <b>O homem</b> : uma introdução à antropologia. 5. ed. São Paulo: Martins, 1965, p. 111).			
"O garimpeiro [...] é ainda um homem rural em processo lento de urbanização, com métodos de vida pouco diferentes dos habitantes da cidade, deles não se distanciando notavelmente em nenhum aspecto: vestuário, alimentação, vida familiar." (p. 48)			
"A característica fundamental no comportamento do garimpeiro [...] é a liberdade." (p. 130)			

## Exemplo de ficha de comentário ou ficha analítica.

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	
MARCONI, Marina de Andrade. <b>Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista</b> . São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.			
Caracteriza-se por uma coerência entre a parte descritiva e a analítica, entre a consulta bibliográfica e a pesquisa de campo. Tal harmonia difícil e, às vezes, não encontrada em todas as obras dá uma feição específica ao trabalho e revela sua importância.			
Os dados, obtidos por levantamento próprio, com o emprego do formulário e entrevistas, caracterizam sua originalidade.			
Foi dado especial destaque à fidelidade das denominações próprias, tanto das atividades de garimpo quanto do comportamento e das atitudes ligadas a ele.			
O principal mérito é ter dado uma visão global do comportamento do garimpeiro, que difere da apresentada pelos escritores que abordam o assunto, mais superficiais em suas análises, e evidenciando a colaboração que o garimpeiro tem dado não apenas à cidade de Patrocínio Paulista, mas a outras regiões, pois o fruto de seu trabalho extrapola o município.			
Carece de uma análise mais profunda da inter-relação entre o garimpeiro e o rurícola, em cujo ambiente às vezes trabalha, e o citadino, ao lado de quem vive. De todos os trabalhos sobre garimpeiros é o mais detalhado, sobretudo nos aspectos socioculturais, porém não permite uma generalização, por se ter restrito ao garimpo de diamantes em Patrocínio Paulista.			
Essencial na análise das condições econômicas e socioculturais da atividade de mineração do Nordeste Paulista.			

Assim, conforme as informações vão surgindo, durante o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos, devem ser catalogadas para, posteriormente, serem utilizadas como suporte para análise e discussão dos resultados obtidos.

## Resumo

Resumir significa dar forma mais reduzida a um texto anteriormente mais longo, preservando-se, contudo, o significado geral.

Exige-se, inicialmente, no trabalho de resumo, a compreensão clara da mensagem do texto, o que significa um trabalho preliminar de análise: domínio do vocabulário, da estrutura sintática e do conteúdo semântico. Em outras palavras:

- » Conhecimento dos termos desconhecidos (utilização do dicionário);
- » Apreensão do encadeamento semântico (significado);
- » Registro das ideias-chave e das palavras ou expressões que servem de articulação entre duas ideias (coesão);
- » Hierarquização das ideias, separando-se as principais das secundárias, eliminando-as ou reduzindo-as (seleção).

Entra-se, então, na fase de redação do resumo, observando-se o seguinte:

- » Apresentam-se as informações ou ideias básicas na ordem em que aparecem no texto a resumir;
- » Aconselha-se o suprimento da maior parte dos detalhes, como exemplos, fatos secundários, mas não se devem excluir todos;
- » Desprezam-se as características estilísticas do autor;
- » Utiliza-se, de preferência, a 3<sup>a</sup> pessoa do singular e os verbos aparecem na voz ativa;
- » Evita-se a transcrição ou citação do original, podendo-se, porém, aproveitar as palavras consideradas chave;
- » Evita-se a utilização de parágrafos.

Deve-se resumir, portanto, com fidelidade, com objetividade e clareza, três condições essenciais ao bom resumo.

Leia o texto a seguir.

### **Atenção às oportunidades**

Estamos no mês de folgança carnavalesca. O que é mera rotina. Mas estamos também num ano de emoções futebolísticas e paixões eleitorais, repetitivas, porém não tão rotineiras. Isso tudo tem implicações para a economia. O difícil é saber exatamente quais. De um lado, essas temporadas de agitação trazem o aumento do absenteísmo e da rotatividade de mão de obra no emprego. De outro, também se pode prever alta na demanda interna. Afinal, essas alterações de mercado são boas ou ruins para os negócios? Depende do ramo.

Na indústria pesada, de equipamentos sob encomenda, o absenteísmo e a rotatividade são mais prejudiciais do que em outros ramos. Ao mesmo tempo, o aumento da demanda não chega a ser uma compensação, já que as encomendas nesse setor são geradas por programas de investimentos e não pelo comportamento dos consumidores. Já na indústria de bens de consumo, as coisas são diferentes. O absenteísmo e a rotatividade são incômodos, trabalhosos, mas não chegam a constituir grande ameaça, enquanto o efeito positivo dos aumentos de demanda é imediato.

No campo das pequenas e microempresas, esse é um ano propício ao oportunismo empresarial. Não estou falando de oportunismo no sentido pejorativo da palavra. Estou apenas dizendo que a dinamização resultante do campeonato mundial de futebol e das campanhas eleitorais por todo o país cria oportunidades para quem tem agilidade, imaginação e eficiência operacional. Sempre respeitei essas qualidades do empreendedor esperto, que descobre com antecipação de onde o dinheiro está para jorrar, as necessidades urgentes a serem atendidas e imediatamente apresenta propostas para o cliente. Essas qualidades, na verdade, ditam a diferença entre o bom empresário, seja qual for o seu porte, e o dileto, que está na atividade empresarial não propriamente por vocação.

Certamente não esqueci que a economia brasileira levou um tranco no final do ano passado, com a crise do mercado financeiro internacional. Nem que os efeitos das medidas adotadas pelo governo não são favoráveis a uma grande expansão dos negócios, ao contrário. Mas isso, em vez de contraditar o que foi dito ou de induzir ao desânimo, significa que aquelas qualidades especiais encontradas nos bons empresários serão ainda mais necessárias e terão maior influência do que nos períodos em que todos os ventos sopram a favor. Na prática, o que estará em jogo é uma velha fórmula: capacidade de trabalho e competência.

(ROCHA, Marco Antônio. **Pequenas Empresas Grandes Negócios**, ano X, nº 109, fev. 1998, p. 86)

Observe, agora, o resumo do texto.

O carnaval, este mês, e a copa do mundo e as eleições, este ano, trazem alterações de mercado, que são boas ou ruins a depender do ramo de negócios. A influência dessas alterações difere da indústria pesada para a de bens de consumo. Já para pequenas e microempresas que disponham de agilidade, imaginação e eficiência operacional, as

eleições e a copa trazem boas oportunidades. Capacidade e competência são, pois, ainda mais necessárias agora do que em épocas favoráveis à expansão negocial.

## Resenha

A resenha descreve fatos essenciais explicitados na obra analisada. Corresponde a um processo de síntese, semelhante ao resumo, mas dele se diferencia por possuir caráter obrigatoriamente crítico, avaliativo em relação ao texto original, que pode se apresentar como literário, didático ou científico.

Resenhar obra cultural, livro, artigo, filme, peça de teatro ou evento, portanto, consiste em informar sobre elementos relevantes de conteúdo, forma e contexto, para que o leitor possa avaliar a importância ou o interesse de procurar o objeto original.

Resenha crítica é a apresentação do conteúdo de uma obra, acompanhada de uma avaliação crítica. Expõe-se claramente, e com certos detalhes, o conteúdo, o propósito da obra e o método que segue para, posteriormente, desenvolver uma apreciação crítica do conteúdo, da disposição das partes, do método, de sua forma ou estilo e, se for o caso, da apresentação tipográfica, formulando um conceito do livro.

A resenha crítica consiste em leitura, resumo e comentário crítico de um livro ou texto. Para a elaboração do comentário crítico, utilizam-se opiniões de diversos autores da comunidade científica em relação às defendidas pelo autor e se estabelece todo tipo de comparação com os enfoques, os métodos de investigação e as formas de exposição de outros autores.

A resenha crítica apresenta as seguintes exigências:

- » Conhecimento completo da obra; não deve se limitar à leitura do índice, prefácio e de um ou outro capítulo.
- » Competência na matéria exposta no livro, bem como a respeito do método empregado.
- » Capacidade de juízo crítico para distinguir claramente o essencial do supérfluo.
- » Independência de juízo, o que importa não é saber se as conclusões do autor coincidem com as nossas opiniões, mas se foram deduzidas corretamente.

- » Correção e urbanidade, respeitando sempre a pessoa do autor e suas intenções.
- » Fidelidade ao pensamento do autor, não falsificando suas opiniões, mas assimilando com exatidão suas ideias, para examinar cuidadosamente e com acerto sua posição.

Evidentemente, uma resenha crítica bem feita pode converter-se num pequeno artigo científico e até mesmo num trabalho monográfico, podendo ser publicada em revistas especializadas.

A resenha crítica compreende uma abordagem objetiva (em que se descreve o assunto ou algo que foi observado, sem emitir juízo de valor) e uma abordagem subjetiva (apreciação crítica em que se evidenciam os juízos de valor de quem está elaborando a resenha crítica).

O cientista tem uma capacidade de juízo crítico mais desenvolvida. O estudante esforça-se para o exercício de compreensão e crítica inicial.

A resenha facilita o trabalho do profissional ao trazer um breve comentário sobre a obra e uma avaliação desta.

Na introdução, o acadêmico deve apresentar o assunto de forma genérica até chegar ao foco de interesse ou ao ponto de vista o qual será focalizado. Uma vez apresentado o foco de interesse, o acadêmico procura mostrar a importância desse, a fim de despertar o interesse do leitor. Por último, deixa-se claro o caminho/método que orienta o trabalho.

A descrição do assunto do livro, texto, artigo ou ensaio, compreende a apresentação das ideias principais e das secundárias que sustentam o pensamento do autor. Para facilitar a descrição do assunto, sugere-se a construção dos argumentos por progressão, que consiste no relacionamento dos diferentes elementos, mas encadeados em sequência lógica, de modo a haver sempre uma relação evidente entre um elemento e o seu antecedente.

A apreciação crítica deve ser feita em termos de concordância ou discordância, levando em consideração a validade ou a aplicabilidade do que foi exposto pelo autor. Para fundamentar a apreciação crítica, deve-se levar em conta a opinião de autores da comunidade científica, a experiência profissional, a visão de mundo e a noção histórica do país.

Nas considerações finais, devem ser apresentadas as principais reflexões e as constatações decorrentes do desenvolvimento do trabalho. As referências bibliográficas seguem as normas da ABNT.

Os passos a seguir formam um guia ideal para uma produção completa de uma resenha acadêmica crítica:

- » **Identifique a obra:** coloque os dados bibliográficos essenciais do livro ou artigo que você vai resenhar.
- » **Apresente a obra:** situe o leitor, descrevendo em poucas linhas todo o conteúdo do texto a ser resenhado.
- » **Descreva a estrutura:** explice a divisão em capítulos, em seções, sobre o foco narrativo ou até, de forma sutil, o número de páginas do texto completo resenhado.
- » **Descreva o conteúdo:** utilize de três a cinco parágrafos para resumir claramente o texto resenhado. Nessa etapa, você poderá, em cada um dos parágrafos, resumir um dos capítulos ou seções.
- » **Analise de forma crítica:** nessa parte, e apenas nessa parte, você dará sua opinião. O resenhista deve sintetizar o assunto abordado na obra e apontar falhas, erros de informações, lacunas nas teorias expostas, evidenciar novas abordagens, conhecimentos, teorias, tecer elogios aos méritos da obra, desde que tenha fundamento em suas colocações. Ao expor suas críticas, o resenhista deverá informar ao leitor, de maneira objetiva e cortês, as ideias fundamentais da obra. É difícil encontrarmos resenhas que utilizam mais de três parágrafos para isso, porém, não há um limite estabelecido. Dê asas ao seu senso crítico.
- » **Recomende a obra:** você já leu, já resumiu e já deu sua opinião, agora é hora de analisar para quem o texto realmente é útil (se for útil para alguém). Utilize elementos sociais ou pedagógicos, baseie-se na idade, na escolaridade, na renda etc. Diga, por exemplo, se o texto é de fácil leitura ou se exige conhecimento prévio. Esse é o convite para o seu leitor optar ou não pela leitura da obra;
- » **Identifique o autor:** cuidado! Aqui você fala quem é o autor da obra que foi resenhada e não do autor da resenha (no caso, você). Fale brevemente da vida e de algumas outras obras do escritor ou

pesquisador. Quem é o autor ou autores da obra? Busque dados sobre ele ou eles e lance aqui;

- » **Assine e identifique-se:** agora sim! No último parágrafo, você escreve seu nome e fala algo sobre sua formação.

Estrutura da resenha crítica:

- » Capa.
- » Sumário.
- » Introdução.
- » Descrição do assunto.
- » Apreciação crítica.
- » Considerações finais.
- » Referências bibliográficas.
- » Anexos (se for o caso).

## Dissertação

Dissertação corresponde ao gênero de redação em que se opina sobre determinado tema, de maneira crítica e persuasiva.

Se dissertar significa expor ideias e ponto de vista baseados em argumentos lógicos, estabelecendo as relações necessárias, o raciocínio predomina nesse tipo de redação, e quanto maior a fundamentação argumentativa, mais consistente apresentar-se-á o desempenho.

Raciocina-se por meio de argumentos. Os principais registram-se a seguir:

- » **O argumento indutivo** parte do registro de fatos particulares para chegar à conclusão ampliada, que estabelece uma proposição geral. Trata-se, portanto, de uma generalização: um, dois, três... logo, todos. Caminha-se do efeito para a causa.

Ex.: Cobre conduz energia (premissa). Ouro conduz energia (premissa). Todo metal conduz energia (conclusão).

- » O **argumento dedutivo** parte de uma verdade estabelecida, geral, para provar a validade de um fato particular. Caminha-se da causa para o efeito.

Ex.: Todo homem é inteligente (premissa maior). Jorge é homem (premissa menor). Jorge é inteligente (conclusão).

Note que, no raciocínio indutivo, se as premissas (afirmações) são verdadeiras, a conclusão provavelmente será verdadeira, mas não necessariamente verdadeira, e a conclusão encerra informação que não constava das premissas. Já no raciocínio dedutivo, se as premissas são verdadeiras, a conclusão só pode ser verdadeira, e as informações contidas na conclusão já estão implícitas nas premissas.

As declarações exigem argumentos, sejam eles justificativos, comprobatórios ou exemplificativos, para torná-las consistentes. Escolhem-se, portanto, premissas que favoreçam o raciocínio no caminho da verdade, como, por exemplo:

- » Possuem lógica?
- » Submetem-se à verificação?
- » Contradizem alguma verdade já aceita?
- » Apoiam-se em algum testemunho?

Se a premissa expressa uma verdade universalmente aceita, dispensa-se prova.

Ao se estabelecer uma premissa para provar uma afirmação, devem-se utilizar palavras precisas, exatas, que não provoquem a ambiguidade da proposição (conclusão).

O argumento causal busca compreender a relação de causa e efeito em um fato ou processo.

Ex.: Isso é causa disto; aquilo é efeito disto. Em outras palavras, se eu me machuquei depois que vi um gato preto é prova de que o gato preto traz azar.

O argumento analógico consiste na passagem de um fato particular para outro também particular que se infere em razão de alguma semelhança. Em razão disso, o raciocínio por semelhança fornece apenas probabilidade e não certeza.

Ex.: Na Medicina Terapêutica, o diagnóstico tem, geralmente, uma base analógica. A partir dos sintomas observados, chega-se à doença.

Usa-se, também, no âmbito da Política e da Literatura, por seu poder retórico de fixar e simplificar um conceito abstrato.

Ex.: A inflação é uma bola de neve.

A dissertação baseia-se nessa fundamentação lógica: encontrar ideias e concatená-las. Caracteriza-se, portanto, por obedecer a duas exigências básicas: a exposição e a argumentação. Em razão disso, utiliza-se esse tipo de texto em trabalhos científicos ou acadêmicos, como monografia, dissertação de mestrado, tese de doutorado, artigos e editoriais de jornais.

Para facilitar a produção de um texto argumentativo, pode-se utilizar um roteiro sobre o tema a se desenvolver.

Observe o exemplo em questão.

- » Tema: Mulher na atualidade.
- » Delimitação do tema: Igualdade entre homem e mulher.
- » Argumentação a ser defendida: Homem e mulher, apesar das diferenças biológicas, devem ter oportunidades iguais na sociedade.



As argumentações devem conter um caráter persuasivo, suceder em sequência lógica e encaminhar para conclusão.

Veja, agora, como ficou a montagem do roteiro.

#### INTRODUÇÃO

Homem e mulher, apesar das diferenças biológicas, devem ter oportunidades iguais na sociedade.

#### DESENVOLVIMENTO

1. A divergência entre feminismo e machismo é uma questão cultural.
2. As diferenças biológicas não fazem de homem e mulher espécies diferentes.
3. A mulher vem assumindo papel cada vez mais preponderante no mercado de trabalho.
4. O mundo político tem testemunhado o aparecimento de mulheres em posições de destaque.

#### CONCLUSÃO

Homem e mulher devem ser parceiros na construção de uma vida melhor para todos.

Uma vez pronto o roteiro, passa-se à redação propriamente dita, obedecendo à organização interna do texto dissertativo, explicada a seguir.

- » **Introdução:** o autor diz a que veio; apresenta o assunto e seu posicionamento sobre ele. Além disso, delimita a abordagem, caso

necessário, e define qual o argumento básico a “atacar” para a defesa de seu ponto de vista.

- » **Desenvolvimento:** o autor trata do tema de forma analítica e lógica; desenvolve a tese introduzida no início do texto e expõe os argumentos necessários para persuadir o leitor.
- » **Conclusão:** o autor reafirma, confirma a tese inicial ou, então, propõe soluções para o problema que foi discutido no texto.

Do ponto de vista linguístico, a dissertação deve submeter-se ao padrão culto formal, obedecendo à correção gramatical e ao apuro vocabular, bem como, em razão de sua natureza reflexiva e conceptual, ater-se a uma linguagem lógica e impessoal, isto é, na 3<sup>a</sup> pessoa do singular.

Leia o exemplo dissertativo a seguir.

Há duas espécies de erro: o erro a favor da gente e o erro contra a gente.

O primeiro erro é fenômeno essencial ao processo de conhecimento, e tem valor. O método indutivo nele se apoia, buscando a verdade por meio do popular “ensaio-erro”. O cientista não o pode dispensar: para encontrar o antídoto para determinado veneno, por exemplo, precisa experimentar diferentes combinações e misturas, testando-as em doses controladas, em cobaias animais e humanas, comparando reações e efeitos, até chegar ao antídoto mais eficiente e menos contraindicado. Na sucessão das experiências, há muitos erros, muitos resultados que não funcionam como se quer – esses erros são indispensáveis para eliminar alternativas inúteis e, assim, aumentar a possibilidade do acerto final.

O processo ensaio-e-erro, inclusive, costuma produzir efeitos inesperados, resultantes da presença do acaso. Pela procura de antídotos se pode chegar a descobertas imprevisíveis, e mesmo a outras substâncias tão úteis à humanidade quanto os antídotos.

Entretanto, o erro deixa de ser indispensável ao processo do conhecimento e passa a ser, ao contrário, claramente prejudicial, quando se repete. Quando, ao estabelecer o limite para a procura do acerto, se

fixa no próprio limite e interrompe o processo. Como se o artilheiro, por nervosismo e incompetência, e não por intenções pacifistas e brincalhonas, continuasse acertando água – logo acertariam nele e no seu couraçado. Como se o cientista insistisse numa substância que matasse uma cobaia após a outra, desconhecendo o erro, desconhecendo a necessidade de usar o erro para mudar e procurar acertar. Eis o erro contra a gente.

(GUSTAVO BERNARDO)

## Trabalhos de conclusão de cursos em pós-graduação

A pós-graduação, como a própria denominação diz, é todo curso realizado após a graduação, sendo caracterizado por programas de estudo de longa duração, que podem qualificar o graduado em uma determinada área do saber. A finalidade desses programas/cursos é essencialmente a consolidação e o aprofundamento do conhecimento obtido na graduação, e, em instâncias mais avançadas, como o doutorado, o objetivo estende-se à criação de novas ideias, bem como à independência do pesquisador, que se torna capaz de levar adiante pesquisas em torno de temas ainda não levantados de determinados pontos de vista. A partir da conclusão do doutorado, tem o poder de delegar a outros o desenvolvimento de pesquisas, orientando esse desenvolvimento e supervisionando-o.

Nesses programas, o pensamento crítico e o exercício da reflexão mais profunda acerca de determinados temas de interesse daqueles que os realizam são levados adiante com o uso do método científico de investigação.

Há dois tipos de pós-graduação: a pós-graduação *stricto sensu* e a pós-graduação *lato sensu*. A primeira é composta por dois tipos de programas: o mestrado e o doutorado. A última caracteriza-se pelos cursos de especialização. Assim, têm-se três possibilidades de pós-graduação: a especialização, o mestrado e o doutorado.

O mestrado e o doutorado não devem ser vistos simplesmente como uma continuidade da graduação. Para levar adiante um programa de mestrado ou de doutorado, é necessário vocação para a pesquisa e certa independência (ou muita, no caso do doutorado) na busca pelo conhecimento. O ritmo de estudo é bastante intenso, e

dificilmente encontra-se este tipo de programa em modalidades não presenciais ou semipresenciais. São programas direcionados à formação científica e acadêmica.

Já a especialização, objetiva mais frequentemente a atuação profissional fora do meio acadêmico, bem como a atualização do profissional.

## **A pós-graduação *lato sensu*: especialização**

A principal expectativa daquele que realiza uma especialização é o aprimoramento profissional, com caráter de educação continuada. Tem usualmente um objetivo técnico-profissional específico, não abrangendo o campo total do saber em que se insere a especialidade, proporcionando um diferencial na formação acadêmica e profissional.

Os trabalhos de conclusão de curso são definidos de acordo com as especificidades contidas nos projetos pedagógicos de cada curso (monografia, artigo, projeto de intervenção, plano de negócios...).

## **A pós-graduação *stricto sensu*: mestrado e doutorado**

A pós-graduação *stricto sensu* caracteriza-se pela busca de referências, métodos e tecnologias atuais e suas aplicações. A capacidade de redigir textos científicos deve ser desenvolvida e é importante a publicação ou submissão de artigo(s) em reconhecidas revistas especializadas e em congressos, durante e após o curso, o que mostrará a importância da pesquisa.

### **O mestrado**

No mestrado, são desenvolvidas habilidades e competências como a produção de conhecimento científico e tecnológico por meio do desenvolvimento de pesquisas aplicadas. Nessa fase da pós-graduação, o aluno é iniciado na pesquisa científica, cursando disciplinas que tenham relação com sua pesquisa, e deve desenvolver uma dissertação que versará sobre o tema que escolheu para se aprofundar. Muitas vezes, caracteriza-se pela aplicação de técnicas conhecidas na graduação na resolução de problemas reais.

## O doutorado

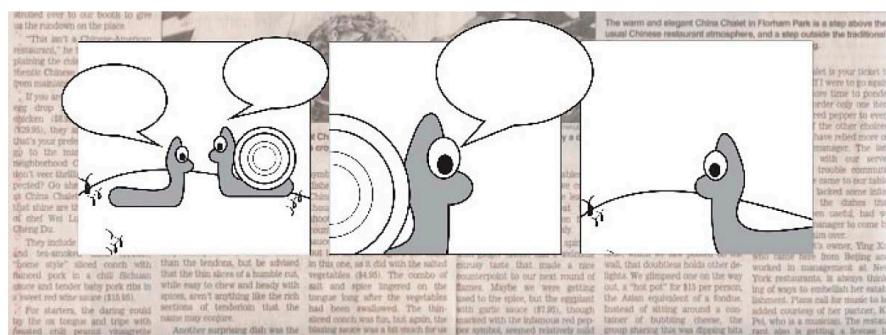
O doutorado poder ter início após a conclusão do mestrado ou da graduação (doutorado direto). A principal diferença entre mestrado e doutorado é o fato de que, no mestrado, não é necessário que o trabalho verse sobre um novo assunto, ou traga uma novidade para o meio científico (embora nada impeça isso), podendo se tratar de um trabalho de aprofundamento ou de aprimoramento de alguma tecnologia ou assunto já conhecidos, enquanto, no doutorado, é necessário que haja inovação, devendo o trabalho ser inédito, apresentado na forma de tese.

O doutorando adquire a independência em pesquisa científica, tornando-se, ao final do programa, após a conclusão do trabalho e a defesa da tese, um pesquisador independente, com qualificação para orientar outros estudantes que desejem fazer pós-graduação.

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA EM METODOLOGIA DA PESQUISA

## UNIDADE II

Figura 2.



Fonte: Ilustração: Isis Florencio.

Vamos iniciar nosso trabalho discutindo os processos de pesquisa e da produção acadêmica em ciências humanas. Veremos que existem diferenças significativas entre a pesquisa nas chamadas “Ciências da Natureza” e nas “Ciências Humanas”, ramo do conhecimento em que se inserem nossos cursos de pós-graduação em Educação.

Assim, trabalharemos os percursos históricos e as considerações sobre o que é conhecimento e sua relação com a pesquisa científica. É fundamental que você tenha a possibilidade de compreender minimamente o que significa conhecimento e as diversas formas que a sociedade se relaciona com essa vertente. Discutiremos a respeito das diferenças entre os diversos tipos de conhecimento e a aplicabilidade de cada um deles para a nossa vida cotidiana, acadêmica e profissional.

Você verá que existe hoje uma abordagem de conhecimento preocupada com a especificidade da construção do conhecimento e descoberta do objeto inteligível de cada ciência humana em particular, como é o caso do Direito. Isso é fundamental, pois, durante muitos anos, e por causa da influência do paradigma positivista, as pesquisas se ancoraram em metodologias das “Ciências Naturais” ou, quando muito, em preceitos das Ciências Sociais, mas sem levar em consideração as especificidades da construção do saber no âmbito dos processos educativos, bem como as realidades atinentes ao campo da sociedade, do poder e da moral, de onde advém o conjunto dos valores humanos fundamentais.

Nossa intenção é fornecer-lhe caminhos para compreensão da dimensão do processo de construção do conhecimento na área das Ciências Sociais, em especial a área educacional.

Esperamos que, ao final, você esteja em condições de pensar na perspectiva realista sobre a organização do conhecimento e a importância da postura de professor pesquisador em sua prática pedagógica.

# CAPÍTULO 1

## Conceitos e fundamentos teóricos sobre a pesquisa científica

### Percursos históricos e considerações sobre o que é pesquisa

O conhecimento é a construção de significados que as pessoas e a sociedade fazem sobre o mundo, a partir de experiências da vida cotidiana. Podemos dizer que é a compreensão da realidade, ou seja, das ideias que construímos, é o resultado da nossa relação com o mundo.

No campo filosófico, o conhecimento pode ser estudado sob dois ângulos: como ação humana sobre algo a ser conhecido e como bem da humanidade, construído individual e coletivamente.

Embora usemos no dia a dia o termo “conhecer” para qualquer situação de contato do sujeito com o mundo, não podemos usá-lo sem refletir. Às vezes, não chegamos a conhecer algo totalmente; apenas o percebemos ou sentimos. Conhecer é algo mais complexo do que imaginamos.

No primeiro sentido, conhecer é trazer para o sujeito algo que se põe como objeto. É o processo pelo qual o sujeito leva para sua consciência algo que está fora dela. Podemos afirmar que o conhecimento se manifesta na tradução cerebral de um objeto na medida em que o renascimento do objeto conhecido em novas condições passa a existir dentro do sujeito conhecedor.

Assim, podemos dizer que conhecer é construir significados e descobrir as essências das próprias coisas, quando nos são apresentadas. É um processo contínuo e dinâmico, que ocorre em nosso dia a dia. No segundo sentido, o conhecimento é um patrimônio da humanidade, formado pelos saberes humanos acumulados ao longo da História. Nessa ótica, podemos falar de tipos de conhecimento, de acordo com a fonte sob a qual ele foi construído: sabedoria popular, vivências ou experiências científicas.

Trataremos do conhecimento como bem da humanidade, ou seja, como algo que é produzido pelo ser humano para a sociedade, tendo em vista sua importância para a construção do texto acadêmico. De acordo com essa abordagem, não há apenas uma forma de se conhecer a realidade, de entendê-la e explicá-la. Por exemplo, existem

várias formas de entender como acontece uma batida de carro. Podemos dizer que foi Deus quem quis assim, que, ao bater com o carro, Deus nos livrou de um perigo maior, como a morte, ou, ainda, que Ele quis nos castigar por algo errado que fizemos. Podemos explicar também dizendo que estávamos distraídos olhando para uma propaganda na rua e acabamos por bater o carro ou que a batida aconteceu porque as condições mecânicas do carro não estavam adequadas e que o desgaste dos freios provocou uma baixa aderência ao chão, provocando a batida.



O conhecimento humano é milenar, não sendo privilégio exclusivo da ciência, uma vez que, nos primórdios da civilização, já se podia constatar o desenvolvimento do conhecimento humano. Recuando no tempo, observando egípcios, fenícios, judeus, romanos, asiáticos, muçumanos, hindus e outros povos, encontramos culturas que servem de referencial para explicações quanto ao desenvolvimento do conhecimento e da tecnologia na contemporaneidade (OLIVEIRA, 2007, p. 24).

A história do pensamento humano começou a mudar com o surgimento da Filosofia, no século V a.C., na Grécia. Foi o momento em que o homem começou a buscar outras explicações para os fenômenos e para a existência humana para além dos mitos e dos deuses. Durante muitos séculos depois do surgimento da Filosofia, no período chamado Idade Média, o pensamento humano ficou polarizado entre a razão e a fé, tendo o pensamento religioso imperado no mundo ocidental como forma de explicar a realidade.

Conforme nos aponta Figueiredo (1979), durante a Idade Média, as referências coletivas como a família, o povo e, principalmente, a religião eram o amparo para o homem e sua compreensão sobre o mundo. A religião detinha o poder de decisão sobre as ações humanas; por isso, ao mesmo tempo em que amparava o homem, também o constrangia, retirando dele a capacidade de construir suas próprias referências internas.

Nos séculos XIV e XV, surgiram novas formas de organização social, provocando uma crise social que culminou com a contestação das velhas tradições e o rompimento da ciência com a religião. O pensamento renascentista apregoava que o homem é capaz de decidir por si, que ele se sente livre e se coloca na posição de centro do universo, buscando objetividade nas suas experiências.

A explicação para os fenômenos naturais e o mundo deixou de ser determinada pelo sagrado e este se tornou um objeto de uso para o próprio homem, embora a crença em Deus permanecesse. O trabalho intelectual, a partir desse período, tornou-se mais intenso e individualizado; e a religiosidade, uma decisão íntima. Figueiredo (1979) chama esta individualização do homem de “experiência da subjetividade privatizada”.

No entanto, essa mesma experiência sofreu uma crise no século XIX. O homem percebeu que existia, em todas as esferas da vida, um regime disciplinar disfarçado que podia ser facilmente observado nas instituições governamentais, nas relações trabalhistas e familiares. Por consequência, os interesses particulares no comércio acabavam por desencadear crises e guerras. Como veremos mais adiante, os três últimos séculos foram palco de transformações circunstanciais nos paradigmas que governam o pensamento ocidental e, consequentemente, o significado da ciência e sua influência na sociedade.

Com o surgimento do Mercantilismo, o declínio do Feudalismo e as grandes navegações do século XIV, uma nova forma de compreender a realidade foi se consolidando, por meio do uso da razão, para otimizar os recursos e transformar a realidade por meio da tecnologia. Foi nesse período de efervescência de ideias e do renascimento da razão como forma de explicar a realidade que surgiram novas formas de tentar explicar a realidade por meio da experimentação e pela razão. Já não bastava apenas a fé ou a filosofia para justificar as transformações na natureza e para a racionalização da produção dos bens necessários para a sobrevivência das pessoas. O desenvolvimento da tecnologia teve papel fundamental para a racionalização dos processos produtivos e o surgimento de uma nova forma de compreender a realidade.



Para saber mais sobre a história e a filosofia das ciências, leia o livro *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*, de Gerard Fourez, 1995.

Vários séculos depois do início dessas mudanças, constatamos que não há uma única forma de compreender o mundo. Encontramos quatro tipos importantes de formas de conhecimento da realidade: o filosófico, o religioso, o senso comum e a ciência. Cada uma dessas formas de compreender a realidade tem hoje uma função e um uso de acordo com a necessidade de cada pessoa, desde sua vida íntima até sua vida profissional.

Em poucas palavras, podemos dizer que o conhecimento filosófico pretende conhecer a essência de todas as coisas. Por exemplo, no caso da batida do carro, o filósofo iria pensar sobre o que é uma batida de carro, de que maneira ela aconteceu, que consequências ela trouxe para o momento de sua ocorrência e, especialmente, as suas consequências para a vida humana.

O senso comum é conhecido como o conhecimento popular, do dia a dia, que usamos o tempo todo. O principal objetivo do senso comum é resolver nossos problemas, possibilitar uma vida mais fácil. Assim, a batida do carro pode ser explicada pela displicência: estava distraído, por isso bati o carro. Outro exemplo: “Vou tomar boldo

porque meu estômago está doendo”, ou, ainda: “Vou colar o cano com *durepox* porque está vazando água”. Você já fez isso? Se sim, você estava usando o conhecimento do senso comum! A todo o momento, usamos esse tipo de conhecimento porque estamos sempre precisando resolver problemas. Esse conhecimento é espontâneo, construído ao longo da nossa história de vida, a partir das ações e histórias da nossa família, dos amigos, dos vizinhos.

A ciência, outro tipo de conhecimento, é bem diferente do senso comum. A ciência quer explicar a realidade, por meio de pesquisa, de investigação científica, ou seja, de investigação intencional, baseada em métodos rigorosos, como observação, questionários, testes, experimentos, entrevistas – específicas e passíveis de descrição.

O senso comum quer resolver problemas do cotidiano, por isso, não quer comprovar, por intermédio de pesquisa, suas conclusões. Por exemplo, você não fez pesquisa sobre o *durepox* ou sobre o boldo, simplesmente os usou porque sabia, pela sua vivência, que eles ajudariam a melhorar sua dor no estômago e a tampar o cano que estava vazando. Você deve, em sua memória, lembrar-se de sua avó lhe dizendo: “Meu filho, tome boldo que passa!”. Você seguiu os conselhos de sua avó e deu certo, não teve que estudar as propriedades químicas do boldo.

Dessa forma, podemos afirmar que os conhecimentos se diferenciam quanto ao objetivo, ao objeto de estudo e à metodologia. Consulte o quadro a seguir.

Quadro 4.

Conhecimento	Objetivo	Objeto de estudo	Metodologia
Filosófico	Conhecer a essência de todas as coisas.	Essência dos fenômenos naturais e sociais.	Descrição sistemática (reflexão, pensamentos sobre o objeto de estudo).
Religioso	Explicar os fenômenos naturais e sociais por meio da fé.	Divindade.	Hermenêutica (estudo da palavra da divindade).
Senso comum ou popular	Resolver os problemas do cotidiano.	Qualquer objeto.	Qualquer método: fé, memória, sentido etc.
Ciência	Explicar os fenômenos naturais e sociais, a partir dos cinco sentidos, gerando conhecimento sistematizado, ou seja, organizado com base em experimentos, com comprovação.	Fenômenos naturais (fenômenos da natureza: chuva, raios, terremotos, reprodução humana etc.). Fenômenos sociais (fome, violência, aprendizagem, política etc.).	Científica: observação controlada, entrevistas, experimentos etc.

Até o momento, temos conversado a respeito da trajetória percorrida pela humanidade para compreender a realidade, as concepções e as formas de conhecimento. Refletimos, ainda, sobre a necessidade que o ser humano tem de ser o detentor da verdade, por meio daquilo que se manifesta, que aparece em dado momento, ou mesmo da necessidade de decifrar os enigmas do universo. No entanto, até meados do século XVIII,

considerava-se que apenas os fenômenos naturais seriam passíveis de mensuração e predição racional. Já os fenômenos sociais, as formas de organização da sociedade e as relações comerciais e mercantis eram explicados pelo fatalismo ou pelo determinismo divino.

Essa mudança na forma de ver e perceber a realidade, trazida pelo surgimento do pensamento científico cartesiano, no século XVII, alicerçou o aparecimento nos séculos seguintes das Ciências Sociais. Agora não apenas os fenômenos da natureza poderiam ser explicados pela razão, mas os fenômenos sociais seriam passíveis de verificação e predição, requisitos fundamentais para a organização da sociedade capitalista.

O conhecimento científico, ao contrário das outras formas de conhecimento, apresenta certas características que o tornam diferenciado e digno de maior confiabilidade para poder explicar os fenômenos naturais e sociais. Vejamos no quadro a seguir:

Quadro 5.

Características	Especificações
Racional	Constituído de conceitos, juízos e raciocínios, e não de sensações e imagens.
Transcendente aos fatos	Conduz o conhecimento além dos fatos observados, inferindo o que pode haver atrás deles.
Analítico	Aborda fato, processo, situação ou fenômeno, decompondo o todo em partes.
Sistemático	Constituído de um sistema de ideias correlacionadas: contém sistemas de referência, teorias e hipóteses, fontes de pesquisa etc.; informações e quadro explicativo das propriedades relacionadas.
Cumulativo	O seu desenvolvimento é uma consequência de contínua seleção de conhecimento.
Explicativo	Tem como finalidade explicar os fatos em termos de leis e as leis em termos de princípios.
Preditivo	Fundamenta-se em leis já estabelecidas, pode, por meio da indução probabilística, prever ocorrências futuras.

Outro fator de destaque para compreender um determinado fenômeno cientificamente é o entendimento de que existem abordagens que fundamentam uma investigação científica: a abordagem quantitativa e a abordagem qualitativa.

A abordagem quantitativa caracteriza-se pelo uso da quantificação, tanto na coleta quanto no tratamento das informações, por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples, como percentual, média, desvio-padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc. “Logo, o método quantitativo constitui-se em quantificar dados obtidos pelas informações coletadas por meio de questionários, entrevistas, observações e utilização de técnicas estatísticas” (OLIVEIRA, 2007, p. 24).

A abordagem qualitativa apresenta maior liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa são fixados pelas condições exigidas a um trabalho científico, mas ela deve apresentar estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetivação capaz de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjetivo de apreciação (DIEHL, 2004).

O relacionamento entre essas abordagens é preconizado por estudiosos do assunto por meio da visão purista e da visão dialógica. A primeira defende a teoria da incompatibilidade de opostos, ou seja, tanto estudiosos da abordagem quantitativa quanto da qualitativa julgam que não há possibilidade de diálogo entre as duas abordagens. A segunda, a visão dialógica, reforça que, dependendo do problema a ser investigado, admite-se um ou outro, ou mesmo as duas abordagens em uma mesma pesquisa. Existe, ainda, a teoria da complementaridade, decorrente da integração entre as duas abordagens.

Até agora, refletimos sobre a relação do homem com o mundo do conhecimento e sobre as características e as abordagens que fundamentam a investigação científica. A partir de agora, iremos compreender a pesquisa científica, por intermédio da qual uma situação ou fato é investigado. Para tanto, os procedimentos metodológicos e as técnicas rigorosas, apoiados em conhecimentos já existentes sobre a questão, embasam o processo de investigação na pesquisa científica.

A pesquisa científica pode ser assim definida:

Como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então, quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 1996, p. 17).

A pesquisa científica tem diferentes finalidades e pode ser classificada de diferenciadas formas, critérios e pontos de vista. Aquela que é realizada por meio de questões de ordem intelectual, que amplia o saber e estabelece princípios científicos é denominada pesquisa pura; a pesquisa aplicada é realizada por questões imediatas, de cunho prático, e busca soluções para problemas concretos. Entretanto, é importante você conhecer, além dessas duas modalidades, a classificação da pesquisa segundo diferentes critérios.

Quadro 6.

<b>Critérios</b>	<b>Especificações</b>
Área do conhecimento.	Educacionais, históricas, sociais.
Lugar em que se desenvolvem.	Laboratoriais, de campo, etnográficas.
Caráter dos dados coletados.	Qualitativas, quantitativas.
Forma de raciocínio.	Indutivas, dedutivas, dialéticas.
Utilização de técnicas indiretas.	Bibliográficas, documentais, teóricas.
Objetivos imediatos.	Exploratórias, descritivas, experimentais.

## Classificação das pesquisas

Existem diversas formas de se classificar os tipos de pesquisa. Essa classificação dependerá do objetivo da pesquisa, dos procedimentos de coleta, das fontes de informação e da natureza dos dados. Vejamos, no quadro a seguir, uma síntese dessa classificação e, em seguida, um breve comentário sobre os principais tipos de pesquisa utilizados na área educacional.

Quadro 7.

Tipos de pesquisas segundo os objetivos	Tipos de pesquisas segundo os procedimentos de coleta	Tipos de pesquisas segundo as fontes de informação	Tipos de pesquisas segundo a natureza dos dados
» Exploratória	» Experimental	» Campo	» Quantitativa
» Descritiva	» Levantamento	» Laboratório	» Qualitativa
» Experimental	» Estudo de caso	» Bibliográfica	
» Explicativa	» Bibliográfica	» Documental	
	» Documental		
	» Participativa		

Fonte: Gonçalves (2003).

Entre os pesquisadores, a nomenclatura mais difundida é a classificação da pesquisa segundo seus objetivos: exploratória, descritiva, experimental e explicativa (DIEHL; TATIM, 2004; OLIVEIRA, 2007; GONÇALVES, 2003). É importante ressaltar que esses objetivos não são excludentes e podem se intercalar nas diversas fases da pesquisa e em razão do fenômeno estudado, da sua natureza e abordagem.

A pesquisa exploratória configura-se como a fase preliminar, antes do planejamento formal do trabalho, tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas em torná-lo mais explícito ou em construir hipótese ou questões para o processo de investigação, ou seja, oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno pouco explorado.

A pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Essa modalidade de pesquisa pode apresentar diversos subtipos, entre eles: pesquisa descritiva propriamente dita, pesquisa de opinião, pesquisa de motivação, estudo de caso, entre outros.

A pesquisa experimental tem como característica principal a manipulação direta das variáveis relacionadas ao objeto de estudo, ou seja, são criadas situações de controle que interferem na realidade e, com isso, pretende-se explicar as causas e a maneira pela qual o fenômeno é produzido.

A pesquisa explicativa pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno. Aqui são buscadas as fontes e as razões das coisas.

Já na classificação pelo tipo de coleta, as mais utilizadas na pesquisa educacional são: a bibliográfica, a documental, a pesquisa de campo, o estudo de caso e a pesquisa participativa. É importante notar que esses tipos de pesquisas não são excludentes e poderão ser combinados em função dos objetivos da pesquisa, da abordagem escolhida (quantitativa ou qualitativa) e da natureza do objeto a ser estudado (fenômenos físicos ou da natureza e fenômenos sociais ou psíquicos).

Em função dos objetivos da pesquisa, encontraremos diferentes metodologias e técnicas de pesquisa. Serão essas técnicas e metodologias que darão ao pesquisador fundamentos para a organização de seu trabalho, desde sua concepção, execução e obtenção de resultados. Vejamos como se distinguem métodos de técnicas de pesquisa.

- » **Técnicas** são procedimentos científicos empregados por uma ciência determinada. Compreende a aplicação de instrumentos, regras e procedimentos que facilitam o processo de construção do conhecimento. As técnicas utilizadas em pesquisas devem ser compreendidas como meios específicos para viabilizar a aplicação de métodos.
- » **Métodos** são técnicas suficientemente gerais para se tornarem procedimentos comuns a uma área das ciências ou a todas as ciências.



Estudiosos do assunto afirmam que a distinção específica entre o método e a técnica é de fundamental importância para evitar possíveis confusões em uma pesquisa. Enquanto o método é o traçado geral das etapas fundamentais a serem seguidas em uma investigação de cunho científico, a técnica refere-se aos diversos procedimentos ou meios auxiliares, dentro das etapas do método.

## Métodos científicos

O método faz-se acompanhar da técnica, que é o instrumento que o auxilia na procura de determinado resultado: informação, invenção, tecnologia etc.

Em outras palavras, “o método é o procedimento que permite estabelecer conclusões de forma objetiva, enquanto a técnica é um sistema de princípios e normas que auxilia na aplicação dos métodos, justificando-se por sua utilidade” (SILVA, data, p.?).

Portanto, o método é o procedimento que se segue para estabelecer o significado dos fatos e fenômenos para os quais se dirige o interesse científico, enquanto a técnica é o procedimento prático que se deve seguir para levar a cabo uma investigação.

A atividade científica é alavancada pela motivação, isto é, por uma disposição íntima para buscar novos caminhos e soluções. Essa motivação, em muitos casos, indica os caminhos a serem percorridos no processo de investigação. Por exemplo, na pesquisa teórica, o pesquisador está voltado para satisfazer uma necessidade intelectual de conhecer e compreender determinados fenômenos; na pesquisa aplicada, ele busca orientação prática à solução imediata de problemas concretos do cotidiano e, assim, cada método tem uma necessidade a ser satisfeita.

Percebe-se que a função social de uma pesquisa traz implícita a cosmovisão do pesquisador e também a sua maneira de conceber a ciência.

Vamos discutir alguns métodos, iniciando pelos métodos indutivo e dedutivo, que “são, antes de mais nada, formas de raciocínio ou de argumentação e, como tais, são formas de reflexão, e não de simples pensamento” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 31).

## **Método indutivo**

O método indutivo parte do particular (situação concreta) para o geral (teoria), ou seja, trata-se de um método empírista.

Indução é um processo mental que parte de fatos, fenômenos, dados particulares, suficientemente constatados, para deles extrair uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas.

O método indutivo foi sistematizado por Francis Bacon. Seus passos são os seguintes:

- » Observação dos fatos ou fenômenos e análise com vistas em identificar as suas causas.
- » Descoberta da relação entre os fatos ou fenômenos, estabelecendo comparações entre eles.
- » Generalização da relação encontrada na etapa anterior para situações semelhantes (não observadas).

É importante adotar alguns cuidados ao utilizar o método indutivo: ter certeza de que a relação a ser generalizada é realmente essencial; certificar-se de que a generalização seja feita para fatos ou fenômenos idênticos aos observados; e realizar número suficiente de análises ou experimentos de forma que a amostra seja representativa da população.

## Método dedutivo

O método dedutivo faz o caminho inverso ao do indutivo, ou seja, o racionalismo:

Dedução é o processo mental que parte das verdades estabelecidas para a análise dos fatos e fenômenos particulares, verificando sua adequação à teoria, usando-os para comprová-la. Esse método parte do geral para o particular, ou seja, do corpo teórico para as situações concretas.

Os passos do método dedutivo são os seguintes:

- » Compreensão das bases teóricas (verdades universais);
- » Análise dos fatos e fenômenos concretos;
- » Estabelecimento de relação entre a teoria e os casos particulares, comprovando a primeira.

O uso desse método envolve cuidados entre os quais destacamos: certificar-se de que a explicação possui bases teóricas sólidas; aplicar-se à situação particular analisada e estabelecer relação entre as explicações e as premissas, o que constitui o ponto central do método.

## Método hipotético-dedutivo

Karl Raymund Popper, formulador do método hipotético-dedutivo, afirma que esse método consiste na construção de conjecturas que devem ser submetidas aos mais diversos testes possíveis: crítica intersubjetiva, controle mútuo pela discussão crítica, publicidade crítica e confronto com os fatos, para ver quais hipóteses sobrevivem como mais aptas na luta pela vida, resistindo, portanto, às tentativas de refutação e falseamento.

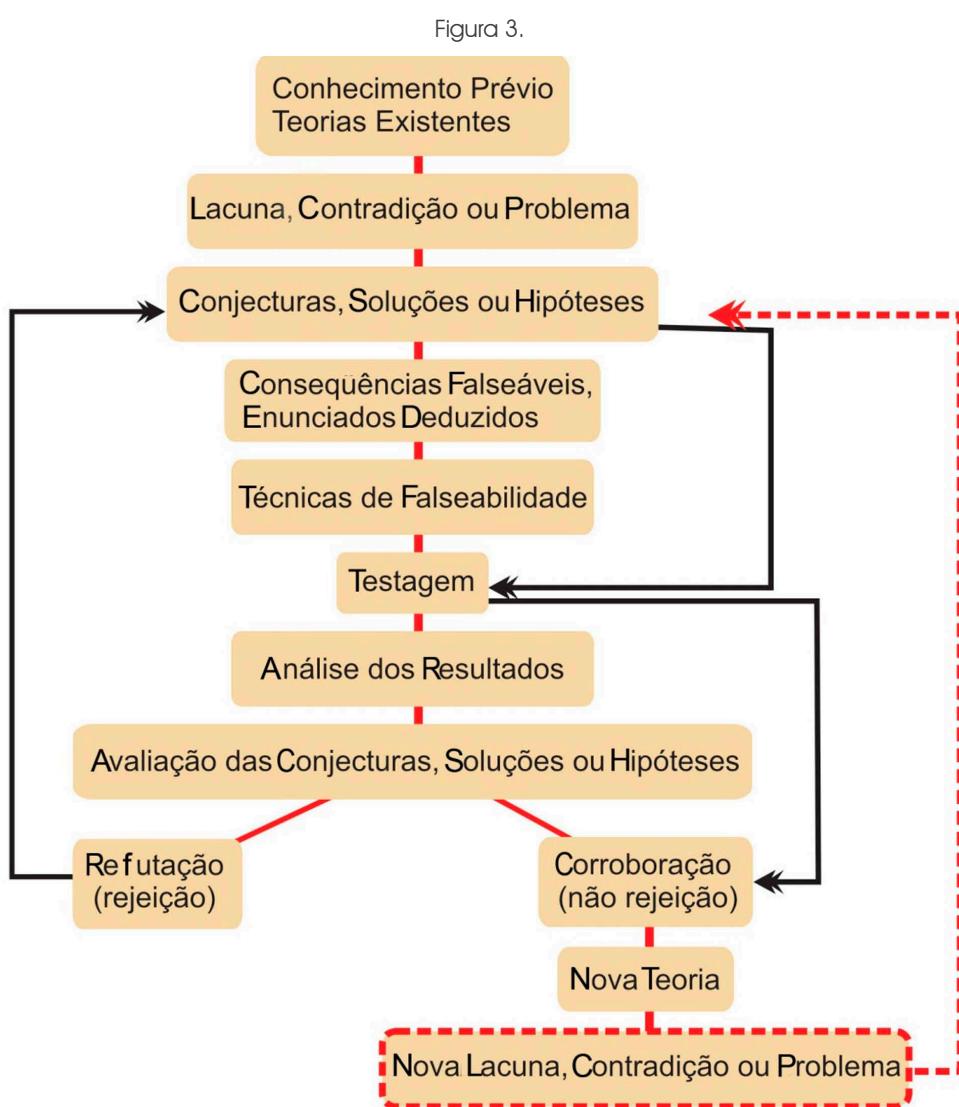
Popper (*apud* LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 67) contestava o método indutivo, considerando que a indução “não se justifica, pois leva a volta ao infinito, na procura de fatos que a confirmem, ou ao apriorismo, que consiste em admiti-la como algo já dado como simplesmente aceito, sem a necessidade de ser demonstrada, justificada”.

Veja, a seguir, o esquema dos passos do método hipotético-dedutivo para Popper, sistematizados por Lakatos e Marconi (1991, p. 67):

- » Aparecimento do problema, normalmente em função de conflitos entre expectativas e teorias;

- » Conjectura sobre possível explicação nova, com a dedução de proposições a serem testadas;
- » Testes de falseamento, visando refutar as proposições por meio de procedimentos como a experimentação e a observação. As hipóteses refutadas deverão ser reformuladas e testadas novamente. Se forem confirmadas, serão consideradas provisoriamente válidas.

Segue um fluxograma detalhando os passos do método, conforme proposto por Popper:



Fonte: Lakatos; Marconi (1991, p. 65).

## Método positivista

O método positivista enfatiza que a ciência constitui a única fonte de conhecimento, estabelecendo forte distinção entre fatos e valores; é um método geral do raciocínio

proveniente de métodos e técnicas particulares (dedução, indução, observação, experiência, comparação, analogia e outros).

Os principais representantes desse método são Comte e Durkheim. Ambos acreditam que a sociedade possa ser analisada da mesma forma que a natureza. Assim, a Sociologia tem como tarefa o esclarecimento de acontecimentos sociais constantes e recorrentes. Seu papel fundamental é explicar a sociedade para manter a ordem vigente.

No Brasil, temos fortes influências do positivismo e, como máxima desse método, podemos citar o emprego da frase “Ordem e Progresso” em nossa bandeira nacional, que foi extraída da fórmula máxima do positivismo: “O amor por princípio, a ordem por base, o progresso por fim”. Essa frase tenta passar a imagem de que cada coisa em seu devido lugar conduziria para a perfeita orientação ética da vida social.

Comte propôs os seguintes passos concebidos para o método positivista:

- » Observação objetiva (neutra) dos fenômenos – é preciso que o sujeito que produz o conhecimento coloque um limite entre ele e o objeto de estudo;
- » Valorização exclusiva do fenômeno, ou seja, que somente pode ser conhecido por meio da observação e da experiência;
- » Segmentação da realidade, significa a compreensão de que a totalidade ocorre por meio da compreensão das partes que a compõem.

## **Método estruturalista**

O estruturalismo como corrente metodológica foi elaborado na França por meio de uma luta aberta contra o existencialismo, representado por Sartre, e contra as formas de pensamento historicista, incluindo o marxismo.

Os estruturalistas consideram que os fenômenos da vida humana não são inteligíveis isoladamente. Por essa razão, é necessário compreender as relações entre eles, ou seja, a estrutura que se encontra por detrás das variações particulares, constituídas pelos fenômenos.

Assim, o método estruturalista considera, principalmente, o estudo das relações existentes entre os elementos. Como principais representantes desse método, podemos destacar Ferdinand Saussure e Jakobson, na Linguística; Lévi-Strauss, na Antropologia; Radcliffe-Brown e Althusser, na Sociologia; Piaget, na Psicologia; Lacan, na Psicanálise.

O método estruturalista possui duas etapas: a primeira vai do concreto para o abstrato e, na segunda, do abstrato para o concreto, dispondo, na segunda etapa, de um modelo para analisar a realidade concreta dos diversos fenômenos.

## Método dialético

O conceito de dialética tem sua origem na Grécia antiga. Alguns o atribuem ao filósofo Zenon; outros, a Sócrates.

Sócrates criou o método da ironia e maiêutica, que se desenvolvia assim: ele fazia uma pergunta, ouvia a resposta, perguntava de novo, refutando a resposta até eliminar as certezas do interlocutor. Essa é a fase chamada de ironia. No segundo momento, a maiêutica, voltava perguntando para que o interlocutor reconstruísse seu conhecimento de forma mais crítica, eliminando as contradições.

Veja uma explicação a respeito da Ironia e da Maiêutica.



A palavra ironia vem do grego, *eironeia*, que significa perguntar fingindo ignorar. Ironia, em grego, tem o sentido de interrogação, questionamento.

A palavra maiêutica, também de origem grega, vem de *maieutiké*, que significa relativo ao parto.

Portanto, o método de Sócrates tinha um momento de interrogação, visando eliminar as incertezas, e um momento de gestação das novas ideias.

Platão considerava dialética um sinônimo de filosofia, pois é o método mais eficaz de aproximação do mundo das ideias. Propunha o diálogo como técnica para atingir o verdadeiro conhecimento.

Aristóteles considerava dialética a lógica do provável, do que parece aceitável para todos, para a maioria das pessoas ou para os pensadores mais ilustres.

Muitos outros pensadores fizeram a sua interpretação da dialética. O método dialético ganhou força na Idade Moderna com Hegel (dialética idealista), Marx e Engels (dialética materialista). De acordo com os pensadores, as bases teóricas modificam-se, o olhar também, porém os procedimentos se mantêm.

A aplicação da dialética à investigação científica envolve uma análise objetiva e crítica da realidade, para aprofundar o seu conhecimento com vistas à transformação.

Observe que o método parte do princípio de que no universo nada está isolado, tudo é movimento e mudança, tudo depende de tudo. Assim, a dialética é realizada pela reflexão a respeito da relação sujeito e objeto, confrontando as variáveis e suas contradições para chegar a uma síntese.

Constituem categorias fundamentais do método dialético:

- » **Totalidade:** a compreensão do objeto de estudo só é possível se o considerarmos na totalidade, tendo em vista a necessidade de estabelecer as bases teóricas para sua transformação.
- » **Historicidade:** a contextualização do problema de pesquisa é essencial para sua compreensão, assim, é importante, para entendê-la, identificar o autor, sua intenção, o momento, o local da pesquisa etc.
- » **Contradição:** o método dialético sempre parte da análise crítica do objeto a ser pesquisado, procurando identificar as contradições internas em cada fenômeno estudado. Considera que só assim é possível encontrar as variáveis determinantes do fenômeno.

Identificam-se, no método dialético, os seguintes passos:

- » Elaboração da tese, ou seja, a afirmação inicial;
- » Elaboração de antítese, ou seja, de uma oposição à tese;
- » Elaboração da síntese, ou seja, do conflito resultante da análise da tese e da antítese surge a síntese. Essa, por sua vez, transforma-se em tese para um novo ciclo, com a colocação de nova antítese, resultando em nova síntese e assim por diante.

Veremos a seguir os métodos quantitativo e qualitativo, assim classificados em função do tratamento dispensado aos dados de pesquisa.

## **Método quantitativo**

Para Minayo e Sanches (1993, *apud* TEIXEIRA, 2001, p. 24), a pesquisa quantitativa utiliza a linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno e as relações entre variáveis. Esse método considera a realidade como formada por partes isoladas; não aceita outra realidade que não seja os fatos a serem verificados; busca descobrir as relações entre fatos e variáveis; visa ao conhecimento objetivo; propõe a neutralidade científica; rejeita os conhecimentos subjetivos; adota o princípio da verificação; utiliza o

método das ciências naturais – experimental-quantitativo – e propõe a generalização dos resultados obtidos, caracterizando-se, finalmente, pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas.

### **Método qualitativo**

O método qualitativo, contrapondo o método quantitativo, não emprega um referencial estatístico como base do processo de análise de um problema. Esse método privilegia os dados qualitativos das informações disponíveis.

Tendo em vista a sua importância e considerando ser esse um método muito utilizado atualmente no meio acadêmico, vamos analisá-lo com mais detalhes. Primeiramente, vamos entender os dados trabalhados nesse método.

De acordo com Patton (1980) e Glazier (1992) (*apud* DIAS, 2000, p. 1), segue a constituição de dados qualitativos:

» **Citações das pessoas a respeito de suas experiências**

Como exemplo, podemos citar o presente estudo, em que, a todo instante, estamos recorrendo à técnica da citação, lembrando outros autores e estudiosos que já realizaram trabalhos e utilizaram os mesmos recursos e, também, já foram citados por outros autores.

» **Descrições detalhadas de fenômenos e comportamentos**

O exemplo mais próximo de nossa realidade, nos dias atuais, é a questão protagonizada pelos políticos brasileiros que passam a fazer parte dos noticiários nacionais com envolvimentos em escândalos financeiros, pessoais, éticos e morais. Hoje, a comunicação é muito investigativa e procura fazer com que os profissionais desse seguimento estejam bem sintonizados com os procedimentos científicos para elaborarem uma notícia completa e com o máximo de informações e detalhes do fato explorado.

» **Transcrições de trechos de documentos, correspondências, registros variados**

O melhor exemplo desse tipo de utilização ou técnica é o trabalho realizado por arqueólogos ou historiadores. Muitas vezes, passam anos a fio

tentando montar um único documento ou traduzir um registro arcaico encontrado em escavações ou uma teoria não comprovada.

» **Gravações ou transcrições de entrevistas e discursos**

Esse é o recurso mais utilizado pelos jornalistas. Quando da elaboração de uma matéria para veiculação nos meios de comunicação, eles são compelidos a realizar um verdadeiro trabalho científico, pois descrevem o problema; elaboram as hipóteses; deixam claros os objetivos e passam a levantar todos os dados e informações para, ao final, apresentarem ao público um verdadeiro trabalho científico, após a conclusão de todos os passos e procedimentos científicos no processo elaborativo.

» **Interações entre indivíduos, grupos e organizações**

Continuando na mesma linha de pensamento inicial dos exemplos, podemos descrever como modelo de interações entre indivíduos, grupos e organizações o caso dos professores que são induzidos pela direção da escola a trabalhar o tema religião de forma transversal no currículo escolar. A pesquisa proposta terá necessariamente de passar pelos três níveis de discussão.

Podemos destacar as seguintes características essenciais da pesquisa qualitativa:

- » **O ambiente natural**, que constitui sua fonte direta de dados;
- » **O pesquisador**, que constitui o principal instrumento;
- » **Os dados coletados**, que são predominantemente descritivos, conforme descrito anteriormente;
- » **A preocupação com o processo**, que é superior à preocupação dedicada ao produto;
- » **O significado que as pessoas conferem aos objetos, acontecimentos e à própria vida**, que é objeto da atenção do pesquisador;
- » **A análise dos dados**, que ocorre basicamente em um processo indutivo, ou seja, parte-se da análise das situações particulares para chegar à generalização.

Uma técnica muito utilizada quando se realiza uma pesquisa com o método qualitativo é o estudo de caso, já analisado.

## Método estatístico

Esse método, idealizado pelo estatístico social belga Quetelet, permite ao pesquisador extraír dados ou representações simples a partir da análise de um conjunto complexo de dados. Esse método se caracteriza por promover uma redução de fenômenos políticos, sociológicos, econômicos, sociais etc. a termos quantitativos e sujeitos a uma interpretação ou manipulação estatística, com a intenção de se encontrar ou detectar relações entre eles, permitindo, assim, a realização de uma generalização sobre a natureza ou o significado dos dados analisados.

Os testes estatísticos permitem determinar numericamente, tanto a probabilidade de acerto de uma determinada conclusão quanto a margem de erro de um coeficiente obtido. Os procedimentos estatísticos fornecem considerável reforço às conclusões obtidas, sobretudo, mediante experimentação, observação, análise e prova.

Como exemplo, podemos citar uma pesquisa entre os participantes desse curso de pós-graduação, visando caracterizar o perfil da turma.

O método estatístico envolve os seguintes passos:

- » Coleta dos dados que envolvem os procedimentos de levantamento de informações. Normalmente se utiliza uma amostra da população pesquisada (cerca de 20% do universo).
- » Organização dos dados coletados em intervalos.
- » Descrição dos dados conforme a organização anterior.
- » Cálculo dos coeficientes.
- » Interpretação de coeficientes em que a técnica da amostragem permite chegar a conclusões válidas e realizar previsões que se aproximam muito da realidade, sendo a margem de erro pequena quando se trabalha com a estatística descritiva. Outra linha de interpretação, da estatística inferencial ou indutiva, trabalha com a medida da margem de incerteza, fundamentada na teoria da probabilidade.

## Pesquisa bibliográfica



O início de estudos científicos é fundamentado pela pesquisa bibliográfica que pode ser assim definida:

A pesquisa bibliográfica é o meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema. Como trabalho científico original, constitui a pesquisa propriamente dita na área das Ciências Humanas. Como resumo do assunto, constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica. Os alunos de todos os níveis acadêmicos devem, portanto, ser iniciados nos métodos e nas técnicas da pesquisa bibliográficas. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 61)

A pesquisa bibliográfica deve merecer atenção do pesquisador, especialmente nos trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação *lato sensu*. Para tanto, é fundamental que o estudante tenha o domínio das técnicas básicas para a realização do trabalho de pesquisa. Leia com atenção as etapas descritas por Cervo, Bervian e da Silva, (2007):

- » **Levantamento bibliográfico:** é necessário saber como “estão organizados os textos, as bibliotecas e os banco de dados, bem como as formas de melhor utilização” (p. 79). Há documentos que estão disponíveis em meios impressos, magnéticos e eletrônicos, em documentos decorrentes de reuniões científicas e até notas de aula. Portanto, todos os materiais de consulta do pesquisador devem ser selecionados com vistas ao tema ou aos aspectos que se quer focalizar.
- » **Apontamentos e anotações:** após a seleção dos materiais, anote as ideias principais e secundárias, os dados, as informações ou as afirmações contidas nos documentos, tendo sempre em vista os objetivos da pesquisa. Sugere-se a anotação em fichas que podem ser elaboradas de acordo com a sua organização. Para tanto, caso faça uma transcrição de um trecho do texto original, coloque-a entre aspas ou, se for parafraseado, mantenha sempre a ideia do autor. Em qualquer um dos casos, procure sempre citar toda a fonte de pesquisa, inclusive a página.

Exemplo: CERVO, Amado L., BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia da Pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007, p. 53.

Ao ter conhecimento dos materiais disponíveis para a realização do seu trabalho de pesquisa, você deverá iniciar a elaboração do artigo ou da monografia, sempre atento aos objetivos que pretende alcançar ao final dos estudos.

Sugere-se que as etapas de um trabalho sejam subdivididas de acordo com os objetivos específicos, pois, desse modo, você estará caminhando no sentido de responder à questão ou à hipótese apresentadas no problema e, certamente, atingirá o objetivo geral proposto para a pesquisa.

## **Pesquisa documental**

Muito semelhante à pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias e outros tipos de mídias ou fontes de informação. Pode ser considerada como uma pesquisa de “primeira ordem”, pois vai buscar as informações diretamente na fonte para posterior tratamento analítico.

## **Pesquisa de campo**

A pesquisa de campo, por sua vez, pretende buscar a informação diretamente com a população ou com o fenômeno a ser pesquisado. O pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas, utilizando técnicas de coleta que podem variar de acordo com a abordagem e a forma de interpretar os dados (entrevistas, gravações, foto, filmagens etc.).

### CAPÍTULO 1

#### Tema de estudo

Iniciaremos agora o planejamento da sua pesquisa para posterior produção do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Para tanto, devemos partir de um tema para estudo. É a partir do tema que os outros elementos da pesquisa poderão ser delimitados e formulados.

Você já pensou em algum tema que lhe desperte interesse? Então o momento é este, o de definir um tema para a sua pesquisa.

[...] deve-se escolher um tema que seja significativo e adequado ao interesse, ao nível de formação e às reais condições de trabalho do pesquisador. Constitui dificuldade adicional para o estudante pretender trabalhar com temas com os quais não tenha afinidade ou que não despertem motivação ou interesse (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 66).

Agora chegou o momento de você refletir sobre as ideias que mais lhe interessaram e procurar delimitar o tema. “[...] dentro de um mesmo tema, deve-se selecionar um tópico para ser estudado e analisado em profundidade, tornando-o viável de ser pesquisado. Evite temas amplos que resultem em trabalhos superficiais” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 66). A delimitação exige especificação, ou seja, você deve pegar uma ideia que lhe instigue vontade de aprender mais sobre ela, de conhecê-la a fundo e procurar especificar o que, de fato, você deseja estudar.

O investigador está interessado em fazer uma pesquisa sobre esporte. O assunto esporte é amplo e vago. Deverá, então, especificar o que mais concretamente lhe interessa. Suponha-se que seja o papel do futebol na sociedade brasileira. Dessa forma, ao se definir o tema, chega-se,

geralmente, ao enunciado do título do projeto [...] (GRESSLER, 2004, p. 111).

A delimitação do tema da pesquisa permite que você escreva um título provisório para o seu trabalho. O título deve se constituir em uma frase que não deve ultrapassar vinte palavras, deve ser escrito em, no máximo, três linhas e deve conter três elementos que lhe darão subsídios para a delimitação do problema da sua pesquisa, para a formulação dos objetivos e para a revisão da literatura.

Portanto, por exemplo, o título da pesquisa deve conter:

- » A população que se deseja estudar.
- » Algo problemático que se deseja investigar.
- » O objeto de estudo que se vai utilizar para a realização da pesquisa.



Agora que você já encontrou uma ideia que lhe chamou atenção, procure especificar mais objetivamente o que, de fato, você quer estudar.

Lembre-se de que você deverá encontrar textos escritos sobre o assunto. Portanto, quanto mais específico o tema, melhor será estudar sobre ele.

Com o tema delimitado, crie um título provisório para o seu trabalho.

# CAPÍTULO 2

## Problema do estudo



O problema, o conflito a ser resolvido, se situa em forma do questionamento contextualizado bem explicitado, mencionando, se possível, a origem do problema. É o enfoque em que se busca uma visão específica num determinado ângulo da realidade, com vistas em apresentar soluções. Portanto, “formular um problema consiste em dizer, de maneira explícita, clara, comprehensível e operacional, qual a dificuldade com que nos defrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características” (RUDIO, 1985, p. 75).

Você já definiu qual será seu tema de pesquisa e já elaborou um título provisório para seu estudo, certo? Agora você deve perguntar-se: qual é o problema que eu irei estudar?

Um problema de pesquisa deve apresentar uma relação entre duas ou mais variáveis. Por exemplo: a relação existente entre o futebol e o comportamento dos brasileiros frente aos problemas enfrentados no país. A relação esperada entre essas variáveis deve ser deduzida de uma teoria já existente, e o pesquisador deve encontrar formas de verificar essa relação.

Você deve ter cuidado para não confundir o tema de pesquisa com o problema da pesquisa. O tema, mesmo já sendo uma delimitação, é algo menos específico, ou seja, o tema dá a ideia sobre o objeto de estudo. Já o problema de pesquisa deve apresentar o que de fato nos intriga em relação ao tema. Pensando sobre o tema “O papel do futebol na sociedade brasileira”, podemos refletir sobre o que mais nos atrai: será a capacidade dos brasileiros em deixar de lado suas frustrações? Será a política do pão e circo? Serão as diferenças de comportamento dos brasileiros em diferentes estados?

Podemos definir diferentes problemas a partir do mesmo tema de pesquisa. Para que melhor possamos delimitar o problema, fazem-se necessárias leituras prévias sobre o assunto em questão. Um exame da literatura pertinente ao problema (relatos de pesquisa, teorias utilizadas para explicá-lo) é de fundamental importância.

### Características de um problema

Ao elaborar um problema de pesquisa, observe sempre as seguintes características:

- » O problema deve refletir ou estabelecer a relação entre duas ou mais variáveis.

- » O problema deve ser elaborado em forma de questão para a qual se busca uma resposta.
- » O problema deve ser formulado de maneira clara, objetiva e resumida, a fim de que o pesquisador possa avançar em sua tarefa de operacionalizar a investigação.
- » O problema deve relacionar-se harmonicamente com as demais partes do projeto de pesquisa.
- » O problema deve demonstrar que é passível de verificação científica.
- » O problema deve ser uma indagação para a qual se busca uma ou diversas respostas; um problema pode referir-se a “O que acontece quando”, “Qual a causa de”, “Como deveria ser...para”.
- » O problema deve ser passível de comprovação científica.

(GRESSLER, 2004, p. 114)

Ao formularmos o nosso problema, devemos ter cuidado para não envolvermos juízo de valor.

Veja o exemplo de um problema de pesquisa.

O pesquisador está interessado em saber a respeito da relação entre o futebol e o comportamento dos políticos brasileiros. Para esse estudo, levanta a seguinte questão:

Será que os políticos brasileiros se aproveitam do momento de Copa do Mundo para implementar medidas que não são boas à população do país?

O problema de pesquisa está formulado. Apresenta-se de forma interrogativa e demonstra uma relação causal entre duas variáveis (momentos de Copa do Mundo e medidas políticas). Porém, essa formulação do problema apresenta um julgamento de valor e se constitui de forma vaga. O que são medidas boas para a população? O que é bom ou ruim para a população? De que população brasileira estamos falando? O problema pode ser mais bem delimitado se as variáveis forem apresentadas da seguinte forma:

Existe relação entre a implementação de medidas políticas no Brasil e o momento de Copa do Mundo?

A partir dessa definição, o pesquisador estará apto a buscar na literatura as fontes necessárias para resolver o seu problema de pesquisa.

É importante que se apresente a literatura acadêmica encontrada a respeito do problema de pesquisa. Leia, a seguir, um trecho retirado do livro de Alves-Mazzotti; Gewandsznajder (1999), que nos ensina como apresentar o problema de pesquisa na introdução do trabalho acadêmico (projeto de pesquisa e artigo científico).



Creswell (1994, *apud* ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999) aponta quatro componentes-chave na Introdução de um projeto de pesquisa:

1. Apresentação do problema que levou ao estudo proposto;
2. Inserção do problema no âmbito da literatura acadêmica;
3. Discussão das deficiências encontradas na literatura que trata do problema; e
4. Identificação da audiência a que se destina prioritariamente e explicitação da significância do estudo para essa audiência.

Para elaborar uma introdução que contemple esses componentes, o autor oferece algumas sugestões interessantes.

Na apresentação do problema, recomenda:

- » Iniciar com um parágrafo que expresse a questão focalizada, inserindo-a numa problemática mais ampla, de modo a estimular o interesse de um grande número de leitores;
- » Especificar o problema que levou ao estudo proposto;
- » Indicar por que o problema é importante;
- » Ressaltar a formulação do problema nos conceitos-chave que serão explorados;
- » Considerar o uso de dados numéricos que possam causar impacto.

Ao discutir a literatura relacionada ao tema, recomenda-se evitar a referência a estudos individuais, agrupando-os por tópicos para efeito de análise. A referência a várias pesquisas, uma a uma, além de desnecessária, torna a leitura do texto extremamente tediosa.

No que se refere às deficiências encontradas na literatura, sugere-se:

- » Apontar aspectos negligenciados pelos estudos anteriores, como, por exemplo, tópicos não explorados, tratamentos estatísticos inovadores ou implicações significativas não analisadas;
- » Indicar como o estudo proposto pretende superar essas deficiências, oferecendo uma contribuição original à literatura na área.
- » Finalmente, com relação à audiência, sugere-se que finalize a Introdução apontando a relevância do estudo para um público específico, que pode ser representado por outros pesquisadores e profissionais da área a que está afeto o problema, formuladores de políticas e outros (Alves-Mazzotti; Gewandsznajder (1999, pp. 152-154).

Para ilustrar como um problema de pesquisa deve ser apresentado na introdução de um trabalho acadêmico, apresentaremos um exemplo.

## **Apresentação do problema**

Existe, atualmente, um movimento nacional para incluir todas as crianças na escola, conhecido como “Inclusão Escolar”. Esse movimento evidencia grande impulso desde a década de 1990 e parte do princípio de que todos, independentemente de suas condições linguísticas, sensoriais, cognitivas, físicas, emocionais, étnicas, socioeconômicas ou outras, devem estar, preferencialmente, incluídos na rede regular de ensino. Porém, o que se percebe em grande parte das escolas brasileiras é a falta de preparo para lidar com a proposta da inclusão escolar, o que acaba contribuindo para que tais alunos permaneçam excluídos do processo educacional. A exclusão do aluno com necessidades educacionais especiais da escola é real e necessita de ações urgentes no sentido de que a escola se transforme em um ambiente preparado para lidar com a diversidade humana.

## **Inserção do problema no contexto da literatura**

O Brasil fez opção pela construção de um sistema educacional inclusivo ao concordar com a Declaração Mundial de Educação para Todos, firmada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, e ao mostrar consonância com os postulados produzidos em Salamanca (Espanha, 1994) na Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade.

O MEC, em 2001, apresentou a Resolução CNE/CEB nº 2, que institui as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica, respaldando-se na legislação atual que trata da questão da pessoa com algum tipo de deficiência. No artigo 7º dessa Diretriz, encontramos o seguinte texto: “O atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais deve ser realizado em classes comuns do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade da Educação Básica (p. 71).” Fica claro nesse documento que, só em casos extraordinários, o aluno PNEE pode ser atendido em classes ou centros especializados, devendo, tais atendimentos, acontecerem em caráter transitório. Nesse mesmo documento, o conceito de PNEE é apresentado como:

Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem:

- » dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos:
  - › aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;
  - › aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências.
- » dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;
- » altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes.  
(Art. 5º, p. 70)

## **Discussão das lacunas encontradas na literatura de pesquisa**

Pesquisas na área vêm sendo realizadas com o objetivo de se conhecer melhor o “aluno especial”, para que dessa forma a escola possa estar preparada para recebê-lo. Porém, grande parte delas se baseia em uma concepção liberal de homem que prioriza explicações causais lineares e deterministas aos comportamentos de cada sujeito. O desenvolvimento “normal” do homem já é conhecido e determinado *a priori* (SOUZA, 2000). Supõe-se que ele deve apresentar certos comportamentos naquela fase do seu desenvolvimento e que, se não apresentar, será visto como “anormal”, “deficiente”, ou seja, será excluído das instituições que estão preparadas para lidar com este “normal”.

Dessa forma, essas pesquisas, ao invés de contribuírem para a inclusão do aluno especial nas escolas, acabam permitindo que o inverso ocorra, perpetuando, assim, a exclusão desses alunos.

## **Identificação da audiência e explicitação da relevância do problema**

A partir dessas constatações, fica a questão de como pesquisas na área podem contribuir de forma efetiva para a inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais. Essas pesquisas devem influenciar transformações no ambiente escolar, onde todos os envolvidos possam se sentir preparados para lidar com essa clientela.



Defina o problema de estudo. Releia atentamente os aspectos estudados, procurando atender todas as características de um problema de pesquisa.

Após definir o problema, organize o texto que comporá a Introdução. Lembre-se de incluir:

- » A apresentação do problema;
- » A inserção do problema no contexto da literatura;
- » A discussão das lacunas encontradas na literatura de pesquisa;
- » A identificação da audiência e a explicitação da relevância do problema.

# CAPÍTULO 3

## Formulação dos objetivos para o estudo



**...Sua meta é a seta no alvo**

Mas o alvo, na certa não te espera...

Paulinho Moska

O planejamento está se delineando. Você já tem um título provisório para o seu estudo, já definiu o tema e caracterizou o problema de pesquisa. Agora chegou o momento de você dar uma direção ao seu trabalho, ou seja, descrever o que você pretende de fato, alcançar a realização do seu estudo. É momento de você formular os objetivos de sua pesquisa.

Os objetivos de uma pesquisa são divididos em geral e específicos.

- » Objetivo geral: “determina o que se pretende realizar para obter resposta ao problema proposto, de um ponto de vista. [...] O objetivo geral deve ser amplo e passível de ser desmembrado em objetivos específicos” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 97).
- » Objetivos específicos: “derivam do objetivo geral e apresentam as distintas ações que devem ser necessariamente desenvolvidas para o atingimento do objetivo geral” (CORDEIRO, 2001, p.135).

Os objetivos de uma pesquisa devem ser expostos com clareza e precisão, e devem estar coerentes com todos os elementos do projeto.

Como vimos, o objetivo geral é mais amplo e apresenta uma meta maior, algo que você pretende alcançar a partir de desdobramentos da sua pesquisa. Normalmente, dizem respeito a melhorias maiores, em que o estudo em si aparece como uma parcela de contribuição.

Já os objetivos específicos devem abranger o resultado esperado de seu estudo, o que você pretende alcançar ao final de cada etapa da sua pesquisa. Eles devem ser dimensionados e expressos de forma explícita, precisa e verificável e, normalmente, definem os itens do artigo.

Formular objetivos não é uma tarefa simples. Devemos ter muito cuidado ao fazê-lo, pois eles devem ser cumpridos ao final do estudo.

Leia, a seguir, um trecho do livro de Martins Junior (2008) que apresenta os procedimentos para a formulação de objetivos.



Quando se deseja escrever os objetivos em seu trabalho, o verbo correto para esse procedimento é formular.

Ex.: Neste estudo serão formulados os seguintes objetivos [...].

- » Todo objetivo começa com um verbo no modo infinitivo.

Ex.: Verificar, demonstrar, conhecer [...].

- » Todo objetivo dever ser alcançável, ou seja, não se pode formular um objetivo que não seja passível de ser atingido. Observe um exemplo em Educação Física.

Exemplo correto: saltar um metro em extensão, no mínimo.

Exemplo incorreto: correr mais veloz que uma bicicleta (o homem não pode correr muito mais do que 30 km/h, enquanto uma bicicleta pode atingir os 70 km/h).

- » Uma pesquisa deve ter (de preferência) somente um objetivo geral e tantos específicos quantos forem as metas que se deseja atingir com o estudo.
- » Os objetivos devem ser formulados na seguinte ordem: primeiro é formulado o objetivo geral e, em seguida, os objetivos específicos.
- » Na formulação de objetivos gerais, devem ser usados verbos que proporcionem uma conotação geral à frase que os contenham.

Ex.: Analisar, diagnosticar, estudar [...].

- » Na formulação de objetivos específicos, devem ser usados verbos que indiquem que eles serão específicos “desta” pesquisa (serão alcançados ao final dela).

Ex.: Demonstrar, verificar, testar [...].

- » Na formulação dos objetivos, os verbos devem reproduzir com exatidão as metas que se espera atingir com o estudo. Assim, existem verbos que são mais aplicados na formulação dos objetivos gerais, enquanto outros são os mais indicados na formulação dos objetivos específicos.

Fonte: Martins Junior (2008, pp. 46-47) – com adaptações.

# CAPÍTULO 4

## Justificativa para o estudo



Todos os homens, enquanto são crianças, têm, por natureza, desejo de conhecer...

Para as crianças, o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite.

(RUBEM ALVES)



O que o motivou a escolher o seu tema de estudo?

Os resultados obtidos pela sua pesquisa servirão para quê?

Você está perto de concluir o seu planejamento de pesquisa. Chegamos agora a um momento importante, pois é na justificativa para o estudo que você poderá se colocar, expressar-se livremente. Nesta etapa, você escreverá com suas próprias palavras as justificativas e os porquês do seu estudo, utilizando seus próprios argumentos.

Na justificativa para o estudo, o pesquisador responde a duas perguntas essenciais para o desenvolvimento de sua pesquisa. Essas duas questões se apresentam no início do presente capítulo e, provavelmente, você já as respondeu mentalmente. Agora é a hora de você escrevê-las formalmente. Você deve responder às perguntas:

» O que me levou a decidir pelo tema escolhido?

» Para quem servirá o estudo?

Você escreverá uma justificativa, contendo duas partes: a primeira pessoal e a outra que apresentará a importância do estudo, ou seja, a generalização do seu estudo (MARTINS JUNIOR, 2008, p. 48):

Pessoal – Na primeira parte de uma justificativa, o pesquisador comenta quais foram os motivos que o levaram a escolher e a desenvolver o tema do presente estudo. Para isso, descreve sua experiência de vida, sua experiência profissional e o conhecimento adquirido em relação ao assunto investigado.

Generalização – Num segundo momento, devem ser citadas as populações, as instituições, as áreas que poderão ser beneficiadas,

melhoradas, auxiliadas ou outro tipo de contribuição que os resultados do trabalho possam proporcionar.

A justificativa pessoal não é um elemento obrigatório nos trabalhos de conclusão de curso. Cabe ao pesquisador a escolha de colocar-se, de apresentar o seu comprometimento com o objeto de estudo.

Já a justificativa sobre a importância do estudo deve aparecer no TCC. Uma pesquisa científica deve apresentar contribuição para a construção do conhecimento da área em questão e, quando a área é de conhecimento aplicado, a pesquisa deve preocupar-se com sua utilidade para a prática profissional e para a formulação de políticas.



Escreva a justificativa para o seu estudo. Em um ou dois parágrafos, escreva os seus motivos pessoais para a escolha do tema e qual a relevância do seu estudo. Procure ser breve e objetivo. Não há necessidade de fazer um relato extenso sobre sua vida pessoal e profissional, deve apenas escrever o que motivou você a escolher o tema em questão e qual a utilidade do seu estudo.

# CAPÍTULO 5

## Revisão inicial da literatura



### O que a literatura deu à humanidade, então?

Um de seus primeiros efeitos benéficos ocorre no plano da linguagem. Uma sociedade sem literatura escrita exprime-se com menos precisão, riqueza de nuances, clareza, correção e profundidade do que a que cultivou, os textos literários.

Outro motivo para se conferir à literatura um lugar de destaque na vida das nações é que, sem ela, a mente crítica – verdadeiro motor das mudanças históricas e melhor escudo da liberdade – sofreria uma perda irreparável. Porque toda boa literatura é um questionamento radical do mundo em que vivemos. Qualquer texto literário de valor transpira uma atitude rebelde, insubmissa, provocadora e inconformista.

(MARIO VARGAS LLOSA)



Quem são os autores que estudaram o tema que você pretende pesquisar?

As teorias que você escolheu para embasar o seu estudo respondem ao seu problema de pesquisa? Contribuem para que você atinja os seus objetivos?

Agora chegou o momento de você escrever o seu referencial teórico. Durante o planejamento de sua pesquisa, você dará, em linhas gerais, uma direção teórica para seu estudo. Fique atento à coerência do seu trabalho. Você deverá escolher textos que lhe sirvam de base para resolver o seu problema de pesquisa e que possibilitem o alcance de seus objetivos.

Nesse momento, em que você está escrevendo o seu planejamento de pesquisa, a revisão da literatura servirá para melhor “problematizar” o tema escolhido. Posteriormente, quando você elaborar o seu artigo, a revisão de literatura terá a função de pesquisar com mais profundidade e rigor o que você apresentou no seu projeto.

Ao delimitar o seu tema de pesquisa e escrever o seu título provisório, você foi orientado a utilizar três elementos que são:

1. A população que se deseja estudar;
2. Algo problemático que se deseja investigar;
3. O objeto de estudo que se vai utilizar para a realização da pesquisa.

Após concluir essa etapa, você delimitou o seu problema de estudo e formulou seus objetivos de pesquisa. Sempre levando em consideração esses três elementos. Agora, na sua revisão inicial da literatura, você deve definir operacionalmente os elementos que compõem o seu tema.

A definição operacional é uma invenção notável. Enquanto o conceito expressa em palavras a abstração intelectualizada da ideia de uma coisa ou fenômeno observado, a definição determina a extensão e a compreensão dessa coisa ou fenômeno. É como uma ponte entre conceitos ou constructos e observações, comportamentos e atividades reais.

Uma boa definição deve:

- » Ser mais clara que o definido; por isso, o termo definido não deve entrar na definição;
- » Estabelecer a classe a que o definido pertence e as características em que ele difere de outros da mesma classe, ou se assemelha a outros de outras classes;
- » Ater-se à essência, não se ocupar em ajuizar;
- » Dizer o que o definido é ao invés de afirmar o que não é;
- » equivaler ao definido.

Uma definição é adequada quando propicia suficientes características essenciais por meio das quais seja possível relacionar o termo em causa com a referência correspondente. Ela deve esclarecer o fenômeno em investigação e permitir uma comunicação não ambígua. (GRESSLER, 2004, p. 130)



Pense no seguinte exemplo.

O título do estudo é "A reação da população brasileira frente à implementação de medidas políticas durante as copas do mundo."

- » Qual é a população que se deseja estudar?
- » Quais são os elementos problemáticos que atuam sobre a população?
- » Qual é o objeto do estudo?

Verifique as suas respostas com as indicadas a seguir.

- » População brasileira.
- » Reação da população brasileira.
- » Implementação de medidas políticas durante as copas do mundo.

Pensando no exemplo dado, a revisão inicial de literatura do estudo em questão deve apresentar as definições dos elementos apresentados:

- » Qual a população brasileira que será estudada? É a população de um estado ou região específica? É uma camada social específica? É a população como um todo?
- » Quais são os possíveis tipos de reação da população brasileira especificada? É passividade? É comprometimento? É resignação? (O pesquisador deve escrever o tipo de reação que ele acredita que a população brasileira apresenta com base na literatura encontrada. A reação em questão deve estar bem definida operacionalmente).
- » Durante as copas do mundo, os políticos costumam implementar diferentes tipos de medidas? Quais são essas medidas? Elas são benéficas ou não para a população brasileira? O que são medidas benéficas e maléficas?

Figura 4.



Fonte: Maurício Silva, s/d.

Os elementos que serão definidos operacionalmente devem ser organizados, levando-se em consideração os objetivos de sua pesquisa. Os objetivos devem estar coerentes com o tema escolhido, portanto, eles direcionam o caminho do seu estudo. Você, então, vai definir operacionalmente os elementos de seu estudo, levando em consideração tema, problema e objetivo da pesquisa. Lembre-se de que essas definições devem estar pautadas na literatura científica.

As definições vão aparecer em forma de texto e não de itens. Você vai elaborar um texto em que irá problematizando e definindo os elementos do seu estudo.

## Citações

Você já teve a oportunidade de assistir uma palestra em que o orador, a todo instante, faz referência a um pensamento alheio e em seguida pede desculpas por não saber de quem é originalmente a ideia? Ou de querer aprofundar um pensamento e não saber como e a quem procurar, pois não houve preocupação do orador em fazer a identificação do autor e da origem dos pensamentos mencionados em sua apresentação do tema?

Segundo as normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), “citação é a menção de uma informação extraída de outra fonte, que são feitas para apoiar uma hipótese, sustentar uma ideia ou ilustrar um raciocínio” (NBR 10520, 2002, p. 1); enquanto referência bibliográfica é uma forma de se reportar a um texto. Pode-se, então, definir referência bibliográfica como sendo o “conjunto de elementos que permitem a identificação, no todo ou em parte, de documentos impressos ou registrados em diversos tipos de material” (TEIXEIRA, 2008).

Todo trabalho com pressupostos científicos deve primar pela apresentação das fontes bibliográficas e, principalmente, pela identificação das citações realizadas no decorrer dos textos. Ao elaborar um trabalho científico, precisamos estar atentos à fidelidade das ideias originais dos autores referenciados. A citação do pensamento de outro estudioso do assunto é salutar e permitida, desde que tenhamos o cuidado de identificar o autor e a obra em que se encontra descrito. As citações fundamentam e melhoram substancialmente a qualidade científica do trabalho; elas têm a função de oferecer ao leitor condições de comprovar a fonte das quais foram extraídas algumas ideias, frases ou conclusões, possibilitando-lhe recorrer a essa fonte para aprofundar o tema ou assunto em discussão.

As citações podem ser diretas e indiretas. As primeiras constituem a transcrição literal de uma parte do texto de um autor.

Quando apresentamos a referência antes da citação, o sobrenome do autor sempre aparece com a primeira letra em maiúscula e o restante em minúscula, seguido do ano e da página da obra entre parênteses, logo após vem a citação, sendo que esse texto deve apresentar recuo de 4 cm, espaçamento original simples e tamanho da fonte menor, sem aspas, quando a citação for superior a três linhas.

Exemplo:

Segundo Freire (2000, p. 77):

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Quando optamos por colocar a referência depois da citação, o sobrenome do autor vem em letras maiúsculas, seguido do ano e da página da citação.

Exemplo:

Organizações que aprendem são lugares onde pessoas continuamente expandem sua capacidade de criar os resultados que elas verdadeiramente desejam, onde novos e amplos padrões de pensamento são encorajados, onde a aspiração coletiva é livremente estabelecida, e onde pessoas estão continuamente aprendendo como aprender junto (SENGE, 1998, p. 37).

As citações indiretas são aquelas redigidas pelo autor do trabalho, a partir das ideias e contribuições de outro autor, ou seja, consistem na reprodução do conteúdo ou ideia do documento original e devem aparecer no texto precedidas por indicação do autor das ideias originais. Normalmente, usam-se expressões, tais como: “segundo ...”, “de acordo com...” “fulano... afirma que” (menciona-se o(s) sobrenome(s) do(s) autor(es) e coloca-se o ano da publicação da obra – livro, revista, artigo etc. – entre parênteses).

Exemplo:

Marcondes (2001) afirma que o paradigma pode ser entendido segundo uma acepção clássica, a exemplo de Platão, ou de uma acepção contemporânea, a partir de Thomas Khun. Explica o autor que a visão platônica concebe paradigma como um modelo, um tipo exemplar, que se encontra em um mundo abstrato, o qual Platão denomina “Mundo das Ideias” e do qual se encontram reproduções imperfeitas no mundo concreto. Assim,

o paradigma para Platão possui um sentido ontológico, que confere ao termo um caráter normativo.



A partir do título do seu estudo responda às questões:

1. Qual é a população que se deseja estudar?
2. Quais são os elementos problemáticos que atuam sobre a população?
3. Qual é o objeto do estudo?

Com as perguntas respondidas, verifique seus objetivos e delimite os itens de sua pesquisa que necessitam ser definidos operacionalmente para que seu texto seja bem compreendido pelos leitores.

Delimitados os itens que serão definidos operacionalmente, escreva sua revisão inicial de literatura. Lembre-se de basear suas definições na literatura encontrada e de sempre citar os autores utilizados.



Tipos de summa revisão de literatura a serem evitados

Extraído de: ALVES-MASZZOTI, Alda judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2004. pp. 184-187.

## Summa

Pesquisadores inexperientes, frequentemente, sucumbem ao fascínio representado pela ideia (ilusória) de “esgotar o assunto”. De origem medieval, a *summa* é aquele tipo de revisão em que o autor considera necessário apresentar um resumo de toda a produção científica da cultura ocidental (em anos recentes, passando a incluir também contribuições de culturas orientais) sobre o tema, e suas ramificações e relações com campos limítrofes, por essa razão, poderia ser também chamado “Do universo e outros assuntos”.

## Arqueológico

Imbuído da mesma preocupação exaustiva que caracteriza o tipo anterior, distingue-se deste pela ênfase na visão diacrônica. Assim, por exemplo, em estudos sobre Educação no Brasil, a revisão começa invariavelmente pelos jesuítas, mesmo que o problema diga

respeito à informática educativa; se o estudo versar sobre Educação Física, considera-se imperioso recuar à Grécia clássica, e assim por diante. É certo que, muitas vezes, torna-se necessário um breve histórico à evolução do conhecimento sobre um tema para apontar tendências e/ou distorções, marcos teóricos e estudos seminais. Esses casos, porém, não se incluem no tipo arqueológico.

### **Patchwork**

Esse tipo de revisão se caracteriza por apresentar uma colagem de conceitos, pesquisas e afirmações de diversos autores, sem um fio condutor capaz de guiar a caminhada do leitor por meio daquele labirinto. Nesses trabalhos, não se consegue vislumbrar um mínimo de planejamento ou sistematização do material revisto: os estudos e as pesquisas são meramente arrolados sem qualquer elaboração comparativa ou crítica, o que frequentemente indica que o próprio autor se encontra tão perdido quanto seu leitor.

### **Suspense**

No tipo suspense, ao contrário do que ocorre no tipo anterior, pode-se notar a existência de um roteiro, entretanto, como nos clássicos do gênero, alguns pontos da trama permanecem obscuros até o final. A dificuldade aí é saber aonde o autor quer chegar, qual a ligação dos fatos expostos com o tema do estudo. Em alguns casos, para alívio do leitor, o mistério se esclarece nas páginas finais. Em outros, ainda, numa variante que poderíamos chamar de “cortina de fumaça”, tudo leva a crer que o estudo se encaminha numa direção e, de repente, se descobre que o foco é outro.

### **Rococó**

Segundo o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, o termo rococó designa o “estilo ornamental surgido na França durante o reinado de Luís XV (1710-1774), caracterizado pelo excesso de curvas caprichosas e pela profusão de elementos decorativos [...] que buscavam uma elegância requintada, uma graça não rara superficial” (p. 1253). Impossível não identificar a definição do mestre Aurélio com certos trabalhos acadêmicos nos quais conceituações teóricas rebuscadas (ou tratamentos metodológicos sofisticados) constituem os “elementos decorativos” que tentam atribuir alguma elegância a dados irrelevantes. Isto não quer dizer que se deva passar por cima de complexidades teóricas e sim que teorizações complexas não conferem consistência a dados superficiais e/ou inadequados ao estudo do objeto. Além disso, cabe lembrar que o rigor teórico metodológico inclui a obediência ao princípio da parcimônia.

## Caderno B

Texto leve que procura tratar, mesmo de assuntos mais complexos, de modo ligeiro, sem aprofundamentos cansativos. A predileção por fontes secundárias, de preferência *handbooks*, em que o material já se encontra mais digerido, é uma constante, e a coleção Primeiros Passos, um auxiliar precioso.

## Coquetel teórico

Diz-se daquele estudo que, para dar conta da indisciplina dos dados, apela para todos os autores disponíveis. Nesse caos, Durkeheim, Weber, Freud, Marx, Bachelard, Althusser, Gramsci, Heidegger, Habermas e muitos outros podem unir forças na tentativa de explicar pontos obscuros.

## Apêndice inútil

Esse é o tipo em que o pesquisador, após apresentar sua revisão de literatura, organizada em um ou mais capítulos à parte, aparentemente exaurido pelo esforço, recusa-se a voltar ao assunto. Nenhuma das pesquisas, conceituações ou relações teóricas analisadas é utilizada na interpretação dos dados ou em qualquer outra parte do estudo. O fenômeno pode ocorrer com a revisão como um todo ou se restringir a apenas um de seus capítulos. No último caso, o mais frequentemente acometido desse mal é o que se refere ao “Contexto Histórico”.

## Monástico

Aqui, parte-se do princípio de que o estilo dos trabalhos acadêmicos deve ser necessariamente pobre, mortificante, conduzindo, assim, o leitor ao cultivo das virtudes da disciplina e da tolerância. Os estudos desse tipo nunca têm menos de 300 páginas.

## Cronista social

Trata-se daquela revisão em que o autor dá sempre um “jeitinho” de citar quem está na moda, aqui ou no exterior. Esse tipo de revisão de literatura é o principal responsável pelo surgimento dos “autores curinga”, que se tornam referência bibliográfica obrigatória, seja qual for o tema estudado.

## **Colonizado versus xenófobo**

Optamos aqui por apresentar esses dois tipos em conjunto, pois um é exatamente o reverso do outro, ambos igualmente inadequados. O colonizado é aquele que se baseia exclusivamente em autores estrangeiros, ignorando a produção científica nacional sobre o tema. O xenófobo, ao contrário, não admite citar literatura estrangeira, mesmo quando a produção nacional sobre o tema é insuficiente. Para não fugir aos seus princípios, o xenófobo prefere citar autores nacionais que repetem o que foi dito anteriormente por um alienígena.

## ***Off the records***

Esse termo, tomado do vocabulário jornalístico, refere-se àqueles casos em que o autor garante o anonimato de suas fontes. Nas revisões de literatura, isso geralmente é feito por meio de utilização de expressões como “sabe-se”, “tem sido observado”, “muitos autores”, “vários estudos” e outras similares, o que impede o leitor de avaliar a consistência das afirmações apresentadas. Há casos, ainda, em que trechos inteiros de outros autores são copiados, sem que eles sejam mencionados no texto, negando o crédito a quem o merece.

## **Ventríloquo**

É o tipo de revisão na qual o autor só fala pela boca dos outros, quer citando-os literalmente, quer parafraseando suas ideias. Em ambos os casos, a revisão torna-se uma sucessão monótona de afirmações sem comparações entre elas, sem análises críticas, tomadas de posição ou resumos conclusivos. O estilo é facilmente reconhecível: os parágrafos se sucedem alternando expressões como “Para fulano”, “Segundo beltrano”, como “Fulano afirma”, “Beltrano observa”, “Sicrano pontua”, até esgotar o estoque de verbos.

# CAPÍTULO 6

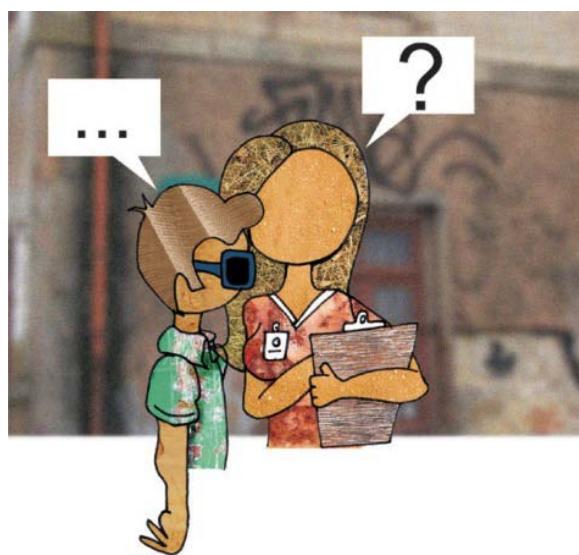
## Metodologia

Neste capítulo, também denominado Procedimentos Metodológicos ou Materiais e Métodos, segundo alguns autores, deve-se mostrar como se realizará a pesquisa, ou seja, que procedimentos metodológicos se pretendem seguir. Inicia-se, explicitando o tipo de pesquisa (quantitativa, qualitativa, descritiva etc.) estudado anteriormente. Definido o tipo de pesquisa, devem-se explicitar os seguintes elementos:

- » **População e amostragem:** define-se o universo em que se aplicará a pesquisa. Deve-se estabelecer o percentual da amostragem de forma significativa para validar os resultados alcançados: a partir de 30%. Esse procedimento deve ser adotado no caso de pesquisa quantitativa.
- » **Coleta de dados:** indica-se como se pretende coletar os dados e os instrumentos a se utilizar, como questionários, fichas de observação, formulários, roteiros de entrevista etc., que deverão se constituir em anexos do projeto.

### Técnicas e instrumentos de pesquisa

Figura 5.



Fonte: Maurício Silva, s/d.

Existe uma grande diversidade de técnicas e instrumentos de pesquisa. Vamos abordar aqui alguns dos mais utilizados.

### **Survey ou pesquisa ampla**

É uma técnica de coleta de dados por inquirição, na qual se formulam perguntas para obter informações a respeito de atitudes, hábitos, motivos, opiniões.

A abordagem normalmente é feita por amostragem, e as perguntas podem ser feitas por telefone, correio (convencional ou eletrônico), face a face etc.

No *survey*, utilizam-se como instrumentos questionários e entrevistas.

### **Questionário**

O questionário consiste em um conjunto de perguntas feitas diretamente a um elemento da população pesquisada e é um dos recursos mais utilizados para obter informações. Destacam-se as seguintes vantagens do uso do questionário: envolve um baixo custo; apresenta as mesmas questões para todas as pessoas; garante o anonimato e pode conter itens para atender a finalidades específicas de uma pesquisa. Quando bem elaborado e aplicado com critérios, apresenta elevada confiabilidade nos resultados.

Os questionários podem ser utilizados para medir atitudes, opiniões e comportamentos, entre outras questões. Sua aplicação envolve alguns materiais simples como lápis, papel, formulários etc. Podem ser aplicados individualmente ou em grupos, por telefone, pelo correio e pela *Internet*.

Podem ser utilizadas, na elaboração do questionário, questões abertas, fechadas, de múltipla escolha, de resposta numérica, ou do tipo sim ou não.

Embora aparentemente simples, a elaboração de um questionário envolve conhecimentos e cuidados específicos, de forma a permitir coletar os dados sem tendenciosidade.

As etapas do desenvolvimento de um questionário são as seguintes: justificativa; definição dos objetivos; redação das questões e afirmações; definição do formato; pré-teste e revisão final.

É importante saber que o questionário é fruto de um constante processo de melhoria, de exames e revisões quantos forem necessários. Cada questão deve ser analisada individualmente, para verificar se é mesmo importante, se não é ambígua ou de difícil entendimento etc. Todas as indagações quanto ao conteúdo, forma, redação e sequência devem ser feitas para cada questão. Uma vez concluída a revisão, feita pela equipe de pesquisa, o questionário estará pronto para o pré-teste.

O pré-teste consiste na aplicação do questionário, em sua versão preliminar, a um grupo de indivíduos com as características do público-alvo da pesquisa, com vistas em verificar a clareza e a adequação das questões. Os problemas detectados são analisados, podendo originar mudança na redação, substituição ou eliminação de questões. Após a revisão originada no pré-teste, o questionário estará em condições de ser aplicado eficazmente na pesquisa.

Um exemplo conhecido nacionalmente por todos os cidadãos de uso desse instrumento é o trabalho realizado pelo IBGE quando da realização do senso demográfico, que atinge todos os quadrantes do território nacional brasileiro e, o que é mais importante, todas as classes sociais.

## Entrevista

A entrevista é usada como um instrumento de *survey* e também como técnica independente. Vamos dar a ela esse tratamento.

Chama-se entrevista a série de perguntas feita por um entrevistador a uma pessoa ou a um grupo.

Consiste em um contato direto, face a face.

Trata-se de uma técnica flexível de obtenção de informações qualitativas sobre um projeto. A entrevista requer bom planejamento prévio e habilidade do entrevistador para seguir um roteiro de questionário, com possibilidades de introduzir variações que se fizerem necessárias durante sua aplicação. Em geral, a aplicação de uma entrevista requer um tempo maior do que o de respostas a questionários. Por isso, seu custo pode ser elevado, se o número de pessoas a serem entrevistadas for muito grande. Em contrapartida, a entrevista pode fornecer uma quantidade de informações muito maior do que o questionário. Um dos requisitos para aplicação dessa técnica é que o entrevistador possua as habilidades para conduzir o processo.

Existem dois tipos de entrevistas: estruturada e não estruturada. No primeiro tipo, entrevista estruturada, as perguntas seguem uma sequência preestabelecida, visando uma finalidade anteriormente determinada. No segundo tipo, entrevista não estruturada, as perguntas são elaboradas em torno de tema do interesse dos entrevistados. O entrevistador poderá explorar o tema de modo a obter respostas mais claras.

A realização da entrevista envolve dois passos importantes.

- » **1º passo.** Planejar a entrevista: definir o objetivo, o local e o horário que garantam a privacidade da entrevista, pois devem ser evitadas as interrupções para não desviar o entrevistado do foco. Esse cuidado se torna mais importante quando o tema da entrevista envolve questões íntimas, que devem ser tratadas de forma a preservar o sigilo. O planejamento deve prever, ainda, os recursos, a exemplo do roteiro da entrevista e de fichas para anotações.
- » **2º passo.** Desenvolvimento: é importante definir a melhor forma de abordar o entrevistado para obter respostas verdadeiras e completas. É aconselhável, inicialmente, “bater um papo” informal com o entrevistado, a fim de deixá-lo bem à vontade, explicar o objetivo da entrevista e só então realizá-la, observando a comunicação verbal e a não verbal e fazendo anotações de aspectos essenciais, de forma abreviada para não desviar a atenção das respostas.

Ao longo da entrevista, é importante observar, também, alguns cuidados:

- » Adaptar a linguagem ao nível do entrevistado;
- » Evitar questões longas, perguntando uma coisa por vez;
- » Manter o autocontrole;
- » evitar direcionar a resposta.

Lembre-se de que são necessárias questões bem formuladas para o sucesso de questionários e entrevistas. Veja algumas orientações para a elaboração de perguntas.



### Habilidade de formular perguntas

A pergunta é um recurso muito utilizado na maioria das profissões, porque, além de possibilitar interações, cria condições para que a pessoa raciocine e elabore as respostas. Pesquisadores, professores, médicos, vendedores, gestores etc. frequentemente usam perguntas, e a qualidade das respostas tem grande influência sobre suas atividades.

Uma pergunta bem formulada possibilita ao entrevistado entender claramente o que está sendo perguntado e apresentar respostas também claras e completas.

As perguntas podem ser convergentes (levam a uma única resposta, previsível) ou divergentes (admitem várias respostas). As perguntas convergentes apresentam pouco ou nenhum desafio. As divergentes envolvem processos mentais mais complexos. Uma pessoa hábil na formulação de perguntas consegue, na maioria das vezes, criar um processo divergente, mesmo para as questões que apresentam resposta única.

Portanto, esteja atento aos seguintes pontos:

- » Nem todas as perguntas levam o indivíduo a pensar reflexivamente ou a desenvolver processos mentais;
- » Determinados tipos de perguntas, que requerem fundamentação, relacionamento, análise, organização de ideias, provocam a elaboração mental.

### Características de uma boa pergunta

- » **Concisão** – usar somente palavras necessárias para expor as questões.
- » **Clareza** – usar linguagem simples e direta, perguntar uma coisa de cada vez.
- » **Objetividade** – ir direto ao assunto. A pessoa deve entender logo o que está sendo perguntado.
- » **Criatividade** – fazer perguntas em tom de conversa e procurar despertar o interesse e a vontade de criar, de buscar soluções.
- » **Desafio** – levar a pessoa a pensar, tirar conclusões e aplicá-las.

Quando a intenção da pergunta é recuperar informações presentes na memória do entrevistado, a exemplo de acontecimentos, dados históricos etc., a pergunta deverá ser concisa, clara e objetiva; mas se quisermos que ela apresente novas soluções para os problemas, apresente novos usos para determinado objetivo, aplique teorias em novos contextos etc., a pergunta precisará conter, ainda, criatividade e desafio.

(Adaptado de BERGO, 2005 pp. 25-26.)

## Experimentação

A experimentação consiste em um conjunto de processos realizados para verificar as hipóteses estabelecidas na pesquisa.

Realiza-se a experimentação para verificar relações de causa e efeito entre fatos e fenômenos ou de antecedência e consequência. Busca comprovar se uma variação numa causa ou antecedente provoca igual variação num efeito ou consequência.

Aplica-se, na experimentação, a lei do determinismo, a qual estabelece que, em circunstâncias idênticas, as mesmas causas devem produzir os mesmos efeitos, em outras palavras, as leis da natureza são constantes e fixas.

Cervo e Bervian (2002) relatam algumas regras propostas por Francis Bacon para a experimentação, como:

- » **Alargar a experiência**, aumentando gradativamente a intensidade da causa provável para verificar se o efeito sobre a possível consequência aumenta na mesma proporção;
- » **Variar a experiência**, aplicando a causa a outros objetos;
- » **Inverter a experiência**, aplicando a causa contrária àquela em estudo, visando conferir se ocorre o efeito contrário ao esperado originalmente;
- » **Recorrer aos casos da experiência**, analisando as formas investigadas.

Bacon (data) aconselha a utilização de três tábuas para organizar o uso do método.

1. **A tábua de presença**, para registrar as formas investigadas encontradas.
2. **A tábua de ausência ou de declinação**, para anotar as situações em que as formas investigadas não foram encontradas.
3. **A tábua de comparação**, para registrar as variações que as formas pesquisadas se apresentam.

Existem várias propostas de métodos de experimentação.

- » **O método das coincidências constantes**, de Bacon, baseia-se no seguinte: dada a causa, obtém-se o efeito; alterada a causa, altera-se o efeito; retirada a causa, desaparece o efeito.

- » **O método das coincidências constantes e coincidência solitária** propõe que se isole um fenômeno de todos os seus antecedentes, eliminando-os, até que reste apenas um. Trata-se de uma proposta de alto rigor científico, difícil de ser alcançada.
- » **O método de exclusão**, de Stuart Mill (data), indica um número determinado de combinações para chegar à coincidência solitária. A proposta de Mill contém processos equivalentes às três tábuas de Bacon, além de um processo denominado método dos resíduos, que consiste na separação do fenômeno dos efeitos conhecidos de determinados antecedentes, de forma a restar apenas o efeito dos antecedentes não identificados, o que facilita a sua análise.

Observe que os métodos propostos se constituem em processos complexos. O uso da experimentação requer que o pesquisador procure, primeiro, aprofundar o conhecimento a respeito do método a ser utilizado, de forma a realizar o experimento com a segurança e o controle necessários.

## Observação

A observação é uma técnica que consiste em coletar os dados diretamente da realidade.

Segundo Barros e Lehfeld (2000, p. 61):

Observar é aplicar atentamente os sentidos a um objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso. É um procedimento investigativo de suma importância na Ciência, pois é por meio dele que se inicia todo o estudo dos problemas. Portanto, deve ser exata, completa, sucessiva e metódica.

De acordo com Lakatos, 1988 (*apud* CERVO; BERVIAN, 2002), a finalidade e a forma de execução da observação podem ser informal (assistemática ou não estruturada) ou formal (sistemática ou estruturada); não participante ou participante; individual, em equipe ou, ainda, laboratorial.

- » **Observação informal, não estruturada ou assistemática.** Trata-se da observação realizada de forma espontânea, sem uma preparação prévia ou instrumentos próprios. Utilizada para entender determinados fenômenos, conhecer pessoas em outros contextos etc. Por exemplo: o professor observa seus alunos em uma festa ou durante o recreio etc.

- » **Observação formal estruturada ou sistemática.** Trata-se da observação previamente programada, para a qual se estabelece o que deverá ser observado, mediante a preparação de instrumentos de observação.
- » **Observação não participante.** É aquela em que o observador se mantém em posição de observador e expectador, sem se envolver com o objeto da observação. Em geral, essa técnica é aplicada com o pesquisador isento em relação a situações, fatos ou pessoas que está observando.
- » **Observação participante.** É realizada com o pesquisador integrado ao grupo a ser estudado, como ator e observador ao mesmo tempo. Essa observação costuma receber críticas no meio científico por se considerar muito difícil assegurar a isenção do pesquisador nessa circunstância.
- » **Observação individual.** Realizada individualmente.
- » **Observação em grupo.** Realizada por várias pessoas, simultaneamente.
- » **Observação laboratorial.** Ocorre em experimentos artificialmente organizados com vistas à análise, exigindo intervenção direta do observador.

A observação depende muito da habilidade do pesquisador em captar informação por meio dos cinco sentidos, sem interferências ou julgamentos, e registrá-la com fidelidade. Uma das vantagens dessa técnica é a de o pesquisador não se preocupar com as limitações das pessoas em responder às questões. Entretanto, é um procedimento de custo elevado e difícil de ser conduzido de forma confiável, principalmente, quando se trata da obtenção de dados sobre comportamentos que envolvem alguma complexidade.

## Estudo de caso

O estudo de caso é uma técnica de pesquisa que consiste em analisar de forma profunda uma unidade concreta como: uma instituição, um sistema, um programa, uma pessoa etc., com vistas em conhecer essa unidade, a partir de uma base teórica consistente.

No estudo de caso, o pesquisador não tem uma proposta de intervenção como procedimento de pesquisa. Utiliza procedimentos variados para analisar a unidade em estudo.

De acordo com a finalidade básica, os estudos de caso podem ser os seguintes.

- » **Exploratórios:** têm como objetivo levantar informações preliminares a respeito da unidade em estudo. Nesse caso, são muito usados para elaboração de um projeto-piloto de uma pesquisa ampla.
- » **Descriptivos:** procuram detalhar como é a unidade em estudo.
- » **Analíticos:** visam à problematização do seu objeto de estudo com vistas a confrontá-lo com uma teoria existente ou propor uma nova teoria que possa explicá-lo.

Lüdke e André (1986, p. 123) afirmam que o estudo de caso é um tipo de pesquisa que apresenta características específicas, tais como:

- » A busca da descoberta de algo novo, pois se baseia no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado;
- » A ênfase na “interpretação em contexto” para uma apreensão mais completa do fenômeno estudado;
- » A busca em retratar a realidade estudada de forma completa e profunda;
- » A utilização de variadas fontes de informação;
- » A revelação de experiências vicárias e a permissão de generalizações naturalísticas;
- » A representação dos diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes em uma situação social;
- » A utilização de linguagem e forma mais acessível que os outros relatórios de pesquisa.

O estudo de caso, segundo Triviños (1987, p. 133) “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”.

Bogdan (*apud* TRIVIÑOS, 1987) analisa as Categorias de Estudos de Caso da seguinte forma:

- » **Histórico-organizacionais**
  - › O pesquisador tem o foco na vida da instituição e parte do conhecimento que tem sobre a organização que será examinada.
  - › Os materiais de consulta são arquivos, publicações, estudos pessoais, entrevistas referentes à vida da instituição.

» **Observacionais**

- › Categoria típica com a técnica de coleta de dados “observação participante”.
- › Diferencia-se do estudo de caso histórico-organizacionais pelo foco não ser a instituição como um todo, mas uma parte dela. O autor exemplifica com (p. 135):
  - O trabalho que realiza numa sala de aula de uma escola um grupo de professores que está aplicando novos métodos de ensino da Matemática.
  - O treinamento e jogos oficiais de uma equipe de futebol de um clube de esportes.
  - As reuniões de planejamento anual do trabalho de uma associação de vizinhos.
  - As sessões de uma cooperativa de produção e consumo para modificar seu estatuto etc.

» **História de vida**

- › A técnica aplicada para o processo de coleta de dados na história de vida é a entrevista semiestruturada.

» **Análise situacional**

- › Refere-se a eventos específicos que podem ocorrer numa organização. O pesquisador procura conhecer os pontos de vista e as circunstâncias que são peculiares a todos os envolvidos nesse fenômeno (TRIVIÑOS, 1987, p. 36).

» **Estudos comparativos de casos**

- › Estabelece comparações entre dois ou mais enfoques específicos.

» **Estudos multicasos**

- › Estabelece estudos de dois ou mais sujeitos, organizações, sem a necessidade de objetivos comparativos.

É importante ressaltar que o método de estudo de caso tem características em seu desenvolvimento, explicitadas em três fases, segundo Nisbet e Watt (1978 *apud* LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

### 1. Fase exploratória

No primeiro momento, o pesquisador deve começar com um plano incipiente e, à medida que o estudo se desenvolve, vai se delineando. O pesquisador, ao ampliar sua visão do contexto, apreendendo aspectos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação, tem a possibilidade de definir com mais precisão o objeto de estudo e captar a realidade.

### 2. A delimitação do estudo

Ao identificar os elementos-chave e os contornos aproximados do problema, o pesquisador define os instrumentos e as técnicas com foco nos propósitos do estudo de caso e inicia o processo de coleta de dados.

### 3. A análise sistemática e a elaboração do relatório

O pesquisador sistematiza todas as informações coletadas ao longo do processo de estudo e elabora o relatório de acordo com as normas para apresentação de trabalhos acadêmicos.



Para saber mais sobre estudo de caso, acesse o texto:

BRESSAN, Flávio. O Método do Estudo de Caso. **Revista Administração On-Line**: Prática – Pesquisa – Ensino. V. 1, nº 1, jan./fev./mar. 2000. Disponível em: <[http://www.fecap.br/adm\\_online/art11/flavio.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2009.

Análise Documental

Documento é o registro de uma informação independentemente da natureza do suporte que a contém.

A informação é fixada e transmitida por meio de suportes variados: meio impresso, vídeo, fotos etc.

Veja uma classificação dos documentos quanto ao gênero, isto é, quanto ao tipo de portador da informação.



## Classificação dos documentos quanto ao gênero

- » **Documentação textual:** gênero de documento que utiliza como linguagem básica a palavra escrita. Envolve documentos manuscritos, datilografados/digitados ou impressos. Exemplos: bilhete, certidão de nascimento, relatório etc.
- » **Documentação audiovisual:** gênero documental que utiliza como linguagem básica a associação do som e da imagem. Exemplos: documentários que registram eventos, vistorias, espetáculos etc., em películas cinematográficas. Pode ser armazenada em videocassete, CD, DVD etc.
- » **Documentação cartográfica:** documentação que tem por objeto registrar superfícies e estruturas. Exemplos: mapas e plantas.
- » **Documentação fonográfica:** gênero documental que utiliza como linguagem básica o som. Exemplos: gravações de discursos, músicas, shows, comícios, reuniões etc. Pode ser apresentada por meio de mídias de áudio.
- » **Documentação fotográfica:** conjunto de fotografias. Podem ser fotografias impressas, digitalizadas e em eslaides. Exemplos: registro de eventos, fotos áreas ou objetos vitorizados, pessoas etc.
- » **Documentação iconográfica:** gênero documental que utiliza como linguagem básica a imagem. Envolve desenhos e gravuras. Exemplos: cartazes, gráficos, esquemas etc.
- » **Documentação micrográfica:** conjunto de documentos armazenado sob microformas, tais como microfilmes, microfichas, isto é, documentos microfilmados. Exemplos: extratos bancários, registros escolares, documentos contábeis etc.
- » **Documentação eletrônica:** Conjunto de documentos digitalizado, isto é, passados para meio eletrônico e armazenados em computadores, CD, DVD, fitas específicas etc. Exemplos: ofícios, relatórios, filmes, plantas, mapas etc.

(Extraído de: SILVA; DANTAS, 2008)

O trabalho de pesquisa, independentemente dos métodos e técnicas definidos, normalmente se inicia com base em análise de documentos existentes sobre o tema (fichas de anotações, relatórios, rascunhos de documentos).

Ao se realizar uma análise documental, tem-se uma sensível redução no tempo e no custo da pesquisa, além do fato de esse procedimento desenvolver-se com base em informações estáveis, disponíveis e que normalmente não dependem de conhecimentos especializados para serem coletadas. A utilização dessa técnica, separadamente, exige que a organização, alvo da pesquisa, tenha um sistema de informações bem-estruturado e consistente, a fim de garantir os dados necessários para um sucesso na elaboração do relatório.

## Grupo focal

É uma técnica participativa de sondagem, pesquisa e avaliação que permite perceber os aspectos valorativos e qualitativos que regem um determinado grupo, além de colher as principais ideias e sugestões. O grupo focal tem por objetivo revelar experiências, sentimentos, percepções e preferências. Essas informações são obtidas após a colocação de perguntas previamente elaboradas, objetivas e que resultem em respostas concretas. Todas as respostas são anotadas simultaneamente por duas pessoas para evitar possíveis erros de registro das informações. Ressalta-se que a espontaneidade é um fator fundamental para o sucesso da aplicação da técnica. A análise dos dados é o produto final que sistematiza os pensamentos do grupo trabalhado, suas percepções, ideias e principais sinalizações. O extrato de tudo isso, geralmente, é usado em conjunto com as informações obtidas por outros instrumentos.

Para essa técnica, algumas orientações básicas devem ser seguidas.

- » As pessoas são convidadas para participar da discussão sobre determinado assunto. Normalmente, os participantes possuem alguma característica em comum. Por exemplo: compartilham das mesmas características demográficas, tais como nível de escolaridade e condição social, ou são todos funcionários do mesmo setor de trabalho. O grupo de discussão informal é organizado com um pequeno número de pessoas (no máximo quinze) para incentivar a interação entre os membros, com o propósito de obter informação qualitativa em profundidade.
- » Os participantes de um grupo focal são incentivados a conversar entre si, trocando experiências, relatando necessidades, observações, preferências etc.

- » A conversação é conduzida por um moderador, cuja regra central é incentivar a interação entre os participantes. O moderador incentiva a participação de todos, evitando que um ou outro tenha predomínio sobre os demais, e conduz a discussão de modo que ela se mantenha dentro do(s) tópico(s) de interesse.
- » Cada sessão deve ter a duração de aproximadamente 90 minutos.
- » A conversação concentra-se em poucos tópicos (no máximo cinco assuntos).
- » O moderador tem uma agenda na qual estão delineados os principais tópicos a serem abordados. Esses tópicos são geralmente pouco abrangentes, de modo que a conversação sobre eles se torne relevante.
- » Há a presença de observador(es) externo(s), que não se manifesta(m), para captar reações dos participantes.

Os passos mais importantes na condução de um grupo focal são: selecionar os participantes e escrever o guia do moderador (agenda).

Antes de selecionar os participantes, devemos decidir de qual grupo queremos obter informações. Públicos-alvo muito diferentes não devem ser colocados juntos porque um pode inibir os comentários do outro. Fatores como idade, posição social, posição hierárquica, conhecimento dos participantes e outras variáveis podem influenciar na discussão. Os participantes podem ajustar o que vão dizer conforme a situação em que se encontrarem no grupo, por isso a definição do grupo-alvo deve ser a mais específica possível.

O moderador deve preparar uma agenda que descreva os principais tópicos a serem abordados, os quais devem ser citados durante a discussão, por meio de questões e pontos previamente anotados. Primeiramente, devem ser discutidas questões de caráter geral e de abordagem fácil, para permitir a participação imediata de todos. Esse cuidado possibilita obter envolvimento e fluidez na conversação. Em seguida, podem ser apresentadas questões mais específicas e de caráter mais analítico. As reuniões de grupo focal, normalmente, são realizadas em áreas especialmente preparadas para esse tipo de atividade. A sala deve ser equipada com recursos para gravação da discussão, sendo que esse fato deve ser comunicado aos participantes, assegurando-lhes anonimato e uso exclusivo das gravações para as finalidades da pesquisa. Os participantes também devem ser informados da existência de observadores da discussão.

A pesquisa por meio de grupos focais é uma ferramenta para gerentes do serviço público interessados em saber mais sobre preferências específicas e necessidades de seus clientes e/ou empregados. Trata-se de uma técnica flexível e pode contribuir trazendo novas ideias.

## Tecnologias avançadas para coleta de informações

Hoje, o maior aliado dos pesquisadores para realização de pesquisa bibliográfica e/ou documental é o computador, pois, com os recursos atualmente disponíveis e com a rapidez com que novas facilidades surgem na rede mundial de computadores, é possível o acesso remoto e rápido a informações em qualquer parte do planeta. A interligação ocorre com a disponibilização de dados e informações, provocando, assim, uma universalização dos conhecimentos e propiciando oportunidade para que uma pesquisa conte com os mais diversificados pensamentos e opiniões.

Um exemplo de pesquisa via *Internet* foi relatado na matéria “A pílula dos cientistas”, publicada na Revista *Isto É*, em que a jornalista Luciana Sgarbi apresenta o resultado de pesquisa realizada por uma conceituada revista britânica, a *Nature*, a respeito da utilização da substância Ritalina (nome comercial da substância metilfenidato, lançada em 1956), na comunidade científica, para melhorar o desempenho intelectual.

Essa substância é muito utilizada por estudantes e cientistas para “turbinar” o cérebro aumentando em até 40% o nível de concentração e atenção e seu efeito se prolonga por 12 horas.



A rede mundial de computadores cresce vertiginosamente a cada dia. É possível encontrar de tudo na *Internet*, porém, se não soubermos realizar a pesquisa, podemos perder muito tempo com informações que não são relevantes para o nosso propósito e não encontrar as que realmente nos interessam. Caso você não tenha o hábito de utilizar *sites* de busca, leia. A seguir veremos algumas orientações básicas.



### Orientações para a pesquisa em *sites* de busca

- » Se precisar localizar *sites*, frases ou termos específicos em sua consulta, basta digitar o trecho do *site* ou a frase entre aspas. Vejamos um exemplo. Suponhamos que você tenha ouvido o seguinte refrão

de uma música: *Pela paz a gente canta a gente berra, pela paz eu faço mais eu faço guerra*. Para localizar informações como nome, autor, letra completa etc., você coloca no *site* de busca o trecho entre aspas: "Pela paz a gente canta a gente berra, pela paz eu faço mais eu faço guerra".

- » Quando necessitar encontrar todas as palavras numa mesma página, use + ou e.
- » Se seu interesse for localizar qualquer uma das palavras digitadas, utilize ou.
- » Para eliminar palavras que não lhe interessam, escreva o que procura entre aspas e deixe de fora o que pretende eliminar na busca. Por exemplo. Você quer localizar informações sobre a importância da ginástica e resolve que não lhe interessam os sites sobre academias. Você realiza a busca da seguinte forma: "importância da ginástica" Academia de.

Em geral, os *sites* de busca apresentam a opção "busca avançada", que permite refinar a pesquisa.

Observe que a forma de apresentação dos resultados varia entre os *sites*. Alguns apresentam primeiramente os *sites* nos quais o termo ou a expressão pesquisada aparece com maior frequência, outros dão prioridade aos *sites* mais visitados.

Cabe um alerta aos estudantes ou profissionais que utilizem os dados encontrados na *Internet*: nem sempre as fontes citadas são confiáveis. Desse modo, devemos sempre ter o cuidado de checar as fontes citadas e, o que é mais importante, sempre mencionar o endereço do qual foram retiradas as informações que comporão a pesquisa, registrando também a data do acesso.

Para ilustrar essa situação, citamos o artigo "Sermões Plagiados", de Luiza Villaméa, publicado na Revista *Isto É*, no qual a autora relata que, após a descoberta de que os padres estavam copiando sermões da *Internet*, a Igreja Católica da Polônia tomou medidas drásticas, iniciando uma campanha de sensibilização entre os 28 mil padres do país. Foi lançado, na Polônia, o livro *Plagiar ou não plagiar*, com o intuito de estimular o debate a respeito do assunto. Os autores do livro contestam essa prática sob o argumento de que o sermão é um testemunho da própria fé e interrogam como se pode testemunhar com palavras alheias.



## A construção do questionário e o processo da entrevista

Autores como Marie Jahoda, com base nos trabalhos de Arthur Kornhausser e Paul B. Sheatsley, indicam as normas que devem ser seguidas para a elaboração de questionário e de entrevista, considerando o roteiro de entrevista, os formulários que devem ser preenchidos pelo entrevistador e o questionário. Basicamente, as recomendações são as seguintes:

### **1. Passos para a construção de questionário e/ou de entrevista.**

- › Definição, de forma precisa, da informação que deve ser procurada.
- › Decisão sobre critérios técnicos, que tipo de questionário deve ser usado.
- › Redação de um primeiro rascunho – roteiro ou questionário-piloto.

### **2. Aspectos que devemos considerar na formulação das perguntas.**

- › Guia para construção de questionário e/ou de entrevista.
- › Decisões referentes ao conteúdo da pergunta, levando em consideração os objetivos do estudo e a necessidade da informação solicitada:
  - As pessoas possuem a informação necessária para responder à pergunta?
  - O conteúdo da questão é suficientemente geral? A formulação está isenta de elementos que condicionam a resposta?
  - As respostas que forem obtidas exprimirão atitudes realmente gerais? (Ou são apenas aparentemente específicas?)
  - A distribuição das questões está equilibrada ou existe algum carregamento que leve a determinadas direções?
  - As perguntas são concretas, específicas e diretamente ligadas à experiência pessoal de quem responde?
  - As pessoas têm possibilidade de fornecer as informações solicitadas?

- › Decisões referentes à redação da pergunta:
  - Existe a possibilidade de a pergunta ser mal interpretada?
  - As frases utilizadas são simples e claras?
  - As alternativas propostas correspondem às alternativas possíveis?
  - A pergunta é falha, não explicitando as suposições ou as consequências não percebidas?
  - O quadro de referência utilizado é claro e uniforme para todas as pessoas que respondem ao questionário?
  - A pergunta está induzindo a resposta?
  - A redação da questão pode vir a despertar objeções na pessoa entrevistada?
  - Uma outra forma de redação poderia trazer melhores resultados?
  - Qual é a melhor maneira de fazer uma determinada pergunta? Direta ou indiretamente?
- › Decisões que devem ser tomadas quanto à forma da resposta dada a uma determinada pergunta:
  - Qual a melhor forma de responder: com um sinal, uma ou duas palavras, ou um número? A questão fica mais bem formulada de modo aberto ou fechado?
  - No caso de o entrevistado ser solicitado a assinalar as respostas, qual a melhor formatação: pergunta dicotômica (escolher entre duas alternativas), múltipla escolha (o entrevistado pode assinalar mais de uma alternativa) ou escala (o entrevistado deve atribuir uma nota às alternativas)?
  - O pesquisador tem segurança de que as alternativas realmente incluem todas as possibilidades de resposta?
  - Está claro para o entrevistado como ele deverá responder? A questão é fácil, definida e adequada para o objetivo proposto?

- › Decisões que devem ser tomadas quanto à ordem em que as perguntas são apresentadas:
- A resposta pode ser influenciada pelo conteúdo das perguntas anteriores?
  - A pergunta aparece na sequência, seguindo uma ordem natural? Está em ordem psicologicamente correta?
  - A pergunta é apresentada no lugar certo para despertar o interesse e receber atenção suficiente do entrevistado?
  - Existe possibilidade de o entrevistado resistir ao conteúdo da pergunta?

Fonte: DENCKER; DA VIÁ, 2001, pp. 164-166.)

# CAPÍTULO 7

## Cronograma

Neste capítulo, identifica-se cada etapa da realização do projeto, relacionando o período necessário para sua execução, o que se pode elaborar por meio de um quadro esquemático, listando os meses e assinalando-os, de acordo com o prazo necessário.

O cronograma de pesquisa apresentado no seu planejamento deve conter cada uma das atividades que você realizará durante sua pesquisa e os prazos para a conclusão de cada uma delas. Martins Junior (2008) nos apresenta um exemplo de cronograma de pesquisa.

Quadro 8.

Atividades	CRONOGRAMA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO					
	mês	mês	mês	mês	mês	mês
1. Termo de ciência e responsabilidade (enviar ao Memorial)						
2. Tema, introdução, objetivos: geral e específicos (enviar ao link Memorial)						
3. Redação 1º capítulo (enviar ao link Memorial)						
4. Redação 2º capítulo (enviar ao link Memorial)						
5. Redação 3º capítulo (enviar ao link Memorial)						
6. Redação das considerações finais e referências (enviar ao link Memorial)						
7. Finalizando do TCC (enviar ao link Memorial)						
8. Versão final da TCC aprovado pelo orientador (enviar ao link Memorial)						
9. Apresentação (Resposta a um questionário no dia da prova presencial)						

Essa é apenas uma possibilidade de cronograma. Você deve adaptar e fazer o cronograma a partir das atividades que irá realizar e os prazos que irá seguir.

O item “Resultados esperados” é apresentado ao final do planejamento e deve conter, sucintamente, o que você pretende alcançar com a sua pesquisa. Como é uma pretensão, você, obviamente, não deve apresentar resultados. Você deve escrever com suas próprias palavras e não deve ultrapassar mais do que um ou dois parágrafos.



Encaminhe ao seu orientador o planejamento de sua pesquisa. Lembre-se de fazer uma capa, uma folha de rosto e um sumário.

# CAPÍTULO 8

## Referências

### Referência bibliográfica

Referência bibliográfica é o conjunto de elementos que permite a identificação de documentos, no todo ou em parte, com o objetivo de localizar as publicações utilizadas, citadas, consultadas ou sugeridas num determinado trabalho.

A referência dos documentos consultados ou citados é feita de acordo com as normas específicas adotadas pela técnica bibliográfica, que apresenta variações de acordo com o país. No Brasil, a Associação Brasileira de Normas Técnicas é a instituição que produz as normas a serem seguidas.

Para Santos (2000, p. 63.),

[...] informações bibliográficas vão permitir a confirmação das informações, aprofundamento do estudo mediante a utilização das obras citadas, a avaliação da profundidade do trabalho e, inclusive, a idade das informações ou ideias que são utilizadas para sustentar os argumentos do pesquisador.

A ABNT, por meio da norma NBR 6023/2002, estabelece, em detalhes, as possibilidades de se referenciar uma obra utilizada na elaboração do trabalho acadêmico e/ou científico, em relação às orientações básicas para elaboração correta da referência bibliográfica, a sequência e a forma de apresentação dos elementos, tais como o nome do(s) autor(es)/da(s) autora(s), título da obra, edição, local, data, entre outros, conforme modelos apresentados ou instruções constantes da norma.

### Transcrição de elementos

Seguem-se as principais orientações apresentadas na Norma, reinterpretadas por Mattar (2008).

## Autor

- » **Autor individual.** É apresentado normalmente pelo último sobrenome, em maiúsculas, separado por vírgula do(s) prenome(s) e outros sobrenome(s), que podem estar ou não abreviados. Exemplos:

PEDRON, Ademar João.

BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto.

- » **Sobrenomes compostos unidos por hífen.** São apresentados em conjunto.

Exemplo: LÉVI-STRAUSS, Claude.

- » **Sobrenomes compostos formando uma expressão ou contendo palavras como “São”, “Santo” “Neto”.** São apresentados a partir da primeira palavra do sobrenome. Exemplos:

CASTELO BRANCO, Camilo.

ESPÍRITO SANTO, João do.

MATTAR NETO, João Augusto.

- » **Autor identificado apenas pelo sobrenome.** É apresentado a partir do último sobrenome. Exemplo: ASSIS, Machado de.

- » **Dois ou três autores.** São separados por ponto e vírgula. Exemplo: LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade.

- » **Mais de três autores.** Apresenta-se apenas o primeiro, seguido da expressão *et al.* Exemplo: BASTOS, Lilia da Rocha *et al.*



Há situações em que é necessária a citação de todos(as) os(as) autores(as) para certificação da autoria, a exemplo de indicação de produção científica em relatórios de órgãos de financiamento e projetos de pesquisa científica.

- » **Obra com vários trabalhos ou contribuições de vários autores.** Apresenta-se o nome do responsável pela obra: organizador, coordenador etc. seguido da abreviatura da palavra que indica o seu papel na publicação. Exemplo: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.).

» **Autor desconhecido.** Apresenta-se a referência pelo título. Não se deve usar o termo anônimo. Exemplo: A BÍBLIA Sagrada.

» **Autor institucional/entidade.** As obras de responsabilidade de entidades como órgãos governamentais, associações, empresas, congressos etc. são apresentadas pelo nome da entidade em maiúsculas.

Exemplos: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente.

» **Pseudônimo ou nome artístico.** Substitui-se o nome da pessoa pelo nome com o qual é conhecida. Exemplo: SOARES, Jô.

» **Autor repetido.** Substitui-se o nome de um autor referenciado sucessivamente, a partir da segunda ocorrência, por um traço sublinear equivalente a seis espaços e ponto. Exemplo:

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia:** elementos de metodologia do trabalho científico. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

\_\_\_\_\_. **Como fazer uma monografia.** 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

## Título

» Os títulos são destacados graficamente (negrito, sublinhado, itálico) e os subtítulos, quando houver, são separados do título por dois pontos, sem destaque. Caso se suprima parte do título, devem-se utilizar reticências. Exemplo: **As três metodologias:** acadêmica, da ciência e da pesquisa.

» Os títulos de obras publicadas dentro de outra devem ser apresentados sem destaque, enquanto o título da obra é destacado. Exemplo:

ZAINKO, M. A. O planejamento como instrumento de gestão educacional: uma análise histórico-filosófica. In: **Em Aberto.** Brasília, v. 17, p. 125-140. fev./jun. 2000.

» No título de periódico com nome genérico, apresenta-se o título em maiúsculas seguido do nome da entidade autora ou editora, com a preposição entre colchetes. Exemplo: BOLETIM MENSAL [da] Associação Médica Brasileira.

## Edição

- » Apresentam-se o número da edição em numeração ordinal, seguido de ponto, e a abreviatura da palavra edição na língua da obra. Exemplos: 2. ed.; 3th ed.
- » As alterações ocorridas na edição são assinaladas pela abreviatura da palavra que as caracteriza. Exemplo: 3. ed rev. e aum. (revista e aumentada).
- » A primeira edição não é indicada.

## Tradutor, revisor e ilustrador

O nome do tradutor, do revisor ou do ilustrador de uma obra é apresentado logo após o título. Exemplo:

LA TORRE, Saturnino. **Aprender com os erros**: o erro como estratégia de mudança. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## Local da publicação

- » Apresenta-se o nome da cidade como aparece na publicação. Nos casos em que haja homônimos, acrescenta-se o nome do país ou estado separado por vírgula. Exemplos:

Belém, Brasil

Belém, Jerusalém

Planaltina, DF

Planaltina, GO

Caso haja mais de um local para um mesmo editor, apresenta-se o primeiro ou o de maior destaque.

- » Se o local não for indicado na publicação, mas for possível identificá-lo, apresenta- se entre colchetes.
- » Quando não consta o local e nem é possível identificá-lo, apresenta-se entre colchetes a abreviatura de *Sine loco* [S.l.].

## Editora

O nome da editora deve ser apresentado eliminando-se a referência aos elementos que indicam natureza jurídica ou comercial. Caso a editora tenha o nome de uma pessoa, este é indicado abreviando-se os prenomes, quando for o caso. Exemplos:

Malabares, Comunicação e Eventos – Malabares

Livraria José Olympio Editora – J.Olympio.

## Data

- » A data é escrita em algarismos arábicos.
- » Se nenhuma data de publicação, distribuição, copirraite, impressão etc. puder ser determinada, regista-se entre colchetes uma data provável, conforme os exemplos:

[2001 ou 2002] [1987-?].

## Coleções e séries

Os títulos da coleção e da série são apresentados ao final da referência, entre parênteses, separados por vírgula da numeração, em algarismos arábicos, se houver. Exemplo:

**LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**.** São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor).

## Modelos de referências

Vejamos, agora, os modelos de referências mais utilizados em trabalhos acadêmicos, com base nas orientações fornecidas na NBR 6023.

## Monografia utilizada no todo

[...] inclui livro e/ou folheto (manual, guia, catálogo, enciclopédia, dicionário etc.) e trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, entre outros). Os elementos essenciais são: autor(es), título, edição, local, editora e data de publicação (NBR6023, 2002, p. 3).

Exemplo:

SILVA, Maurício. **Dimensões do tempo**: a percepção dos docentes da UNEB; um estudo de caso. Florianópolis, 2001.

- » Para melhor especificar, pode-se detalhar outros itens.

Exemplo:

SILVA, Maurício. **Dimensões do tempo**: a percepção dos docentes da UNEB: um estudo de caso. 2001. 68 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

- » Caso a monografia a ser referenciada, no todo, encontre-se em meio eletrônico, a referência incluirá todos os itens citados, acrescidos das informações relativas à descrição do meio eletrônico. Exemplo:

KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). **Enciclopédia e dicionário digital 98**. Direção geral de André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5CD-ROM.

- » Se o texto a ser referenciado estiver publicado na *Internet*, o endereço eletrônico vem precedido da expressão “Disponível em:” e escrito entre os seguintes sinais <>. Após o endereço, acrescentam-se informações a respeito da data do acesso, conforme o exemplo que se segue:

ALVES, Castro. **Navio Negreiro**. [S.I.]: Virtual Books, 2000. Disponível em <<http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.html>>. Acesso em: 10 jan. 2002.

## Parte de monografia

[...] inclui capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autor(es) e ou título próprios. Os elementos essenciais são: autor(es), título da parte, seguidos da expressão ‘In:’, e da referência completa da monografia no todo. No final da referência, deve-se informar a paginação ou outra forma de individualizar a parte referenciada (NBR6023, 2002, p. 4 ).

SILVA, Maurício O Ensino a distância – EAD: uma estratégia de otimização do tempo. In: SILVA, Maurício. **Dimensões do tempo**: a percepção dos docentes da UNEB: um estudo de caso. Florianópolis: 2001.

- » Para melhor especificar, sugere-se acrescentar mais itens.

Exemplo:

SILVA, Maurício. O ensino a distância – EAD: uma estratégia de otimização do tempo. In: SILVA, Maurício. **Dimensões do tempo**: a percepção dos docentes da UNEB: um estudo de caso. Florianópolis: 2001. cap. 2, item 2.4, pp. 23-28.

- » Caso a parte da monografia encontre-se em meio eletrônico, devem ser incluídos todos os itens citados, acrescidos das informações relativas à descrição do meio eletrônico.

Exemplos:

MORFOLOGIA dos artrópodes. In: ENCICLOPÉDIA multimídia dos seres vivos. [S.I.]: Planeta De Agostini, c1998. CD-ROM 9.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Tratados e organizações ambientais em matéria de meio ambiente. In: \_\_\_\_\_. **Entendendo o meio ambiente**. São Paulo, 1999. v.1. Disponível em: <<http://www.bdt.org.br/sma/ entendendo/actual.htm>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

## Publicação periódica

[..] inclui coleção como um todo, fascículo ou número de revista, número de jornal, caderno etc. na íntegra, e a matéria existente em um número, volume ou fascículo de periódico (artigos científicos de revistas, editoriais, matérias jornalísticas, seções, reportagens etc). Os elementos essenciais são: título, local de publicação, editora, datas de início e de encerramento da publicação, se houver. (NBR6023, 2002, p. 4)

Exemplo:

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1939.

- » Outros itens podem ser acrescentados.

Exemplo:

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1939. Trimestral. Absorveu Boletim Geográfico, do IBGE. Índice acumulado, 1939-1983. ISSN 0034-723X.

» Partes de revista, boletim etc.

[...] inclui volume, fascículo, números especiais e suplementos, entre outros, sem título próprio. Os elementos essenciais são: título da publicação, local de publicação, editora, numeração do ano e/ou volume, numeração do fascículo, informações de períodos e datas de sua publicação (NBR6023, 2002, p. 5).

Exemplo:

DINHEIRO. São Paulo: Ed. Três, nº 148, 28 jun. 2000.

- » Para melhor especificar, pode-se acrescentar novos itens como o número de páginas.

Exemplo:

DINHEIRO: revista semanal de negócios. São Paulo: Ed. Três, nº 148, 28 jun. 2000. p. 98.

### **Artigo e/ou matéria de revista, boletim etc.**

[...] inclui partes de publicações periódicas (volumes, fascículos, números especiais e suplementos, com título próprio), comunicações, editorial, entrevistas, recensões, reportagens, resenhas e outros. Os elementos essenciais são: título da parte, artigo ou matéria, título da publicação, local de publicação, numeração correspondente ao volume e/ou ano, fascículo ou número, paginação inicial e final, quando se tratar de artigo ou matéria, data ou intervalo de publicação e particularidades que identificam a parte, se houver (NBR6023, 2002, p. 5).

Exemplo:

AS 500 maiores empresas do Brasil. **Conjuntura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 38, nº 9, set. 1984. Edição especial.

### **Artigo e/ou matéria de revista, boletim etc. em meio eletrônico**

[...] devem obedecer aos padrões indicados para artigo e/ou matéria de revista, boletim etc., de acordo com item anterior, acréscimo das informações relativas à descrição física do meio eletrônico (disquetes, CD-ROM, *on-line* etc.) (NBR6023, 2002, p. 5).

Exemplo:

VIEIRA, Cássio Leite; LOPES, Marcelo. A queda do cometa. **Neo Interativa**, Rio de Janeiro, nº 2, inverno 1994. 1 CD-ROM.

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Net**, Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <<http://www.brazilnet.com.br/contextos/brasilrevistas.html>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

### **Artigo e/ou matéria de jornal**

[...] inclui comunicações, editorial, entrevistas, recensões, reportagens, resenhas e outros. Os elementos essenciais são: autor(es) (se houver), título, título do jornal, local de publicação, data de publicação, seção, caderno ou parte do jornal e a paginação correspondente. Quando não houver seção, caderno ou parte, a paginação do artigo ou matéria precede a data (NBR6023, 2002, p. 6).

Exemplo:

NAVES, P. Lagos andinos dão banho de beleza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 jun. 1999. Folha Turismo, Caderno 8, p. 13.

Observe que, nesse caso, é usada vírgula após a localidade, ao invés de dois pontos.

### **Artigo e/ou matéria de jornal em meio eletrônico**

[...] devem obedecer aos padrões indicados para artigo e/ou matéria de jornal, acrescidos das informações relativas à descrição física do meio eletrônico (disquetes, CD-ROM, *on-line* etc.) (NBR6023, 2002, p. 5).

Exemplo:

SILVA, Ives Gandra da. Pena de morte para o nascituro. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 set. 1998. Disponível em: <[http://www.providafamilia.org/pena\\_morte\\_nascituro.htm](http://www.providafamilia.org/pena_morte_nascituro.htm)>. Acesso em 19 set. 1998.

### **Evento como um todo**

Atas, anais, resultados, *proceedings*, entre outras denominações. Elementos essenciais: nome do evento, numeração (se houver), ano e local (cidade) de realização. Título do documento, local de publicação, editora e data de publicação.

Exemplo:

REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 20. 1997, Poços de Caldas. **Química**: academia, indústria, sociedade: livro de resumos. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 1997.

### Evento como um todo em meio eletrônico

Mesmas normas descritas anteriormente, acrescentando o endereço eletrônico e a data de acesso.

Exemplo:

CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4, 1996, Recife. **Anais Eletrônicos**... Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <<http://www.prospesq.ufpe.br/anais.htm>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

### Documentos Legislativos

São apresentados normalmente pela jurisdição, em letras maiúsculas.

- » **Constituição**. Após a jurisdição, acrescenta-se a palavra Constituição antes do título, seguida do ano da publicação entre parênteses, título, local, editor, ano de publicação, número de páginas ou volumes e notas.

Exemplo:

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

- » **Leis e Decretos**. Após a jurisdição, apresentam-se número do documento, data completa, ementa, dados da publicação.

Exemplo:

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *DOU 23/12/1996*

## Apresentação gráfica da referência

É importante destacar, ainda, o que estabelece a ABNT, NBR 6023 (2002, p. 3), a respeito da apresentação gráfica das referências.

- » Devem ser apresentadas alinhadas “somente à margem esquerda do texto e de forma a se identificar individualmente cada documento, em espaço simples e separadas entre si por espaço duplo”.

Exemplo:

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MATTAR NETO, João Augusto. **Metodologia científica na era da informática**. Saraiva, São Paulo: 2005.

- » Quando aparecerem em notas de rodapé, serão alinhadas a partir da segunda linha da mesma referência, abaixo da primeira palavra, de forma a destacar o expoente e sem espaço entre elas. Observe que o tamanho da fonte da nota de rodapé deve ser menor que o do texto.



Recomendamos leitura das normas técnicas, disponíveis nas bibliotecas especializadas ou adquiridas diretamente na ABNT no endereço eletrônico <[www.abnt.org.br](http://www.abnt.org.br)>, caso seja necessário realizar referências diferentes das aqui relacionadas.

Como se percebe, o projeto de pesquisa constitui um trabalho relativamente simples, porém essencial à atividade acadêmica. Caracteriza-se como um instrumento norteador das atividades de conclusão da maioria dos cursos universitários de graduação ou como requisito para acesso a cursos de pós-graduação.

Concluímos a etapa de planejamento de pesquisa para a elaboração de monografias e artigos de final de curso. Mas, conforme mencionado, os trabalhos de conclusão de curso são definidos de acordo com as especificidades contidas nos projetos pedagógicos de cada curso.

Observe o quadro a seguir.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Evandro Leplzer

ELEMENTOS/ TIPO DE TRABALHOS	MONOGRAFIA	ARTIGO CIENTÍFICO	PLANO DE NEGÓCIOS	PLANO DE MARKETING	RELATÓRIO DE CONSULTORIA	DIAGNÓSTICO DE QUALIDADE	ESTUDO DE CASO
PRÉ-TEXTUAIS	Capa	Capa	Capa	Capa	Capa	Capa	Capa
	Folha de Rosto	Folha de Rosto	Folha de Rosto	Folha de Rosto	Folha de Rosto	Folha de Rosto	Folha de Rosto
	Folha de Aprovação	Dedicatória	Folha de Aprovação	Dedicatória	Folha de Aprovação	Dedicatória	Dedicatória
	Dedicatória	Agradecimentos	Dedicatória	Dedicatória	Dedicatória	Agradecimentos	Agradecimentos
	Agradecimentos	Epígrafe	Agradecimentos	Agradecimentos	Agradecimentos	Epígrafe	Epígrafe
	Epígrafe	Resumo em Português	Epígrafe	Resumo	Resumo	Resumo	Resumo
	Resumo	Resumo em Inglês	Sumário	Resumo	Resumo	Resumo em Inglês	Sumário
TEXTUAIS	Lista de Ilustrações		Lista de Ilustrações	Lista de Ilustrações	Lista de Ilustrações		
	Lista de Tabelas		Lista de Tabelas	Lista de Tabelas	Lista de Tabelas		
	Lista de Abreviaturas e Siglas		Lista de Abreviaturas e Siglas	Lista de Abreviaturas e Siglas	Lista de Abreviaturas e Siglas		
	Sumário		Sumário	Sumário	Sumário		
	Introdução	Introdução	Plano de Negócios	Plano de Marketing	Relatório de Consultoria:	Diagnóstico de Qualidade	Estudo de Caso:
	Referencial Teórico	Revisão de Literatura	Completo – Modelo	Completo – Modelo	a) Situação-problema	– Modelo FNQ <sup>*4</sup>	a) Identificação do local de estudo
PÓS-TEXTUAIS	Referencial Metodológico	Conclusão	Sebrae (MG) <sup>*1</sup>	Sebrae <sup>*2</sup>	b) Coleta de dados e	Obs.: O aluno deverá escolher uma empresa para efetivar o diagnóstico	b) Situação-problema (questões norteadoras)
	Considerações Finais/				Informações – análise documental, entrevistas e observações diretas		c) Pontos de vista sobre a questão
	Conclusão				c) Filtragem dos dados		d) Alternativas propostas
					d) Análise dos dados		e) Ações tomadas
					e) Solução proposta <sup>*3</sup>		f) Discussão <sup>*5</sup>
	Referências	Referências	Referências	Referências	Referências	Referências	Referências
	Anexos		Anexos	Anexos	Anexos		
	Apêndices		Apêndices	Apêndices	Apêndices		

\*1 – Plano de negócios completo – Modelo Sebrae (MG) disponível no site: <[http://www.sebraemg.com.br/arquivos/parasuempresa/planodenegocios/plano\\_de\\_negocios.pdf](http://www.sebraemg.com.br/arquivos/parasuempresa/planodenegocios/plano_de_negocios.pdf)>.

\*2 – Plano de marketing completo – Modelo Sebrae disponível no site: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/1947E3304928A275032571FE00630FB1/\\$File/NT000B4E62.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/1947E3304928A275032571FE00630FB1/$File/NT000B4E62.pdf)>.

\*3 – Relatório de consultoria pela diversidade de consultorias existentes – Torna-se difícil designar apenas um modelo específico. Consultorias podem estar nas áreas: Financeira, Custos, Estratégica, Vendas, Marketing, Pessoas, Processos, Tecnologia da Informação, entre diversas outras.

\*4 – Diagnóstico de qualidade – Modelo FNQ disponível no site: <<http://www.fnq.org.br/site/546/default.aspx>>.

\*5 – Estudo de casos, variam de acordo com a matéria – Administração e Medicina possuem estudos de casos completamente diferentes. O roteiro proposto é para as áreas de Gestão.

# CONSTRUINDO O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

## UNIDADE IV

Nessa unidade, preparamos um roteiro para apoiá-lo na elaboração do seu trabalho de conclusão de curso (TCC). É importante ressaltar que, para cada curso, é adotado um tipo de TCC, mas em qualquer um dos trabalhos solicitados, a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT dispõe de orientações para a apresentação de trabalhos acadêmicos.

Procure seguir as etapas descritas e atentar para as orientações do professor que estará acompanhando-o ao longo desse processo.

Sugerimos sempre a consulta às obras de metodologia científica ou a manuais de trabalhos acadêmicos, que podem servir de base para seus estudos, visto que as normas descritas na ABNT são únicas.

## CAPÍTULO 1

### Monografia

#### O que é monografia

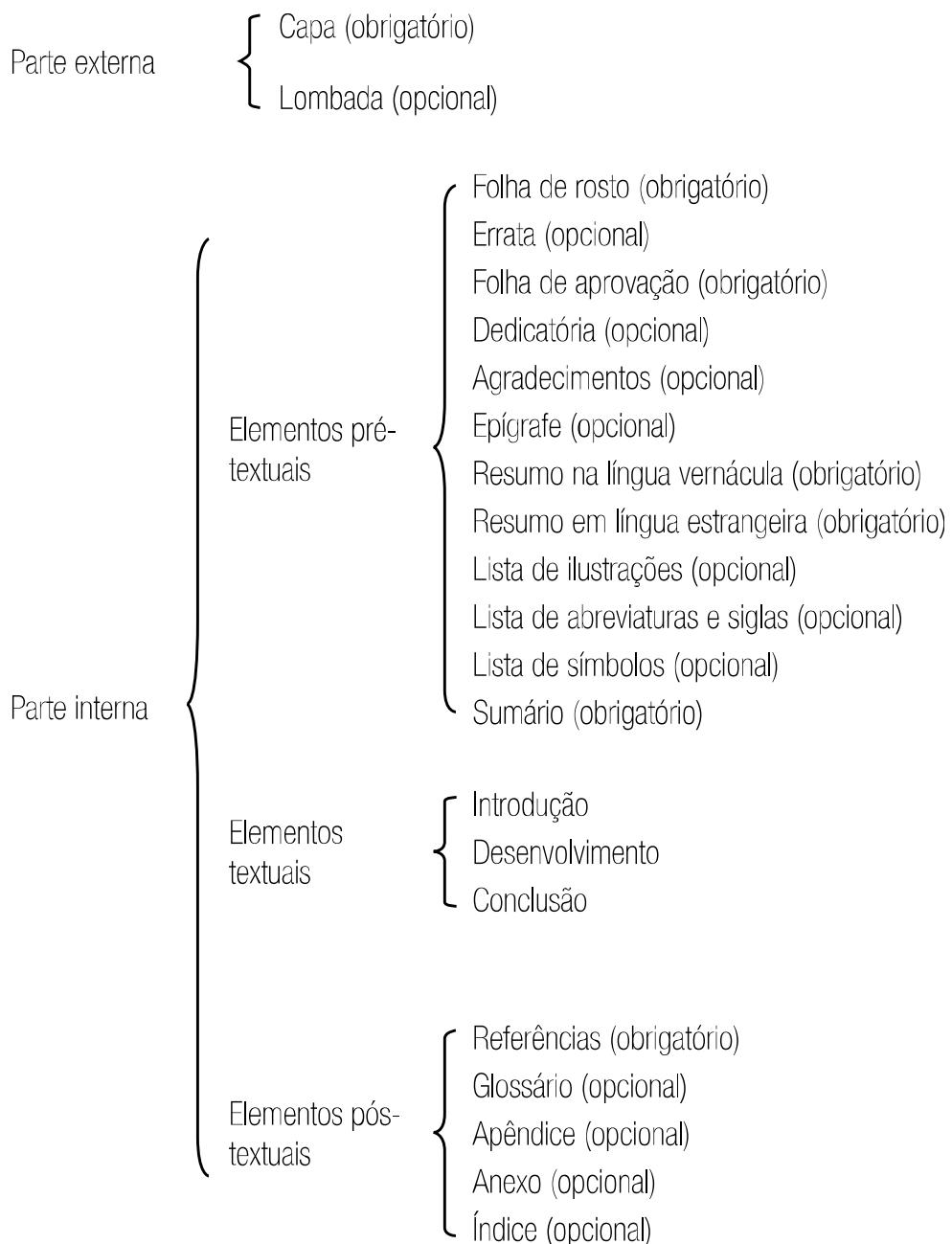
Monografia é um estudo cujo desenvolvimento obedece à estrutura de um trabalho de cunho científico. Pode ser apresentada como um trabalho de conclusão de curso de graduação ou de pós-graduação *Lato Sensu* (especialização). Apresenta um ensaio mais aprofundado sobre um determinado assunto. Cientificamente, deve ser bem delimitada e abranger uma pesquisa bibliográfica, podendo, também, constituir-se em uma pesquisa de campo, conforme a área de sua formação.

O TCC será uma pesquisa mais aprofundada, que deve ser dividida em partes menores, denominadas capítulos, itens (divisões secundárias) subitens (divisões terciárias, tópicos e subtópicos), como no exemplo a seguir.

DIVISÕES DE UM CAPÍTULO	
1 – CAPÍTULO	
1.1 – ITENS DO CAPÍTULO	
1.1.1. Subitens do capítulo	
1.1.1.1 Tópicos dos subitens	
1.1.1.1.1 Subtópicos	

## Estrutura da monografia

Baseando-se nas normas da ABNT NBR 14724 de 17/4/2011, apresentamos a estrutura para a monografia, que compreende a parte externa, capa e lombada, e a parte interna que envolve os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.



## Parte externa

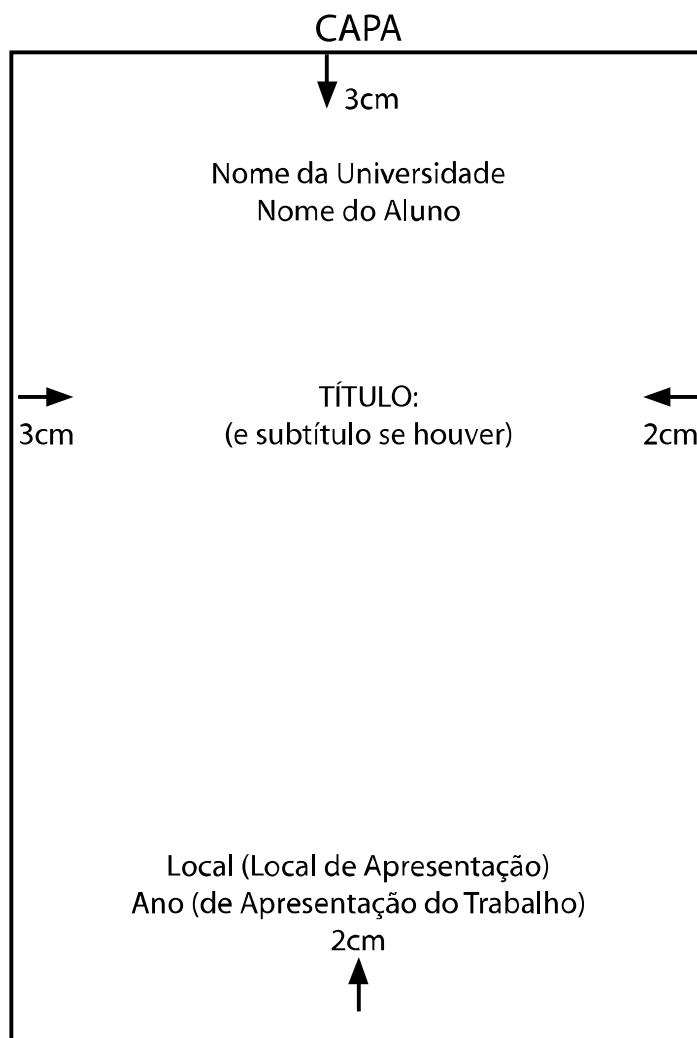
### Capa (obrigatório)

Na capa devem constar os elementos necessários à identificação do documento. As informações da capa devem ser centralizadas e escritas com as iniciais maiúsculas na seguinte ordem: nome da instituição (opcional), nome do aluno, título da monografia; subtítulo, precedido de dois pontos, local e ano da entrega. Recomenda-se o uso da fonte *Times* ou *Arial*, de acordo com o que foi adotado no texto, com letra entre 14 e 20.

### Lombada (opcional)

A lombada deve conter os seguintes elementos: nome do autor; título; elementos alfanuméricos de identificação de volume, fascículo e data, se houver; logomarca. Sua apresentação deve obedecer ao disposto na ABNT-NBR 12225.

Figura 6.



## Parte interna

### Elementos pré-textuais

São denominados elementos pré-textuais as seções do trabalho apresentadas com informações para caracterização do documento, seu(s) autor(es)/ sua(s) autora(s), síntese do conteúdo etc., possibilitando aos interessados na temática realizar uma exploração preliminar.

É nessa parte também que se apresentam os créditos, agradecimentos etc.

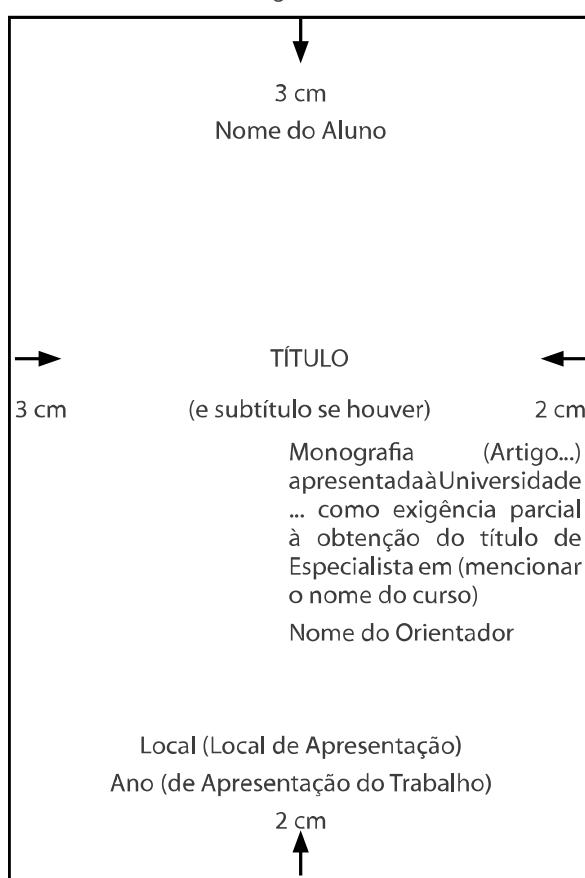
Seguem-se alguns componentes dos elementos pré-textuais.

#### Folha de rosto (obrigatório)

A folha de rosto deve conter as informações a seguir: nome do autor, título da monografia, natureza e o objetivo do trabalho, com alinhamento do centro para a margem direita, local, data e ano de apresentação do trabalho.

A ABNT NBR 14724 estabelece que o verso da folha de rosto deve conter os dados de catalogação na publicação conforme o Código de Catalogação Anglo-Americano vigente.

Figura 7.



### **Errata (opcional)**

Deve ser inserida após a folha de rosto no trabalho impresso quando se fizer necessário apresentar uma correção. Observe o modelo apresentado na ABNT NBR 14724/2011:

### **Folha de aprovação (obrigatório)**

Nome do autor, título da monografia, finalidade (monografia), objetivo (grau pretendido), nome da instituição, área de concentração e data da aprovação. Seguem-se os espaços para os membros da comissão examinadora assinar e, ao final, local e data da aprovação.

### **Dedicatória (opcional)**

Homenagem a alguém – deve ser digitada à direita, na parte inferior da página.

### **Agradecimentos (opcional)**

Agradecimento ao apoio recebido na elaboração do trabalho; deve ser curto e conciso. O título vai centralizado na parte superior da folha.

### **Epígrafe (opcional)**

Apresentação de uma citação referente ao conteúdo trabalhado, seguida de autoria, inserida à direita na parte inferior da página. Observar as definições constantes da ABNT NBR 10520.

### **Resumo (obrigatório)**

Texto informativo que sintetiza o conteúdo da monografia, ressaltando os objetivos, os resultados e as conclusões do trabalho, não ultrapassando 250 palavras. Logo abaixo, seguem palavras representativas do conteúdo do trabalho, isto é, palavras-chave (entre 3 e 5 palavras). Deve ser redigido em um único parágrafo, sem recuo na primeira linha, com entrelinhas em espaço simples.

### **Lista de ilustrações (opcional)**

Deve ser organizada seguindo a ordem apresentada no texto, com cada item identificado pelo título e número de folha ou página.

### **Lista de abreviaturas e siglas (opcional)**

Deve apresentar as abreviaturas e siglas que aparecem no texto, em listagens separadas, por tipo, na ordem alfabética.

### **Lista de símbolos (opcional)**

Deve apresentar os símbolos na ordem em que aparecem no texto, com o significado específico.

### **Sumário (obrigatório)**

- » Apresenta as seções e os capítulos do trabalho com a respectiva página.
- » Os elementos pré-textuais serão apresentados sem numeração, embora computados no total de páginas.
- » A epígrafe, a dedicatória e o agradecimento não constam do sumário.

### **Elementos textuais**

Os elementos textuais constituem a parte central do trabalho científico, formando o texto propriamente dito. O tema é apresentado, desenvolvido e concluído.

Portanto, os elementos textuais são formados pela introdução, desenvolvimento e considerações finais.

#### **Introdução**

O pesquisador apresenta os motivos que justificam a escolha do tema (o que o motivou a escolher o seu tema de estudo? Os resultados obtidos pela sua pesquisa servirão para quê?) e informa os objetivos que pretende alcançar com a pesquisa. Formule seu objetivo geral e os específicos. Lembre-se de que este é um momento muito importante! O objetivo geral deve ser amplo. Já os específicos devem ser alcançados ao final de cada etapa da sua pesquisa.

Na formulação dos objetivos, os verbos, no infinitivo, devem reproduzir com exatidão as metas que se espera atingir com esse estudo. Assim, existem verbos que são mais aplicados na formulação de objetivos gerais enquanto outros são os mais indicados na formulação de objetivos específicos.

A lista abaixo sugere alguns desses verbos:

Quadro 9.

Verbos usados para formular OBJETIVOS GERAIS	Verbos usados para formular OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Investigar	Verificar
Analisar	Testar
Comparar	Observar
Demonstrar	Medir
Mapear	Comparar
Identificar	Avaliar
Diagnosticar	Distinguir
	Descrever
	Analisar

## Desenvolvimento

É a parte principal do trabalho. Apresenta o assunto de maneira ordenada, que pode ser em capítulos ou tópicos. Consiste na revisão de literatura e o pesquisador deve perguntar-se: Quem são os(as) autores(as) que estudaram o tema que pretendo estudar?

Nessa etapa do trabalho, você utilizará várias citações (inserção de pequenos trechos de obras de outros autores, que são inseridos no trabalho para comprovar ou reforçar a argumentação de determinado assunto), as quais devem estar de acordo com a ABNT NBR 6023.

Segundo Gressler (2004, pp. 236-240), as normas para as citações são as seguintes:

### Citação direta ou textual

São as transcrições que reproduzem literalmente as palavras do autor, respeitando-se todas as características formais, concernentes à redação, ortografia e pontuação.

- » A citação deve ser transcrita com indicação obrigatória da(s) página(s) e referência à fonte.
- » No caso de uma citação de até três linhas, esta vem incorporada ao parágrafo, entre aspas duplas, sem itálico.

Ex.: Oliveira (1998, p. 225) afirma que “os protídeos são os aminoácidos naturais que primitivamente eram chamados de proteínas”.

- » Citações mais longas (mais de três linhas) devem ser escritas fora do corpo do texto, obedecendo aos seguintes passos:
  - › deixar um espaço entre o texto e a citação (uma linha);
  - › afastar o trecho citado da margem esquerda da página 4 cm (formatar/parágrafo/esquerdo 4 cm);
  - › não usar aspas;
  - › usar a mesma fonte do texto;
  - › utilizar um caractere menor do que o texto (ex.: texto 12, citação 10);
  - › deixar um espaço entre a citação e o texto (uma linha).

### **Citação indireta**

São chamadas paráfrases ou citações indiretas se apenas comentam e parafraseiam as ideias de outrem.

Ex.: Para Oliveira (1998), as proteínas, como eram conhecidas primitivamente, recebem o nome de protídeos – aminoácidos naturais.

### **Citação de citação**

Nem sempre é possível o acesso ao documento original. Nesse caso, pode-se reproduzir informação já citada por outros autores utilizando a expressão latina *apud* (citado por, conforme, segundo).

Ex.: Segundo Cunha (1995, *apud* SHIGUNOV; NASCIMENTO, 2002), prática pedagógica é o cotidiano do professor na preparação do ensino.



Lembre-se: quando o sobrenome do autor citado estiver fora de parênteses, deve ser escrito com letras minúsculas (letra inicial maiúscula) e, quando estiver dentro de parênteses, deve ser citado com letras maiúsculas.

### **Considerações finais/Conclusão**

O autor apresenta uma síntese das conclusões correspondentes aos objetivos traçados. É a parte final do trabalho, na qual serão respondidas as questões esclarecedoras colocadas na delimitação do problema e será também verificado se os objetivos alcançaram ou não os resultados propostos.

Sequência para se escrever uma consideração final:

- » Se você formulou perguntas na delimitação do problema, inicie respondendo-as;
- » Faça uma síntese de cada capítulo, verificando se o seu conteúdo contribuiu para que fossem alcançados os objetivos formulados na introdução do trabalho;
- » Em função das sínteses anteriores, verifique, um a um, se os objetivos específicos foram alcançados;
- » Da mesma forma, verifique se o objetivo geral foi alcançado.

Assim como a introdução, as considerações finais devem ser escritas com as suas próprias palavras e nunca devem ser copiadas de alguma obra com tema semelhante. Não deve conter novas informações, mas somente aquelas provenientes do seu próprio trabalho.

## Elementos pós-textuais

Compreendem as seções que complementam o trabalho, dentre as quais algumas são obrigatórias, como as referências bibliográficas e outras, opcionais, a exemplo de anexos e apêndices. O autor do trabalho deve avaliar a necessidade de utilizá-las.

### Referências bibliográficas (obrigatório)

Constam nas referências bibliográficas obras que foram citadas ao longo do texto para a realização da monografia, de acordo com as normas da ABNT.



Não se esqueça de nenhum dos livros citados!

Normas para escrever as referências, segundo Martins Júnior (2008).

- » As referências devem começar na margem esquerda do texto, inclusive as demais linhas (se houver).
- » As obras devem ser citadas em ordem alfabética do sobrenome de seus autores.

- » Os sobrenomes dos autores devem ser escrito com letras maiúsculas e as demais com letras minúsculas.
- » Deve-se padronizar a forma de escrever os prenomes dos autores: ou todos serão escritos por extenso ou todos serão abreviados.
- » Quando forem citadas mais de uma obra do mesmo autor, citar primeiro a de data mais antiga e depois a mais recente; na segunda obra (e nas demais), o nome do autor pode ser substituído por um travessão, equivalente a seis espaços do caractere utilizado no trabalho, seguido de um ponto.
- » Quando o mesmo autor escrever mais de uma obra no mesmo ano, deve-se diferenciá-las colocando as letras a, b, c etc. atrás da data de sua edição.
- » Devem ser digitadas em espaço simples entre as linhas e separadas por um espaço entre elas.
- » Devem ser redigidas da mesma forma que se encontram na obra.
- » Quando houver título e subtítulo, o título deve ser destacado por uma das seguintes formas: negrito; itálico ou sublinhado, e o subtítulo deve ser escrito com letras normais.
- » O recurso tipográfico (negrito, grifo ou itálico) utilizado para destacar o elemento título deve ser uniforme em todas as referências de um mesmo documento – assim, ao escrever uma das referências de uma forma, as outras devem segui-la.

## **Glossário (opcional)**

Consiste em um vocabulário explicativo dos termos, conceitos, palavras, expressões, frases utilizados no decorrer do trabalho e que podem dar margem a interpretações errôneas ou que sejam desconhecidos do público-alvo e não tenham sido explicados no texto.

## **Apêndices (opcional)**

Constituem documentos que são apresentados no final do trabalho com a finalidade de abonar ou documentar dados ou fatos citados no decorrer de seu desenvolvimento. São documentos elaborados pelo próprio autor e que completam seu raciocínio sem

prejudicar a explanação feita no corpo do trabalho, a exemplo de questionários, formulários, roteiros de entrevista etc. No caso de haver mais de um apêndice, devem ser identificados por meio de letras maiúsculas consecutivas, separadas dos títulos por travessão.

Exemplo:

APÊNDICE A – (Título)

APÊNDICE B – (Título)

### **Anexos (opcional)**

São constituídos de documentos nem sempre elaborados pelo próprio autor e que complementam a intenção comunicativa do trabalho, tais como projetos de lei, decretos, gráficos, tabelas, recortes de jornal etc. No caso de haver mais de um anexo, devem ser identificados por meio de letras maiúsculas consecutivas, separadas dos títulos por travessão.

Exemplo

ANEXO A – (título)

ANEXO B – (título)

### **Índices (opcional)**

Consistem em listas de siglas, abreviaturas, figuras, tabelas, quadros, gráficos apresentados nos trabalhos científicos, de forma a facilitar a sua localização no texto.

## **Orientações para a redação da monografia**

Aspectos que devem ser observados na redação científica:

- » Objetividade, precisão e clareza;
- » Impessoalidade (sujeito indeterminado);
- » Apresentar uma sequência lógica de ideias;
- » Empregar padrões de língua culta e obedecer às normas gramaticais e ortográficas;

- » Utilizar frases simples e curtas, com linguagem clara, que comuniquem apenas uma ideia de cada vez;
- » Evitar o uso de jargões;
- » Número de páginas: de 30 a 80.

## Apresentação da monografia

- » Papel: A4.
- » Margem:
  - › Direita: 2,0 cm.
  - › Esquerda: 3,0 cm.
  - › Superior: 3,0 cm.
  - › Inferior: 2,0 cm.
- » **Fonte.** Times New Roman ou Arial, tamanho 12 para todo o texto, exceto para as citações com mais de três linhas (tamanho 10), notas de rodapé, paginação e legendas das ilustrações e tabelas.
- » **Paginação.** Todas as páginas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, mas não numeradas. A numeração é colocada a partir da página da Introdução, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha (Inserir/número de páginas).
- » **Espaçamento.** O texto deve ser digitado em espaço 1,5, exceto nas citações com mais de três linhas, nas notas de rodapé e no resumo/abstract, que devem ter o espaço simples.

É preciso descobrir os caminhos a seguir e os passos iniciais para planejar, projetar, redigir, concluir e apresentar o seu trabalho de conclusão do curso.

# CAPÍTULO 2

## Artigo científico

### Estrutura e apresentação

Vimos, em capítulos anteriores, que uma pesquisa científica deve contribuir para a construção do conhecimento, mas como contribuir para essa construção sem divulgar os resultados da pesquisa? Assim, devemos nos preocupar em conhecer os procedimentos básicos para comunicação de estudos científicos. Uma das formas de comunicarmos um estudo é por meio de um artigo científico.

Portanto, você aprenderá agora as normas para a apresentação de um artigo de conclusão de curso.

Um artigo bibliográfico é composto por diversas partes que podem variar de acordo com o(a) autor(a), com a editora e com o tipo de artigo elaborado, contendo de 20 a 25 laudas, porém iremos sugerir um modelo para que você possa se direcionar.



Considerações importantes para a elaboração de um artigo.

- » O artigo deve ser escrito em papel A4 (210 x 297 mm), em letra preta do tipo Times New Roman ou Arial, fonte tamanho 12. Os títulos devem ser

escritos em fonte 14, em negrito e caixa alta; as notas de rodapé e os textos de quadros e tabelas em fonte 10.

- » Para se destacar um elemento do texto, recomenda-se o uso de itálico para as palavras que não pertencem à língua portuguesa e de negrito para os demais destaques.
- » As páginas devem apresentar margem esquerda e superior a 3 cm; direita e inferior a 2 cm (NBR 14724/2001).
- » Todo o texto deve ser escrito em espaço duplo (NBR 14724/2002).
- » As citações longas e as notas de rodapé devem ser digitadas em espaço simples.
- » O número de cada página deve aparecer no canto superior direito da folha.
- » As páginas devem ser contadas a partir da folha de rosto.
- » A numeração das páginas que antecedem à introdução deve ser feita com algarismos romanos minúsculos (II, III, IV etc.).
- » As páginas a partir da introdução são numeradas em sequência, em algarismos arábicos, começando de 1 até a última página do trabalho.
- » As folhas de apresentação, dedicatória e epígrafe não possuem título nem indicativo numérico (mesmo sendo contadas).
- » As abreviaturas e as siglas, quando aparecem pela primeira vez no trabalho, devem vir acompanhadas dos respectivos nomes por extenso. A partir daí, devem ser usadas somente suas siglas ou abreviaturas.

## Elementos pré-textuais

### Título

Observe se o título do seu projeto de pesquisa permanece adequado ao seu artigo. Pode ser que, ao desenvolver sua pesquisa, você tenha seguido algum rumo que não havia planejado anteriormente, o que faz com que seu título deva ser refeito. Lembre-se de observar os três elementos necessários para compor o seu título:

- » População;
- » Problemática estudada;
- » Objeto de estudo.

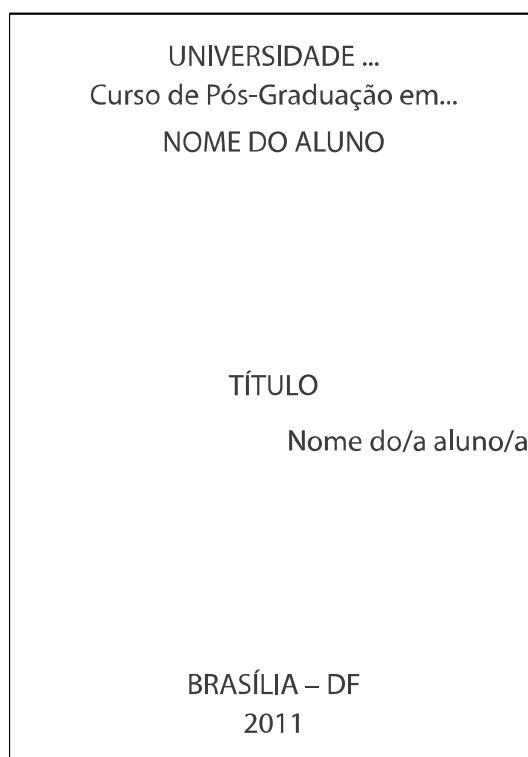
Sugere-se um máximo de 20 palavras para que o título não seja muito extenso.

Quando o título necessitar ser extenso, você pode dividi-lo em duas partes, separadas por dois pontos: a primeira deve indicar a problemática estudada e a segunda deve apresentar os outros dois elementos.

## Capa

A capa deve conter unidade de ensino, curso e disciplina no alto da página; título do trabalho em letras versais, centrado na folha; logo abaixo, o nome do autor e, no final da folha, local e data.

Figura 8.



## Folha de rosto

A folha de rosto deve conter os seguintes elementos: nome do autor, título do trabalho, natureza (tese, artigo, monografia e outros) e objetivo (aprovação em curso, disciplina e outros), nome da instituição a que é submetido, nome do orientador, local (cidade) e ano da entrega.

Figura 9.

<b>NOME DO/A ALUNO/A</b>
<b>TÍTULO</b>
Artigo apresentado à Universidade ... como requisito parcial para obtenção do título de especialista em "curso" sob a orientação Prof: _____
<b>BRASÍLIA – DF</b>
2011

## **Dedicatória**

Momento em que o autor do trabalho presta uma homenagem ou dedica o seu trabalho a alguém.

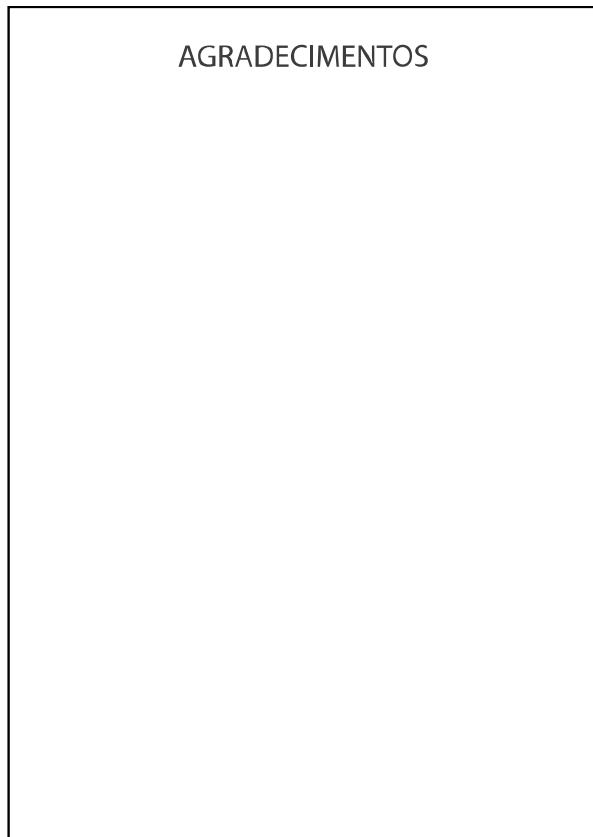
Figura 10.

DEDICATÓRIA
-------------

## Agradecimentos

Momento para o autor agradecer àqueles que contribuíram de maneira relevante para a elaboração do trabalho.

Figura 11.



## Epígrafe

Elemento opcional, em que o autor apresenta uma citação relacionada ao tema tratado em seu estudo. A citação deve ser seguida do nome do autor que a escreveu.

Figura 12.



## Resumo

O resumo é um elemento muito importante do trabalho! É a partir dele que outros pesquisadores terão acesso à pesquisa. Um resumo bem escrito deve apresentar o trabalho como um todo. Deve ser escrito em um único parágrafo, com no máximo 20 linhas (aproximadamente 300 palavras).

Segundo a ABNT, um resumo não deve conter citações, os verbos devem ser usados na voz ativa e na 3<sup>a</sup> pessoa do singular. Deve conter os seguintes elementos:

**Tema.** Inicialmente, deve-se apresentar o tema principal do artigo.

**Objetivo.** Como se trata de um resumo, geralmente só é citado o objetivo geral do trabalho. Porém, fica a critério do autor a colocação também dos objetivos específicos.

**Metodologia.** [...] Basta o autor citar que este estudo utilizou procedimento bibliográfico, o autor em quem se baseou e o ano da publicação de sua obra.

**Resultados.** Assim como a metodologia, não se trata aqui de descrever os resultados, porém de efetuar uma síntese do que foi tratado em cada capítulo.

**Conclusão.** Deve-se responder, sucintamente, se o objetivo geral alcançou ou não o que foi proposto no início do trabalho. No resumo não é comum se colocar limitações ou sugestões, fica a critério do autor.

**Palavras-chave.** Após pular uma linha, são colocadas as palavras que representam as variáveis que aparecem com mais frequência no estudo. Geralmente são as que aparecem no título e nos objetivos e alguma outra utilizada durante a realização do trabalho. Sugere-se não ultrapassar o número de 5 palavras.

Ex.: Palavras-chave: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_

Fonte: Martins Junior (2008, p. 175).

## Resumo em inglês

Deve apresentar a tradução do resumo para o inglês, com as mesmas informações já fornecidas. As palavras-chave também devem ser traduzidas e apresentadas após o *abstract*.

Ex.: *Keywords*: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_

## Sumário

Sumário é a indicação das principais divisões do trabalho, reportando às respectivas páginas. Os espaços vazios entre a última palavra e a respectiva página devem ser preenchidos com pontos.

A ordenação do sumário deverá seguir a forma utilizada no corpo do trabalho.

## Elementos textuais

### Introdução

A introdução deve ser escrita em um só item, sem subdivisões. Nela estão contidos a delimitação do problema, o problema formulado, as justificativas, os objetivos do trabalho e a metodologia utilizada que deverão aparecer de forma contínua, sem títulos e subtítulos. Todas as informações contidas reúnem-se sob o título Introdução.

Em uma pesquisa bibliográfica, não há necessidade de um item específico para a metodologia. Como já foi dito, esse item é descrito no decorrer da Introdução.

## Revisão de literatura

A revisão de literatura pode ser chamada também de revisão bibliográfica. Normalmente, é dividida em itens, subitens, tópicos e subtópicos. Pode ser dividida apenas em itens, tudo vai depender de como você escolherá distribuir os assuntos que farão parte dessa sessão.

Na revisão de literatura, você utilizará várias citações. As normas para as citações são descritas por Gressler (2004, p. 236-240) da seguinte forma.

**1. Citação direta ou textual.** São as transcrições que reproduzem *ipsis litteris* as próprias palavras do autor, respeitando-se todas as características formais, concernentes à redação, ortografia e pontuação.

- › A citação deve ser transcrita com indicação obrigatória da(s) página(s) e referência à fonte.
- › No caso de uma citação de até 3 linhas, esta vem incorporada ao parágrafo, entre aspas duplas.

Ex.: Segundo Ferrari (1990, p. 30), “as amostras não devem ser grandes ou pequenas, mas sim suficientes”.

- › Citações mais longas (mais de 3 linhas) devem ser reproduzidas em parágrafo próprio, com recuo de 4 cm da margem esquerda, digitadas em espaço simples e fonte de tamanho menor. Essa modalidade dispensa as aspas.

Exemplo:

As diretrizes orçamentárias são as leis que normatizam as metas e as prioridades da administração municipal, incluindo despesas de capital para o exercício financeiro subsequente, orientação para a elaboração da lei orçamentária anual, além de dispor sobre as alterações na legislação tributária local. As propostas de leis das diretrizes orçamentárias devem ser aprovadas no primeiro período legislativo (CORREIA, 2000, p. 84).

- › Quando a citação já contém expressões ou palavras entre aspas duplas, estas serão transformadas em aspas simples: ‘.....’.
- › Quando a citação for parte de um texto maior, deve-se inserir o sinal de reticências entre colchetes, para indicar a supressão da parte do

texto que se quis omitir. A omissão é permitida, desde que isso não lhe altere o sentido.

Ex.: “[...] recebe do meio em que vive estímulos [...] objetos e acontecimentos. Esses estímulos geram impressões, as quais são mentalmente elaboradas, resultando percepções [...]” (ULLMANN, 1989, p. 15).

2. **Citação indireta.** São chamadas paráfrases ou citações indiretas se apenas comentam e parafraseiam as ideias de outrem, sem reprodução de termos exatos.

Ex.: Segundo Best (2000), o processo de indução e dedução constitui elementos de análise e interpretação dos dados de uma pesquisa científica.

3. **Citação de citação.** Nem sempre é possível o acesso ao documento original. Nesse caso, pode-se reproduzir a informação já citada por outros autores utilizando-se a expressão latina *apud* (citado por, conforme, segundo).

Ex.: “O homem não se define pelo que é, mas pelo que deseja ser” (RATKEN, 1997 *apud* FINGER, 2000, p. 2).

## Conclusão

Chegamos à parte final do trabalho. Ao terminar a elaboração da conclusão, o artigo está praticamente pronto. Após esse momento, faz-se necessário formatar o trabalho e cumprir as exigências formais para entrega.

A parte denominada “conclusão” muitas vezes aparece com o nome de “considerações finais”. Pode-se optar por qualquer um dos termos. O importante é compreender que esse é o momento de apresentar os resultados dos dados coletados por meio da revisão bibliográfica. Os resultados devem estar relacionados aos objetivos de sua pesquisa.

A conclusão do trabalho deve ser escrita com as próprias palavras do autor. Aqui não se usam mais citações. É o momento de apresentar as conclusões do apresentado na introdução.

Sequência para se escrever uma conclusão:

- » Se foram formuladas perguntas na delimitação do problema, responda-as;

- » Faça uma síntese de cada capítulo, verificando se o seu conteúdo contribuiu para que fossem alcançados os objetivos formulados na introdução do trabalho.

Em função das sínteses anteriores, verifique, um a um, se os objetivos específicos foram alcançados (MARTINS JÚNIOR, 2008, p. 116).

Você consegue perceber como o trabalho foi se organizando?

- » Definiu-se uma proposta de trabalho apresentada na introdução como forma de problema de pesquisa, objetivos, justificativa e metodologia. Define-se o que se quer estudar, por que estudar, que respostas gostaria de encontrar e como estudá-lo.
- » Depois de definidas essas questões, coloca-se “a mão na massa” e realiza-se a pesquisa bibliográfica, investigando, na literatura científica, teorias que pudesse responder ao propósito do seu estudo.
- » Feita a pesquisa, chega o momento da conclusão, de dar um fechamento ao trabalho.

Muitas vezes, ao terminarmos um trabalho de pesquisa, ficamos com a sensação de que muito ainda tem a ser pesquisado e discutido sobre o tema. É certo que muito ainda tem a ser pesquisado! Ninguém consegue esgotar um assunto em um trabalho científico. Portanto, na conclusão, deve-se escrever sobre as limitações do trabalho. Ao longo da pesquisa, encontram-se outros temas, conteúdos, assuntos que são interessantes, mas que não se encaixam nos objetivos. É o momento de citá-los! Podem-se apresentar esses assuntos como limitações do estudo e sugerir outras novas pesquisas que os abordem.

Portanto, pode-se finalizar a conclusão, escrevendo sobre as limitações de estudo e apresentando sugestões para futuros trabalhos. Quem sabe algum pesquisador leia o artigo, se interesse pelas sugestões e isso sirva como ponto de partida para novos estudos?



Ao concluir um artigo é importante observar se todos os objetivos foram atingidos e se o problema da pesquisa foi respondido.

## Elementos pós-textuais

### Referências

Essa é a parte do trabalho em que devem constar todas as obras citadas ao longo do estudo. Só devem ser incluídas as obras citadas no corpo do texto. Livros que serviram de base, mas que não foram citados, não entram nas referências bibliográficas.

# CAPÍTULO 3

## Estudo do caso

Autores:

Marcus Paulo Rycembel Boeira

Rodrigo de Lima Vaz Sampaio

O estudo de caso é uma modalidade “prática” de composição de TCC.

Enquanto aprofundamento concreto nos problemas atinentes ao campo do Direito, o estudo de caso proporciona ao estudante maior contato com a realidade jurídica, servindo-se de várias possibilidades de composição, levantamento de dados e solução de problemas reais ou hipotéticos que povoam o imaginário jurídico dos estudiosos do Direito em geral.

Além disso, o estudo de caso é um tipo específico de uma metodologia geral, a saber, o chamado método do caso. Extremamente eficiente e operativo, esse método alude à conexão mais imediata e direta entre os fundamentos teóricos do conteúdo pretendido e a atenção dos alunos.

Isso porque, em vez de centrar a investigação na forma silogística, em que o conteúdo temático é apresentado mediante recursos abstratos, o estudo de caso permite um aprofundamento do aluno na realidade, partindo-se da experiência concreta de um caso selecionado para, após, verificar o universo das possibilidades teóricas subjacentes que orientam a solução ou as soluções possíveis decorrentes do problema apresentado. Dessa forma, o estudo de caso parte de um caso concreto, cheio de dificuldades e possibilidades, que amplia os recortes da imaginação com os dilemas práticos concernentes à atividade do estudioso do Direito.

O estudo de caso é comumente identificado como metodologia de participação utilizada em processos investigativos que têm como escopo instrumental facilitar o entendimento e promover maior atenção do estudante aos aspectos indispensáveis para a compreensão de determinado campo do conhecimento jurídico e humanístico em geral. A ampliação do universo problemático advindo com o estudo de caso é contraposto pela densidade pragmática inerente ao caso concreto, analisado, explorado e cotejado em seus diversos pontos.

O alto grau de realismo presente no estudo de caso tem o condão de estimular o exercício das habilidades técnicas e práticas das partes envolvidas, tanto professores

quanto alunos, de maneira a possibilitar maior interação entre a captação teórica e a prática concreta da vida jurídica.

Para o sucesso do estudo de caso, porém, é fundamental que alguns aspectos e questionamentos prévios sejam levantados pelos estudantes que se propõem a reconstruir o caso. Há, para tanto, um roteiro auxiliar, voltado para facilitar tanto a montagem quanto execução do estudo.

Trata-se de um conjunto de questões com o qual os estudiosos do Direito podem reconstruir o caso em questão. Existem, por óbvio, diversas outras perguntas específicas que cada caso em particular poderia suscitar. Porém esse roteiro possibilita o acesso, tanto para o aluno em primeiro contato com o estudo de caso, como para o profissional que precisa de uma estrutura básica de problematização em sua análise jurídica, de um conjunto de perguntas e problemas fundamentais e indispensáveis que servem para qualquer caso.

Ao final deste roteiro, o estudioso do Direito terá em mãos uma reconstrução do caso analisado, por meio do qual poderá, com maior pertinência jurídica e prudencial, tratar as questões fáticas e jurídicas envolvidas.

## Roteiro

### » **Aspectos fáticos do caso**

- › (Denominação do caso) Qual é o nome do caso?
- › (Identificação temática) Qual é o contexto em que o caso se situa? De que se trata?
- › Quais são os fatos relevantes? Responda às perguntas: quem, onde, quando, quanto, como, por que etc.
- › (Problemas) Qual é o problema principal? Existem problemas secundários?
- › Existem problemas importantes que não estejam assinalados no texto do caso ou nas questões ventiladas pela doutrina?
- › (Qualificação) Quais são as partes envolvidas? Qual a pretensão processual de cada uma delas? Quais os argumentos fundamentais que elas alegaram? Quais interesses materiais poderiam ter induzido as partes na demanda? As partes teriam outras alternativas?

- › (Complementação) Que informações relevantes talvez não tenham sido expressamente mencionadas no texto?

» **Aspectos jurídicos do caso**

- › (Referências da ciência do Direito) Que conceitos, teorias, instituições jurídicas ou modelos de análise podem ser aplicados ao caso? Quais foram efetivamente aplicadas?
- › (Referências de aplicação do Direito pelo Estado) Que princípios e normas jurídicas, legais ou jurisprudenciais, e documentos (normas contratuais) relacionam-se ao problema?
- › (Alternativas de solução) Quais alternativas de solução se apresentam? Quais delas são juridicamente possíveis? Quais delas se aplicam segundo as circunstâncias concretas do caso? Que consequências teriam cada uma dessas alternativas?

» **Análise crítica da decisão**

- › Existem aspectos fáticos ou jurídicos que você não comprehende completamente?
- › Quais críticas poderiam ser apresentadas aos argumentos de cada uma das partes e da decisão proferida?
- › (Estratégia advocatícia) Qual curso ou plano de ação você aconselharia como advogado de cada uma das partes? Teria levado aos mesmos cenários em consideração?
- › (Solução judicial) Que solução concreta você adotaria se tivesse de decidir o caso como julgador?

# Referências

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1996.

ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. Disponível em: <<http://www.livrosparatodos.net/downloads/filosofia-da-ciencia.html>>. Acesso em: 27 jun. 2008.

ALVES-MASZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2004.

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: noções práticas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **Referências bibliográficas**: NBR 6023. Rio de Janeiro: ABNT, ago. 2002.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação**: apresentação de citações em documentação: NBR 10520. Rio de Janeiro: ABNT, ago. 2002.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação**: trabalhos acadêmicos; elaboração: NBR 14724. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Informação e documentação**: trabalhos acadêmicos; elaboração: NBR 14724. 3. ed. Rio de Janeiro: ABNT, abr. 2011.

AZEVEDO, C. A. M.; AZEVEDO, A. G. de. **Metodologia científica**. Porto Alegre: Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

---

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. M. de; CAMPOLINA, L. de O.; PEDROZA, R. L. S. **A pesquisa bibliográfica na psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva qualitativa.** Trabalho apresentado na XXX Reunião Anual de Psicologia. Brasília. 26-29 de Outubro, 2000.
- BARRETO, A. V. P.; HONORATO, C. T. **Manual de sobrevivência na selva acadêmica.** 3. ed. Rio de Janeiro: Objeto Direto, 1999.
- BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica:** um guia para a iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BASTOS, L. da R. *et al.* **Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisas, teses, dissertações e monografias.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Um manual prático. Petrópolis, Vozes: 2003.
- BELLO, J. L. P. **Metodologia científica:** manual para elaboração de textos acadêmicos, monografias, dissertações e teses. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, 2008.
- BERGO, H. **A comunicação em sala de aula.** Brasília: CETEB, 2005.
- BIASOLI, A. Z. M. M. A pesquisa em psicologia: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.** Ribeirão Preto: Programa de Pós-graduação em Psicologia. Ed. Legis Summa, 1998.
- BOAVENTURA, E. **Como ordenar as idéias.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1977.
- BRANCO, A. U.; ROCHA, R. F. da. **A questão da metodologia na investigação científica do desenvolvimento humano.** Psicologia: teoria e pesquisa, 14, 3, pp. 251-258, 1998.
- BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, S. W.; SOUZA, L. M. **Compreensão e produção de textos.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CHAVES, M. A. **Projeto de pesquisa**: guia prático para monografia. Rio de Janeiro: Wak, 2004.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2006.
- DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DENCKER, A. de F. M.; DA VIÁ, S. C. **Pesquisa empírica em ciências humanas**: com ênfase em comunicação. São Paulo: Futura, 2001.
- D'ONOFRIO, S. **Metodologia do trabalho intelectual**. São Paulo: Atlas, 1999.
- DIAS, C. **Pesquisa qualitativa**: características gerais e referências. Maio 2000. Disponível em: <[www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf](http://www.geocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2008.
- DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.
- FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- ESTEBAN, M. P. S. Perspectivas Teóricas da Investigação Socioeducativa. In: **Investigación culiatativa em Educación**. Fundamentos Y Tradiciones. Madrid: Mc Graw Hill, 2003, pp. 49-55.
- FIGUEIREDO, N. M. A. de. **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul: Yendis, 2004.
- FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. **Psicologia**: uma nova introdução. 2. ed. São Paulo: Educ, 1977.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- GALIANO, A. G. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Harbra, 1986.
- GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

- \_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa:** projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2004.
- GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** São Paulo: Alínea, 2003.
- GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia:** caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- HOUAISS, A. *et al.* **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ITAJAÍ, Universidade do Vale do. **Elaboração de trabalhos acadêmicos-científicos.** 2003. Disponível em: <<http://lob.incubadora.fapesp.br/portal/t/metodologia/manual.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2008.
- JULIANA, M. T. **Redação Pró Cursos**, s/d.
- JUPIASSU, H. **O mito da neutralidade científica.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica:** teoria da ciência e iniciação à pesquisa. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Metodologia científica.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 2001.
- LEITÃO, E. **Argumentação e relatório.** Brasília: Texto, 1998.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MACKENZIE. **Apresentação de trabalhos acadêmicos. Guia para alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie.** São Paulo, 2003.
- MADUREIRA, A. F. do A.; Branco, A. U. **O uso da entrevista na pesquisa qualitativa em Psicologia do Desenvolvimento.** Trabalho apresentado na XXX Reunião Anual de Psicologia. Brasília. 26-29 de Outubro, 2000.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

- MARTINS, G. de A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARTINS JUNIOR, J. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MATTAR, J. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- MEDEIROS, J. B. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Redação empresarial**. São Paulo: Atlas, 2001.
- NUNES, C. A. **Aprendendo filosofia**. Campinas: Papirus, 1986.
- OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PÁDUA, E. M. M.. O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica. In: CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Metodologia científica**: fundamentos e técnicas. 7. ed. Campinas: Papirus, 1998. (Construindo o saber.)
- PLATÃO; FIORIN. **Para entender o texto**. Leitura e redação. São Paulo: Ática, 1999.
- PEDRON, A. J. **Metodologia científica**: auxiliar do estudo, da leitura e da pesquisa. Brasília: Edição do autor, 1998.
- PERRENOUD, P. **A prática reflexiva do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PUNTEL, L. **Não aguento mais esse regime**. São Paulo: Ática, 1988.
- QUERINO, M.; BRÜGGER, M. T. **O desafio da redação acadêmica**. Brasília: CETEB, 2004.
- RAMOS, P.; RAMOS, M. M.; BUSNELLO, S. J. **Manual prático de metodologia da pesquisa**: artigo, resenha, monografia, dissertação e tese. Blumenau: Acadêmica, 2003.
- RESENDE, L. M. G. de. O sujeito reflexivo no espaço da construção do projeto político- pedagógico. In: VEIGA, Ilma P. A. (Org.). **As dimensões do Projeto Político-pedagógico**: novos desafios para a escola. São Paulo: Papirus Editora, 2001.
- RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia:** elementos de metodologia do trabalho científico. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

\_\_\_\_\_. **Como fazer uma monografia.** São Paulo: Martins Fonte, 1993.

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica:** elaboração e relatórios de estudos científicos. Porto Alegre: Sulina, 1977.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SGARBI, L. A pílula dos cientistas: por que os pesquisadores fazem uso de medicamento para hiperatividade na hora do trabalho. **Revista Isto É**, Rio de Janeiro, nº 2006, ano 31, p. 94, abril, 2008.

SILVA, C. B. da C.; DANTAS, J. A. **Curso básico de arquivo.** Brasília: CETEB, 2008. (no prelo)

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia de pesquisa e elaboração da dissertação.** Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância, 2000. Disponível em: <<http://www.led.ufsc.br>>. Acesso em: 16 set. 2006.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias:** acadêmica, da ciência e da pesquisa. 4. ed. Belém: UNAMA, 2001.

TEIXEIRA, G. **Por que e para que a pesquisa bibliográfica?** Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=21&texto=1354#>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

UniCEUB. **Manual de elaboração de monografia.** Brasília, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para apresentação de trabalhos.** Curitiba: Ed. da UFPR, 8 v.

UFSC/PPGEP/LED. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis, 2001.

VILLAMÉA, L. Sermões plagiados: para combater cópia de homilias, igreja da Polônia lança livro e acena até com possibilidade de prisão. **Revista Isto É**, Rio de Janeiro, nº 2010, ano 31, p. 94, maio 2008.

VIEGAS, W. **Fundamentos lógicos da metodologia científica**. Brasília: UnB, 2007.

WALLENHAUPT, S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: Razão Bureau, 2004.

VERÍSSIMO, L. F. **O analista de Bagé**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

VILLAS-BOAS, B. M.. Avaliação formativa: em busca de desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In: VEIGA, I. P. A. **As dimensões do projeto político pedagógico**. São Paulo: Papirus, 2001.

### **Sites**

<www.scielo.br>.

<www.capes.gov.br/periodicos>.

<www.mec.gov.br>.